Diário de Lisboa

Outubro 1978
Terça-feira
24

ANO 58.º
N.º 19 790
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

CGTP REVELA DEPOIS DO ENCONTRO COM SILVA LOPES

Vai tudo outra vez aumentar de preço

• CP recebe 200 mil contos para salários

A curto prazo deverá haver uma revisão (entenda-se: subida) dos preços dos produtos contidos no «Cabaz de Compras» – foi uma das conclusões tirada pela delegação da CGTP -Intersindical, que ontem teve uma entrevista com o ministro das Finanças e do Plano, Silva Lopes.

O facto resulta das explicações dadas pelo ministro acerca dos recentes aumentos dos combustíveis, com vista, como já foi explicado, a repor o Fundo do Abastecimento aos níveis de 1977 (actualmente estaria no zero). No entanto, mesmo com essas medidas, face à inflação e aos aumentos de preços, não seria possível manter os actuais preços.

A agenda para este encontro, ao qual compareceram, por parte da Intersindical, José Luís Judas, Carlos Carvalho e Eugénio Rosa, tinha sido preparada na altura do pedido de entrevista. Mas, dado que o actual governo está a terminar as suas funções, os pontos nela contidos revelaram-se ultrapassados.

O aumento do custo de vida constituiu, assim, o essencial do diálogo travado com o ministro. Aliás, aquele membro do Governo reconheceu que têm sido, desde 1975, os trabalhadores a pagar a crise com que se debate o nosso País.

Para o ministro Silva Lopes, que se fez eco das receitas do FMI, para travarmos a inflação teremos de diminuir o consumo e manter os níveis de produção a níveis baixos.

Uma outra questão importante colocada pela delegação da CGTP-IN foi a das empresas nacionalizadas (como a Cometna, Sorefame e Equimetal) onde os salários não têm vindo a ser pagos com regularidade. Ao problema o ministro respondeu que, embora, não prevendo uma regularização da situação, ela seria ultrapassada com a concessão de uma dotação de 400 mil contos à CP.

De facto, quase todas aquelas empresas são credoras da empresa pública que explora os caminhos - de - ferro portugueses. A referida dotação, num total de 400 mil contos, destina-se em partes iguais, ao pagamento de salários na CP e à satisfação de dívidas.

Comentando a reunião, à saída, José Luís Judas referiu o facto de não ter havido conclusões, «tanto mais que as opiniões do sr. ministro foram mais pessoais do que outra coisa, dado que o Governo praticamente acabou».

Por outro lado, e ao relatarnos o teor da reunião, Carlos Carvalho referiu-se nos seguintes termos ao cabaz de compras: «Não passou de uma burla».

FERREIRA DO AMARAL AINDA NÃO RESPONDEU ÀS UCP'S

Évora, Beja e Portalegre paralisam toda a tarde

A política repressiva do MAP de Vaz Portugal e Ferreira do Amaral irá esta tarde, pelas 16 horas, ser posta publicamente em causa através da paralisação de milhares de trabalhadores dos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Setúbal, Lisboa e Porto, dando assim forma a um apelo lançado há dias pelos Secretariados das UCP's e Cooperativas da zona da Reforma Agrária, na sequência dos «espancamentos e ilegalidades» cometidos pelo Governo demitido de Nobre da Costa ao mobilizar fortes contigentes da GNR contra os camponeses alentejanos, precisamente no momento em que estavam a decorrer as sementeiras.

Em Beja, Évora e Portalegre, os operários agrícolas paralisam durante toda a tarde, enquanto outros seus companheiros de outros sectores de actividade apenas fazem das 16 às 16 e 30. Em Aljustrel, Beja, Castro Verde, Moura e Odemira (no distrito de Beja), Évora Montemor, Mora, Redondo, Portel e Vendas Novas (no distrito de Évora), Alter do Chão, Elvas, Ponte de Sor e Sousel (distrito de Portalegre) às paralisações seguir-se-ão concentrações de trabalhadores e população em geral. Nos distritos de Setúbal e Lisboa, as paralisações far-se-ão respectivamente por períodos de 10 e de 30 minutos, não estando previstas concentrações. A Comissão de Trabalhadores da «Renascença Gráfica», empresa proprietária do «DL», dá o seu apoio à paralisação, por idêntico período.

Enquanto isto, Ferreira do Amaral ainda não tinha divulgado, até à hora do fecho do nosso jornal, a sua posição face às propostas que ontem lhe foram apresentadas por uma delegação dos Secretariados das UCP's e Cooperativas. Entre as condições de prossecução do diálogo apresentadas pelos representantes dos trabalhadores figura a imediata retirada das forças da GNR dos terrenos a desocupar. Os interlocutores de Ferreira do Amaral (que nos informaram ter estado esta manhã em reunião com o titular do MAP) reivindicaram ainda que, na aplicação da 'Lei Barreto'», sejam tidos em consideração outros aspectos além da entrega de reservas, nomeadamente a reabertura do crédito agrícola. Por outro lado, para a devolução das reservas, propõem a adopção de um critério que vise o menor prejuízo possível para as UCP's.

Durante a reunião, que durou cerca de duas horas, a delegação entregou ao secretário de Estado da Reestruturação Agrária uma relação das terras por expropriar, bem como um documento no qual constam as dívidas do Estado às cooperativas. A delegação, que era constituída por cinco membros, fez ainda uma exposição sobre as heradades que foram entregues, pela força, aos agrários. À saída do encontro, um dos seus membros afirmou aos jornalistas não ter havido qualquer acordo com o MAP, já que, referiu, «o senhor secretário de Estado se limitou a

Continua na pág. 20

Bateram todos em Cardia

Ministros da Educação do antes (Hermano Saraiva e Veiga Simão) e após (Sottomayor Cardia) 25 de Abril, lado a lado com António Brotas, secretário de Estado no VI Governo, e António Hespanha (director-geral nos IV e V provisórios, discutiram, ontem, a política do sector nos governos de que fizeram parte. Um saldo possível: Veiga Simão bate-se por uma vincada imagem de esquerda e pela justeza do seu projecto, atacando em especial a política «normalizadora» de Cardia; Hermano Saraiva assegura ser tempo de olhar ao futuro e não de fazer a «arqueologia da Educação». Cardia concitou a unanimidade: foi atacado por todos e a todas as críticas pouco soube responder.

(Pág. 8)

Mota Pinto, Nobre da Costa ou...

QUEM SERÁ O NOVO "PRIMEIRO" DO FMI?

Nome só ao fim da tarde

O nome do novo primeiro-ministro que irá gerir o País de acordo com o «modelo» imposto pelo FMI continuava no segredo de Belém até ao princípio da tarde. O general Ramalho Eanes, que, como todas as terças-feiras, ocupou a manhã em reuniões no EMGFA, mantinha o «suspense». Em Belém a informação era, entretanto, de que se desconhecia a hora e mesmo o processo que seria utilizado para comunicar a resolução presidencial. Nas sedes dos partidos aguardava-se. A mesma situação verifica-se em relação ao Conselho da Revolução. Sabe-se, todavia, que a decisão presidencial será ainda hoje comunicada ao País e que isso deverá acontecer ao fim da tarde. Os nomes em foco continuam a ser os de Mota Pinto e Nobre da Costa, mas ninguém garantia quaisquer certezas em relação a um ou a outro. Em termos de probabilidades, a maioria das opiniões continuava a inclinar-se para Mota Pinto. «Tem 75% de probabilidades de ser esse o nome» – disse-nos uma das muitas fontes por nós contactadas. Partindo desta previsão, restam 25%, a repartir por Nobre da Costa (sem dúvida a maior porção), mas sem excluir outras hipóteses, que tanto poderão passar por Barbosa de Melo como por outro nome menos em foco.

Mário Castrim critica filme de Delegado na TV

(Pág. 15)

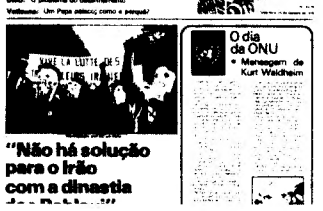
Petróleo vai subir entre 10 e 15 por cento

(Pág. 20)

APU e PS abrem jogo em Évora

(Pág. 6)

EXCLUSIVO



"Não há solução para o Irão com a dinastia

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

O Dia das Nações Unidas e os esforços a favor do desarmamento e da paz são temas desenvolvidamente tratados no «Exclusivo». O nosso suplemento inclui ainda oportunos textos sobre a situação no Irão e os sindicatos nos Estados Unidos, informações sobre a forma como decorreu a eleição do Papa, a continuação do estudo sobre as multinacionais, etc.

SINDICATO DOS PROFESSORES
Zona da Grande Lisboa

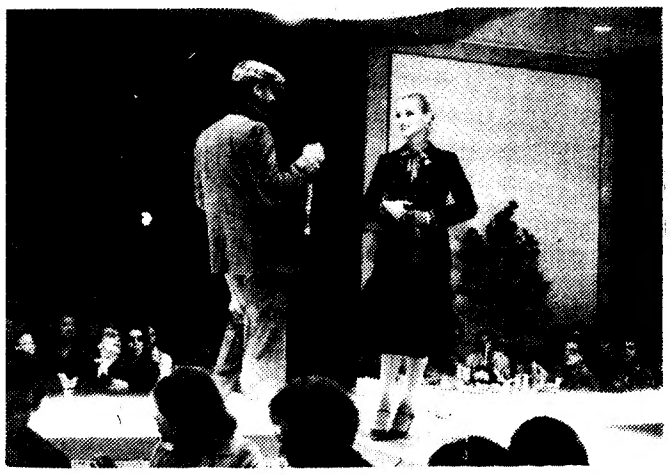
ATENÇÃO
Professores não colocados

1. No dia 23-10-78 saíram as listas de colocações da 2.ª fase.
2. Inicia-se hoje dia 24-10-78 e no prazo de 3 dias o «miniconcurso».
3. Os Conselhos Directivos deverão cumprir as normas regulamentares, consignadas no despacho 51/78 do D.R. II série de 22 de Agosto.

ASSINA: **O Secretariado do CPES/ES**
Pel'a Direcção
Maria da Graça Fernandes

Ref. Com.

Voltam os chapéus e as luvas



Saias esguias e curtas, «tailleurs» com duas fantasias diferentes, casacos largos e confortáveis, enfim a novidade do reaparecimento de chapéus e luvas são características da moda feminina para o Outono-Inverno apresentada recentemente no Hotel Sheraton pela casa Sérgio Sampaio, que também sublinhou o estilo prático dominante no sector «boutique». A passagem de modelos, com a assinatura de Maria da Guia, foi feita por Maria Leonor e não esqueceu a moda masculina, este ano marcada pelo regresso do paletó com costas imponentes e mangas «réglan».

Pub.

SINDICATO DOS MARINHEIROS MERCANTES DE PORTUGAL

MOÇÃO

O ataque à Reforma Agrária, nacionalizações e às liberdades é uma exigência do F. M. I. a fim de mais explorar o povo trabalhador.

Os agrários parasitas querem recuperar os privilégios perdidos no 25 de Abril a coberto do Governo demitido de Nobre da Costa.

Os trabalhadores do mar estiveram em luta cerca de 80 dias pela conquista do seu CCT, tendo mostrado a sua força e a sua unidade.

Tal como a luta em defesa da Reforma Agrária e a luta da Marinha Mercante e todas as lutas que se travam neste momento, não podem ficar isoladas, só a unidade de todos os trabalhadores poderá opor-se à recuperação capitalista.

O Sindicato dos Marinheiros solidariza-se com a luta dos trabalhadores agrícolas em defesa da Reforma Agrária e repudia os ataques e a repressão de que estão a ser vítimas por parte das forças militarizadas.

VIVA A REFORMA AGRÁRIA!
A TERRA A QUEM A TRABALHA!
EM DEFESA DAS CONQUISTAS DE ABRIL!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

ANTES DE FAZER UMA VIAGEM...

Certifique-se do estado dos travões, direcção, suspensão, luzes e pneus.
Disso depende a sua vida e a dos outros.

circular é viver

o diário

UM PROTESTO SERENO

Da secção «Registo», a propósito das paralisações desta tarde no Alentejo:

«Os trabalhadores agrícolas de Portalegre, Évora e Beja suspenderão hoje, durante a tarde, a faina das sementeiras e todas as demais actividades para protestarem contra a operação repressiva lançada pelo MAP, contra a Reforma Agrária. Não estarão sózinhos. Nesses distritos e em Lisboa e Setúbal eles terão a seu lado, solidários, centenas de milhares de trabalhadores de outras profissões, que paralisarão por períodos de dez a trinta minutos.

A gente das UCP e Cooperativas e pequenos e médios agricultores, reunidos em cidades e vilas do Alentejo, vão dizer bem alto o seu basta ao arbítrio e à violência do MAP.

É um protesto sereno de quem, esforçando-se nestas semanas do Outono para produzir mais e melhores alimentos destinados ao Povo, sofre a brutal repressão de um Governo demitido. É um protesto sereno que recebeu a solidariedade maciça dos trabalhadores das cinturas industriais de Lisboa e Setúbal. E é também uma advertência tranquila, democrática, do mundo do trabalho de que se torna urgente pôr fim aos desmandos da equipa do MAP».

Diário de Notícias

AULAS SOBRE LOJAS DE ANIMAIS

De um artigo de António de Sousa sobre a vontade de Mirandela de passar a cidade:

«Um paradoxo é o que se passa ao nível do ensino. Enquanto se reclama para Mirandela a instalação de algumas faculdades de uma futura universidade a criar no Nordeste Transmontano, existem ao nível primário problemas gravíssimos, que terão de ser resolvidos prontamente. «Em algumas salas de aula, a professora está a leccionar com lojas de animais por baixo, o soalho esburacado, com todos os inconvenientes daí decorrentes». Isto acontece em Vilar de Ouro, Fonte Taul e noutras aldeias, conforme nos salientou o primeiro responsável pelo concelho. De facto, para além da necessidade de algumas salas para o ensino primário, Mirandela dispõe hoje do ensino liceal e técnico comercial e industrial, ciclo preparatório, uma escola agrícola com mais de três centenas de alunos e ainda uma escola de música com cerca de sete dezenas.

Diário Popular

ESQUERDISMO VERBAL

Do artigo do colaborador de vários jornais César Oliveira, a propósito do congresso do PS em Tróia:

«Quem alimentasse secretamente a esperança, quem pudesse ainda pensar que havia «alguma coisa a fazer», quem, pacientemente, esperesse as virtudes potenciais de uma regeneração, quem acalentasse a ilusão de uma «reflexão» profunda e redentora, quem, enfim, sonhasse com um trabalho paciente e discreto que permitisse um feliz regresso às origens – **quem assim pensou e procedeu** – teve, no fim-de-semana de Tróia do PS, a prova da verdadeira face de um partido que tem teimado em jogar na ambiguidade e num «esquerdismo» palavroso para melhor fazer passar o verdadeiro projecto de uma social-democracia da direita que cada vez se mostra mais próxima do republicanismo liberal.»

ENSINO

HORAS E HORAS NA "BICHA"

Começaram as inscrições no Ensino Superior

Com horas e horas na «bicha» para a compra de impressos e selos, principiaram ontem as matrículas para os 3.º, 4.º e 5.º anos da Universidade de Lisboa, à excepção da Faculdade de Letras.

Bastaria que funcionassem mais «guichets» ou que a venda de impressos fosse feita nos «guichets» das diferentes Faculdades, para que desbloqueasse esta situação e evitasse tanta perda de tempo. Muitos são trabalhadores-estudantes que perdem dias para conseguirem inscrever-se.

Julga-se que talvez na próxima semana, os estudantes da Faculdade de Letras possam matricular-se, caso o Conselho Científico de Letras ultrapasse as dificuldades levantadas pelo decreto de reestruturação, promulgado pelo ministro Sottomayor Cardia. De qualquer maneira, um conselho: as matrículas terminam no próximo dia 10. Não deixe para o último dia! Evite as «bichas».

Também os estudantes aprovados no Ano Propedêutico principiaram a receber, nas instalações onde funcionaram os serviços de apoio a este ano escolar, na Avenida 5 de Outubro, o boletim de candidatura indispensável para a matrícula no primeiro ano da Universidade. Neste boletim, os alunos deverão mencionar os cursos em alternativa, caso não existam vagas naqueles para que, inicialmente, se tinham candidatado.

Por último, e ainda a respeito de matrículas, prevê-se a abertura das inscrições dos candidatos ao Ano Propedêutico para os fins de Novembro. De qualquer forma, o início das actividades está programado para o dia 13, uma vez que para a frequência das aulas não se torna indispensável a efectivação da referida matrícula.

CONDE OEIRAS FUNCIONA

Forças Armadas emprestam instalações do Lar Académico

Parece estar resolvido o problema da secção do Ensino Preparatório da Escola Conde Oeiras, a funcionar no Lar Académico, edifício das Obras Sociais das Forças Armadas. De facto, aguardava-se que esta manhã fosse assinado o protocolo de empréstimo das instalações, no decorrer de uma reunião na Câmara Municipal de Oeiras, entre representantes do Estado-Maior-General das Forças Armadas, MEC e direcção da Escola.

Todos os anos surge o mesmo problema: as Forças Armadas querem as instalações, mas por fim lá acabam por ceder à escola. Para continuar a ceder o Lar Académico, as Obras Sociais das Forças Armadas querem que a CM de Oeiras ceda terreno para construir um edifício de apoio à 3.ª idade. Parece que isso já foi aceite verbalmente pela Câmara. Este ano porém, uma «estranha cláusula» no contrato de empréstimo levou ao adiamento das aulas que deveriam ter começado ontem.

A possibilidade dos 500 alunos do propedêutico serem postos na rua no prazo de 30 dias, se o terreno não fosse cedido, levou a que o MEC desaconselhasse a assinatura do contrato por parte da Escola. Se o problema for resolvido, de novo, resta encontrar uma solução que não se repita todos os anos.

Assembleia de Escola na Faculdade de Letras

Realiza-se no próximo dia 31, pelas 10 horas, no Anfiteatro I da Faculdade de Letras uma Assembleia Geral de Escola que terá como ordem de trabalhos: «Informações – Eleição da Mesa e Problemas relacionados com o início do novo ano lectivo».

Com a indefinição dos cursos de Letras, a imprevisibilidade do início das aulas, adiamento das matrículas, supõe-se que esta assembleia revestirá imensa polémica. Apenas num ponto, as opiniões não divergem: a oposição ao decreto de reestruturação promulgado pelo ministro Sottomayor Cardia.

A "caçada" ao homem do monárquico Amaral

Eu vi um cão com dentes muito aguçados. Não sei se era «Lobo de Alsácia», se era canino da «Serra d'Aires». O que sei é que ferrou, ferrou, e o camponês gemeu (porque não escrever chorou) de dor, de raiva, de impotência.

E alguns GNR's sorriram. Outros morderam os lábios (de espanto), outros lembraram os pais, as mães, os avós, os bisavós, camponeses, artesãos, e, direi mesmo, recuaram, suspenderam a marcha, arrearam os bastões.

E os mais novos (os menos curtidos, os menos «prontos» na gíria da repressão) roeram as unhas, rangeramos dentes e anteviram-se, também eles, camponeses. De samarra, alforge ou gibão. De foice ou enxada.

E quando as câmaras (de «video-tape»), que a GNR agora usa, começaram a filmar as cargas, as bastonadas, as dentadas de cães amestrados, os saltos entre torrões de barro vermelho das «chaimites», houve um camponês que disse: «Daqui só nos arrancarão quando a terra for carvão.»

Eram doze horas de há quase um ano, num montado de Arraiolos, e a Reforma Agrária, apesar de jovem, já era Catarina. E depois de Arraiolos, outros Arraiolos vieram. Tornando possível esse gesto aviltante, em que homens lançam cães contra homens? E tanto mais revoltante quando se tenta justificar tal acto em nome da legalidade, em nome da democracia.

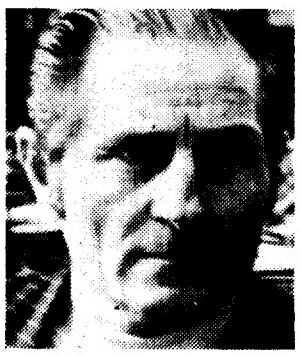
Que legalidade? Que democracia?, perguntamos. Só se for em nome da democracia (monárquica) do senhor Ferreira do Amaral, da monarquia latifundista e feudal, reminiscência dos seus avoengos e maiores, em que mandar, em plena Idade Média, um cão contra um servo era tão banal, como açudá-lo, em alegre caçada senhorial, contra lebres, veados, javalis ou lobos ferozes.

Manuel Geraldo

ponto a ponto

O primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, visitará Portugal a convite do CDS, segundo declarou Freitas do Amaral, no seu regresso de Madrid, onde assistiu ao congresso da UCD. O líder do CDS informou ainda que Suarez reafirmou o desejo de vir a Lisboa, a convite do seu partido no decorrer de um almoço em que participaram também Sá Carneiro e Margareth Tatcher, do Partido Conservador inglês.

As Comissões de Trabalhadores e Sindicatos ligados às empresas nacionalizadas das pescas realizam amanhã, pelas 9 e 30, no Sindicato dos Trabalhadores de Imprensa, uma importante conferência de Imprensa onde serão abordados problemas do sector designadamente boicotes e pressões de todos os níveis que visam liquidar aquele sector público da nossa economia.



Com a presença do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, na Base Aérea n.º 3 em Tancos o juramento de bandeira de 600 soldados pertencentes às especialidades de polícia aérea, sapadores bombeiros clarins e amanuenses.

Vasco Cal, delegado da CGTP-IN, participa, como membro da delegação portuguesa, nos debates da reunião do Comité Consultivo da Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA), que ontem se iniciou em Genebra. Recorde-se que nos ministérios de Marcelo Curto e Gonelha a representatividade da CGTP era ignorada perante a surpresa, por exemplo das organizações sindicais dos países nórdicos ligados à EFTA.

Três dias depois da presença de Maldonado Gonelha em Évora para abordagem de temas sindicais, é a vez de Marcelo Curto presidir amanhã, na mesma cidade, a uma reunião dos secretários do Trabalho de todas as secções e núcleos socialistas do distrito. Teremos «guerra» de competências entre os dois dirigentes do sector do Trabalho do PS?

O novo embaixador da Jugoslávia em Portugal, Alexander Manetoric, fez ontem, em Belém, a entrega das suas cartas credenciais ao Presidente da República, general Ramalho Eanes.

Escuta, meu rapaz!

ISABEL DA NÓBREGA

A narrativa.

Quando nos sentámos, o rapaz da mesa ao lado falava para a rapariga na sua frente.

Escolhemos na ementa coberta de mica o prato que apetecia, trocámos impressões, atacámos o pão e o vinho, retomámos o assunto interrompido pela travessia do restaurante.

Ali à beira, o que primeiro fora um zumbido aclarava-se agora ao ouvido ambientado. Falava o rapaz. Falava ininterruptamente. De problemas de uma empresa. De reuniões a ter. De pontos de vista em confronto, de atitudes a tomar.

Expunha teorias, desenrolava argumentos, analisava situações e estratégias. Muito termo técnico, algumas palavras - muleta, mas uma certa facilidade de expressão. E, era claro, o gosto de se ouvir a si próprio. A rapariga, concluia-se que trabalhava na mesma empresa mas numa secção diferente.

Duas, três vezes tentou atalhar, dar opinião com acenos de concordância. Não conseguiu.

Então, resignada, ora olhava para longe, um longe-dentro, usando o recurso do meio-sorriso, ora o fitava muito séria, sinceramente disposta a comparticipar no diálogo pela atenção oferecida. Percebia-se-lhe nitidamente o esforço.

Por vezes corava. Era a impaciência a subir-lhe ao rosto. Era a consciência da decepção. Uma vez disse: «Bem, vamo-nos embora...» e ele, que há muito bebera o café, protestou logo: «Já? Quando eu estava a gostar de conversar contigo!»

Dominei-me para não lhe perguntar se ele tinha a certeza de «estar a conversar» com ela...

(Dominei-me mal... Acabo por vir fazê-lo aqui...)

Dir-me-ão que exagero, que efabulo. Nada disso. Narro apenas uma tão clara situação. Ela não era a mulher nem a rapariga dele. Devia ser colega e nem o seria muito. Ele teria reparado nela alguma vez e ter-lho-ia dado a perceber. (Mas, puro instinto ou táctica garantida, logo «recolhera»). Um olhar que se fixa, intenso, por segundos, uma centelha bip-bip já está, já passou o que foi não foi nada; rápida, uma palpitação em qualquer lugar do rosto, e ninguém pode assegurar tê-la vislumbrádo. Daí a expectativa de novo olhar, de novo encontro, da vez seguinte, suspensa do mínimo sinal a criatura, suspensa dessa promessa soberba que é ser-se notada, dinstinguida, talvez desejada, talvez amada.

Agora, sim, presumo: que ele tornou a encontrá-la(no corredor, na cantina, numa assembleia, quem sabe, ou no elevador, ou à saída do emprego). E ter-lhe-ia dito: «Um destes dias vamos jantar. Pode ser?» Ela estava livre. E esperava o convite. Combinaram. E foram jantar.

Nada sabia dele, afinal. Senão que tinha um físico agradável, um cabelo bem lavado, e um grande empenhamento nos problemas dos trabalhadores da empresa.

Vira-o muitas vezes a conferenciar no átrio, à porta dos gabinetes, com colegas das várias secções, delegados ou não, e quem falava sempre era ele. Os outros escutavam.

Mas ali, à mesa, aquilo estava a ser um bocado desconsolador. Nem uma frase pessoal, nem uma pergunta, nem um sorriso, (nem um sorriso), nem uma opinião sobre um filme, sobre um livro, sobre a comida que estava a comer, ao menos. Mastigava maquinalmente, sem saborear. (Vivia sem saborear?) Nem uma pausa no discurso, nem o tal lampejo terno ou divertido, nem a simples atenção ao cenário, como alguém acordado no meio dos outros; tão-pouco uma pergunta a seu próprio respeito, à relação dela com a empresa, com o trabalho, com a sua família, com o mundo.

Escolhera-a para que o ouvisse, afinal. Para que o ouvisse discorrer sobre abstracções. Sobre aquilo que o fazia correr, com a sua pasta sempre atulhada de papéis. Meta real, concreta, mas que só tomava expressão na forma de abstracções. Estava ele próprio a tornar-se numa abstracção. Tinha pena.

Quando nos levantámos de jantar ainda os dois jovens continuavam amesendados. Ele, falando. Ela, desanimada, exausta, fitava a toalha. contava os quadrados adamascados da toalha.

Mas na passagem, com o arrastar de cadeiras, entreolhámos-nos. E ela corou violentamente, como se percebesse num relance o que me tinha permitido deduzir. (Adivinhar).

Sorri-lhe e voltei costas.

Cá fora, enquanto saltava por sobre as poças de água do passeio, eu disse que o rapaz me parecia já irrecuperável do alheamento em que por ironia vive.

Mas há outros. Mas há mais. Talvez queiram escutar?

UM LIVRO DE JEAN ROUS

Terceiro Mundo: reforma e revolução

por JEAN LACOUTURE (Le Monde)

Para falar do Terceiro Mundo, qual será a experiência mais rica, mais profunda e cheia de contrastes em que nos poderemos apoiar? Jean Rous, antigo companheiro de Trotsky, intervem desde 1936 nos primeiros contactos entre nacionalistas marroquinos e revolucionários franceses e espanhóis, desde 1946, nas negociações entre Ho Chi Minh e os governos de Libertação é secretário-geral do Congresso dos Povos contra o Imperialismo, promotor da Conferência de Bandung, adversário sistemático da política colonialista de Bidalt e Mollet, amigo de Messali Hadj, interlocutor permanente de Bourguiba, conselheiro de Senghor, considerado «santo laico» por François Mauriac no momento mais alto das lutas do Comité França-Maghreb, de que foi um dos principais animadores, marxista de face muito humana, sabe o que diz quando intervem no grande debate da evolução dos continentes da fome.

Após «Crónicas das descolonização», publicadas em 1965, no período das grandes ilusões «terceiro-mundistas» e da «Tricontinental», quando o socialismo afro-asiático fazia figura de panaceia miraculosa, Jean Rous, propõe agora um baianço crítico das experiências marxistas nos trópicos e das revoluções equatoriais. A sua natural bonomia impede-o de julgar, com a intransigência necessária, as cínicas traições realizadas pelo socialismo em, pelo menos, duas Guinés. E se ele fala, a propósito do Cambodja, de «repressão delirante», evoca também as experiências comunitárias de base: é demasiado fazer crer que um genocídio pode comportar aspectos positivos. Em matéria de comunidades, o «Kampuchea democrático» conhece sobretudo a vala comum.

Riqueza de uma experiência e tranquila coragem.

Mas é necessário ler esta recolha de textos de Rous, pela riqueza de experiências que a menor reflexão inspira e pela tranquila coragem que este velho militante revolucionário (que nunca renegou as suas convicções nem os seus combates durante a guerra de Espanha) sabe reencontrar no termo de um itinerário trágico e repleto de decepções, esta via duplamente articulada em torno de reforma e da revolução , como aconteceu com Jean Jaurès. Não, o reformismo não liquida. Certamente que a revolução é o objectivo fundamental de um socialista que naõ pode ver limites à sua acção, excepto na sociedade sem classes. No domínio social, não há fronteiras entre a reforma e a revolução, entre o qualitativo e o quantitativo. A transformação da condição feminina na Tunísia (se for firmemente preservada) é mais revolucionária que a tomada do palácio imperial por um coronel gaguejando «slogans» marxistas, enquanto fusila estudantes.

Ao lembrar que a lei também pode ser revolucionária, que a paz é mais rica em potencialidades de evolução social do que a guerra e que o homem é o mais precioso capital. Jean Rous propõe aos seus amigos do Terceiro Mundo em tom muito modesto – o único admissível – as palavras de ordem menos demagógicas e, portanto, mais fecundas.

Não é assim tão fácil, defender hoje a ideia de que a cooperação entre a Europa e a África não é por essência, neocolonialista e que os acordos de Lomé abrem uma via possível para tais relações – de que os africanos podem tirar partido, desde que garantam entre si uma solidariedade essencial à sua capacidade negociadora, face à Europa. Também não é inútil recordar que, no decurso de uma famosa polémica com o populista russa Vera Rassoulitch, Marx reconheceu que as comunidades de base das sociedades tradicionais (no caso, escravatura, mas igualmente das sociedades africanas) poderiam consituir infra-estruturas ou células de sociedade socialista, sem passar pelo processo de luta de classes e da acumulação capitalista. Verdades simples? Para as formular, é necessário conhecê-las e não desprezar a sua simplicidade.

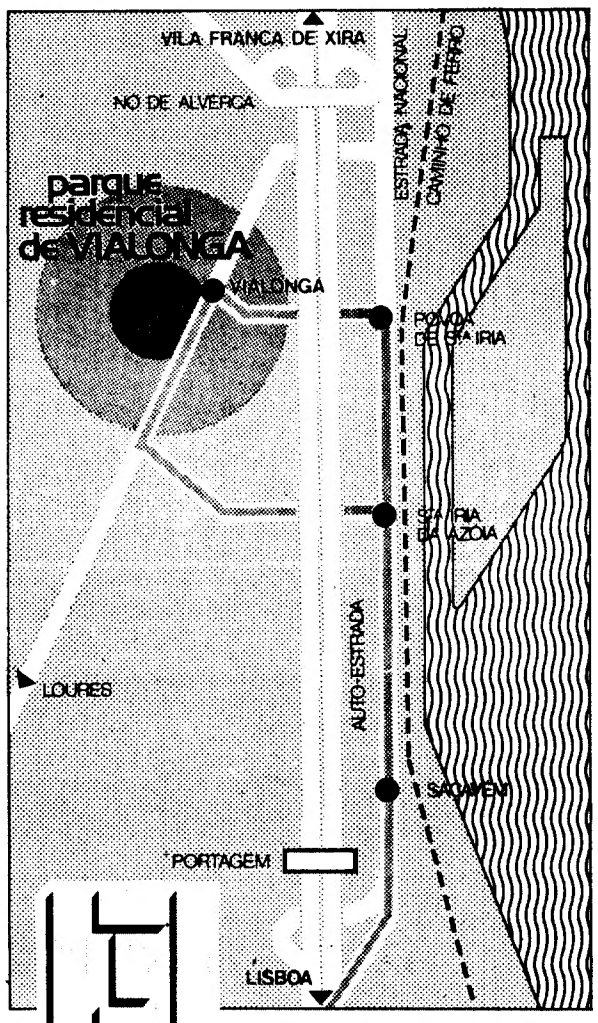
Jean Rous, camponês catalão, conhecer dos mercados africanos e dos povos asiáticos, prossegue a sua trajectória. É uma experiência antes de mais, rica por esta lição que encerra: não há situação que não exija uma análise específica, nem crise que não comporte uma solução original.

«Terceiro - Mundo: reforma e revolução» de Jean Rous. Les Nouvelles Editions Africaines, 296 pág., 42 F.

Jean Rous, velho militante revolucionário durante a guerra civil de Espanha, evoca nos seus textos os heróicos movimentos de libertação dos povos do Terceiro Mundo. A imagem recorda o Vietname, no período final da guerra imposta pelo imperialismo

Decida-se
Venha ter connosco

Espaço a preços excepcionais
construimos a Habitação Social de qualidade
3, 4 e 5 assoalhadas
Uma urbanização autónoma
com todos os apoios para a vida diária,
recreio e zonas verdes



ICESA parque residencial de VIALONGA

Visite o andar modelo no local – Telef. 259 1511
Vendas: Av. da República, 14 - 6.º – Telefs. 560791/560021

Atenção moradores da Cruz de Pau, Barreiro e arredores
ESTEJAM ALERTA!

Não hesite, venha já visitar-nos, oferecemos
bons preços, boa assistência
e boa qualidade de compra do seu mobiliário, sinta
o prazer de ser bem servido.
Visite a nossa sensacional campanha de preços
em mobiliário, agora da fábrica directamente ao público.

PREÇOS DE SENSAÇÃO

	ERA	É
Quarto casal moderno	~~24 000$00~~	15 000$00
Quarto criança moderno	~~15 000$00~~	8 500$00
Jogos de maples (desde)	~~7 000$00~~	4 500$00
Quartos Século XVII — Mogno	~~29 000$00~~	20 850$00
Salas Século XVII — Mogno	~~38 000$00~~	27 500$00
Mesas de refeição tampo vidro	~~8 000$00~~	4 950$00
Cadeiras cromadas	~~2 200$00~~	1 580$00

GARANTIMOS TOTAL ASSISTÊNCIA

SOCIEDADE REVENDEDORA DE MÓVEIS, LDA.
MÓVEIS M.I.
Telefones: 86 19 65 - 87 40 07 - 87 33 60
Rua das Beiras, N.º 8-B — Cruz de Pau
Rua Professor João Prates, N.º 1-B — Barreiro
Apresente este anúncio e receberá a oferta surpresa

DIZ A EFTA

Portugal terá de aceitar severas restrições

Seja qual for o Governo que venha a decidir em definitivo a sua política económica, Portugal terá necessariamente de «aceitar restringir severamente a procura durante um certo tempo e orientar o principal do seu esforço pra a reestruturação da economia a médio termo, de modo a melhorar, ao mesmo tempo, a situação interna e a balança exterior».

Esta conclusão consta dum documento-base que a comissão consultiva da EFTA está a debater em reunião ontem iniciada em Genebra. Na reunião de abertura foi apenas analisado o primeiro ponto da ordem do dia, ou seja análise da situação económica dos países membros.

Representantes portugueses participaram na reunião, que termina hoje. Entre eles, um delegado da CGTP-IN, Vasco Cal. Recorda-se que durante ano e meio as organizações sindicais portuguesas eram representandas no Comité Consultivo por um funcionário bancário, sem responsabilidade sindical, indicado pelo Sindicato dos Bancários do Sul. Os restantes representantes portugueses a este comité pertencem à Confederação do Comércio Português (Noronha Gamito), Confederação da Indústria (Morais Cabral), e Confederação da Agricultura (Gonçalves Ferreira).

Segundo o documento em análise, a indústria e a agricultura portuguesas deverão levar a cabo programas de investimento muito importantes e a prossecução da assistência estrangeira facilitará grandemente a aceleração do processo que conduz a um regresso ao equilíbrio geral da economia portuguesa.

Na reunião de ontem foi exa-minada a situação económica dos países membros da EFTA, Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia, e Suíça, além de Portugal. A luta contra o proteccionismo, o problema da estabilidade monetária e a situação do emprego foram os principais assuntos da ordem de trabalhos. Entre os pontos da agenda figuravam a ajuda dos países da EFTA a Portugal e a cooperação entre a Associação Europeia do Comércio Livre e a Jugoslávia.

PORTUGAL NA CEE

A integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia como membro de pleno direito deverá concretizar-se dentro de três anos e meio, prazo máximo – garantiu ontem o presidente da Comissão de Integração Europeia, Vítor Constâncio, em declarações à ANOP, e desmentindo notícias segundo as quais a integração em questão só viria a verificar-se muito mais tarde.

Segundo Vítor Constâncio, as negociações bilaterais entre Portugal e a CEE, que há dias começaram formalmente no Luxemburgo, prolongar-se-ão por cerca de dois anos. Segue-se um período de um ano para ratificação dos respectivos acordos por parte dos parlamentos dos países membros do Mercado Comum. Depois, dada a situação precária da economia portuguesa, o nosso país será beneficiado com um período de transição cuja duração dependerá do desenvolvimento então da economia portuguesa.

EDP, Quimigal e Cimpor financiadas pelo Banco Europeu de Investimentos

Três empresas públicas conseguiram recentemente financiamentos do Banco Europeu de Investimentos.

Na semana passada foram rubricados no Ministério das Finanças dois contratos de financiamento entre representantes daquele Banco do Mercado Comum e das empresas públicas Quimigal e EDP, cujo montante atinge dois milhões de contos.

O empréstimo feito à EDP é amortizável em vinte anos, com uma taxa de juro de seis por cento. Quanto ao outro, destinado a um projecto de adubos, o prazo de amortização é de catorze anos, à taxa de 8,5 por cento.

Entretanto a Quimigal, beneficiou, também, segundo revela hoje o «Diário da República», de um outro empréstimo do Banco Europeu de Investimentos, este destinado a construção de uma fábrica de fibras de vidro poliesteres e polióis, na zona do Barreiro, no montante de 8 milhões de unidades de conta da CEE.

Também à Cimpor, ainda segundo o «Diário da República», que publica as resoluções do Conselho de Ministros a conceder avales do Estado a estas duas últimas operações financeiras, recebeu um financiamento no valor de 25 milhões de unidades de conta, amortizável em dez anos e que tem por objectivo o apoio à construção das instalações para a produção de cimento, em Souselas.

Recorde-se que a Quimigal, Empresa Pública, tem participação do Estado e para a sua constituição contribuiu uma empresa norte-americana, a Upjohn Company, com um investimento de 45 milhões de dólares, em regime de «joint venture», depois de se ter desinteressado de um investimento equivalente em Itália, comparando as condições do crédito à indústria nos dois países e os encargos laborais impostos à empresas.

Interesses dos Açores motivo de "cimeira" em S. Bento

O primeiro-ministro, Nobre da Costa, teve esta manhã uma importante reunião para tratar questões relacionadas com os Açores, entre elas a greve da SATA e o acordo da base das Lajes, na qual participaram o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, o ministro da República para os Açores, Silva Horta, o presidente da Comissão Consultiva para as Regiões Autónomas, Almeida e Costa e o ministro da Defesa Firmino Miguel.

Esta reunião foi classificada «sessão de trabalho, de rotina», pelo presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, à sua chegada ontem a Lisboa.

Referindo-se à questão das negociações da Base das Lajes, Mota Amaral disse que esse assunto se tornara ponto obrigatório de conversações «porque infelizmente nunca se acaba de resolver». Reconheceu que a situação do III Governo Constitucional contribui para o atraso.

Na agenda de Mota Amaral está também prevista uma audiência com o «chefe» do PSD/PPD, Sa Carneiro, para troca de impressões sobre a situação político-partidária.

Nobre da Costa recebe esta tarde o presidente do B.E.I.

O Primeiro-Ministro, Nobre da Costa, recebe esta tarde, às 17 horas, em S. Bento, o presidente do conselho de administração do Banco Europeu de Investimentos, que se encontra em Portugal em visita relacionada com o programa de apoio financeiro ao nosso País.

POR INICIATIVA DOS NOVOS ESTADOS AFRICANOS

Portugal e ex-colónias vão trocar documentos históricos

Países africanos de expressão portuguesa vão estabelecer contacto com Portugal para iniciarem um processo de transferência de documentos históricos relativos à sua história. Com o objectivo de preparar as negociações com Portugal, realizou-se em Bissau um encontro de representantes da Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, durante o qual foi feito um exame da situação da documentação histórica e cultural existente em cada um dos países.

As delegações presentes acordaram em que poderá ser solicitado o apoio de investigadores e documentalistas com conhecimentos da história dos países africanos de expressão portuguesa, bem como colaboração na formação de quadros técnicos para a investigação e conservação dos documentos. O actual comissário da Informação e Cultura da Guiné-Bissau, Mário de Andrade, salientou «a importância de que se reveste a existência de documentos escritos e sonoros para a plena expressão da nossa identidade cultural».

«Para o intercâmbio de informações sobre o acervo actual de documentação e arquivos de carácter histórico, etnológico, linguístico ou administrativo, há que lançar as bases de uma vasta cooperação no domínio da investigação histórica entre os nossos países» – disse Mário de Andrade. Para este efeito – acrescentou – deverá ser estudado «o processo de transferência dos documentos que as instituições estrangeiras possuem sobre esta matéria do nosso património cultural».

Durante a reunião foram também discutidos os termos em que o projecto comum de repatriamento deve ser negociado com o Governo português e foram apresentadas propostas no sentido da realização de negociações a nível bilateral com Portugal, ou por uma delegação conjunta, ou ainda através de um único porta-voz. Caberá aos respectivos Governos a decisão final.

GENTIL VIANA

Gentil Viana encontra-se actualmente na Jugoslávia, mas em liberdade, e não preso – disse à ANOP uma irmã daquele dirigente angolano, nome destacado da chamada Revolta Activa, facção do MPLA que criticava a orientação e os métodos do presidente Agostinho Neto.

Viana foi preso em Luanda em 1976 e nos últimos tempos vinha correndo que ele tinha sido transferido de Angola para a Jugoslávia, sob prisão, para receber tratamento médico neste país europeu. Segundo as mesmas fontes, a amnistia concedida recentemente por Agostinho Neto só deveria aplicar-se a Viana após o regresso deste a Luanda.

A irmã, no entanto, confirma que ele se encontra na Jugoslávia mas em liberdade e sem que tenha de regressar em qualquer altura a Luanda.

EM CAUSA O AUMENTO DOS COMBUSTÍVEIS

Vinte mil empresas ameaçadas no sector dos produtos alimentares

«A política que vem sendo seguida só procura aumentar os encargos e diminuir as margens de lucro, o que vem pôr em causa cerca de 20 mil empresas, sendo muitas delas obrigadas a fechar a continuar-se por este caminho, pois nem sequer foi montada uma máquina eficaz no abastecimento», afirmou o presidente da Associação dos Retalhistas dos Produtos Alimentares, a propósito do aumento dos combustíveis decretado pelo governo demitido de Nobre da Costa, cujos reflexos negativos já se começaram a fazer sentir em certos sectores da vida económica portuguesa.

Se queremos vender arroz temos de o ir buscar a Alcácer do Sal e nem todos os retalhistas podem ter carros a gasóleo devido ao imposto. E das duas uma, ou deixamos de vender este produto ou o preço tem de subir», diria a título de exemplo José Amorim.

Por sua vez o presidente do Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes, Jorge Pereira de Araújo, observou que o aumento dos preços irá provocar uma baixa no poder de compra das classes de mais baixos rendimentos, resultando daí que o comerciante passe a vender menos e, por outro lado, os trabalhadores sentirão a necessidade de reivindicar melhores salários, causando graves problemas às pequenas e médias empresas de comércio que verão baixar ainda mais as suas já reduzidas margens de lucro.

Também o Automóvel Clube de Portugal difundiu um comunicado de «vigoroso protesto» contra o último aumento dos preços da gasolina e gaóleo, que tornam estes produtos, entre nós, mais caros do que em qualquer outro país do mundo. Aquela associação, invocando representatividade relativamente aos consumidores dos dois combustíveis, qualifica o procedimento do governo de Nobre da Costa de «ditatorial», por ter adoptado sem a ouvir.

Quanto ao Partido Comunista Português condena a subida de preço dos combustíveis derivados do petróleo recentemente promulgada pelo actual Governo e afirma não aceitar «a tese fatalista segundo a qual se os preços dos combustíveis não subissem, teriam então inevitavelmente de subir os preços de certos produtos essenciais».

Em nota da sua Secção de Informação e Propaganda o PCP insiste em que uma política económica e financeira ajustada às condições e necessidades do País pode travar o actual curso inflacionário.

O PCP, por outro lado, considera legítima a suspeita que o governo de Nobre da Costa pretendeu com o aumento dos combustíveis «condicionar (...) a actuação de um futuro Governo que tenha uma orientação melhor que os anteriores, ou então quis facilitar os primeiros tempos de vida a um futuro governo igual ou pior que os anteriores, libertando-o das responsabilidades e das críticas a esta medida».

Finalmente o PCP considera ainda «significativa a ambiguidade com que o PS e o CDS se têm referido a este problema» e chama a atenção para «a profunda hipocrisia do PSD ao criticar demagogicamente aumentos de preços decididos por um governo por ele apoiado, elogiado e aplaudido».

KAULZA NA RTP

Ideologia do MIRN/PDP é parecida com a da maioria das bases do CDS

Em entrevista concedida ao 2.º canal da RTP, o general na reserva Kaúlza de Arriaga, responsável pela organização de extrema-direita, o MIRN, agora transformado em PDP (Partido da Direita Portuguesa), considera que a ideologia deste partido «é parecida com a da maioria das bases do CDS» e que «se houver bases do CDS que se transfiram para o MIRN, esse é um problema dessas bases, é um problema das cúpulas do CDS. O PDP não pretende, porém, substituir a cúpula do CDS, esse é um problema do CDS, não temos nada contra o CDS. Nós somos pelos Direitos do Homem, somos pela democracia. As bases do CDS terão, assim, o direito de se transferirem para o MIRN/PDP».

Justificando a criação do PDP «pela necessidade de haver realmente um Partido da direita em Portugal, que pode assemelhar-se ao partido Conservador inglês», Kaúlza de Arriaga confirmou, entretanto, na entrevista feita por Artur Portela, ser «perfeitamente verdade» que uma intervenção sua «fez abortar a tentativa do general Botelho Moniz para derrubar Salazar».

«Fiz isso – acrescentou o comandante-geral das FA portuguesas na guerra colonial em Moçambique – a fim de evitarque as províncias ultramarinas de então se perdessem da mesma forma que se perderam com a descolonização». Referindo-se ainda ao regime fascista considerou que «tinha coisas boas e más como todos os regimes». Diz ainda que «nunca» foi da extrema-direita para adiantar que, em 1962, quando foi a Moçambique, fez um discurso em Lourenço Marques «em que advogava a autodeterminação das províncias ultramarinas».

PROTESTO

Entretanto funcionários do Sindicato de Hotelaria do Sul enviaram à RTP2 uma moção de protesto contra «a cobertura dada à personagem sinistra do fascismo Kaúlza de Arriaga».

«Repudiamos – acentua ainda a moção – a divulgação-promoção nesse órgao informativo, pago por todos nós, desse personagem sinistro, que tentou impedir o 25 de Abril, personificou o fascismo e é responsável por milhares de mortos e estropiados na guerra colonial fascista. Lamentamos também que seja a RTP, órgão de Informação estatal, a dar o exemplo de infracção à lei contra as organizações fascistas».

Parlamento elege novo presidente de hoje a oito dias

A eleição do presidente da Assembleia da República na terceira sessão legislativa da actual legislatura realizar-se-á no próximo dia 31 (de hoje a oito dias) – conforme resultou da decisão tomada ontem, em encontro de Vasco da Gama Fernandes, presidente em exercício do Parlamento, com os representantes dos grupos parlamentares.

A reabertura do processo eleitoral será oficialmente comunicada hoje ao plenário, devendo as candidaturas ser apresentadas até depois de amanhã.

Entretanto, embora alguns observadores tenham por seguro que o PS vai insistir no nome de Teófilo Carvalho dos Santos, a verdade é que os grupos parlamentares nada de concreto adiantaram até agora, a não ser que, já hoje, efectuarão reuniões com vista a definir posições.

O plenário da Assembleia retoma hoje os seus trabalhos, constando da agenda a discussão de dois projectos de lei referentes a aumentos tributários e ao arrendamento rural nos Açores.

Prisão-Escola não deixa crescer Leiria

LEIRIA, 24 – Embora haja quem não perfilhe a ideia, a maioria dos leirienses reconhece que as instalações de que se compõem a Prisão-Escola local nos terrenos da antiga Quinta do Lagar de El-Rei, estão a dificultar a expansão e alargamento da cidade na zona Sul onde se insere.

Com efeito, aquele estabelecimento prisional, que conta várias dezenas de anos, tem sido um marco intransponível, apesar de algumas diligências no sentido de cedência de terrenos para implantação de várias construções urgentes, problema com que o burgo se debate no campo educativo e formativo.

Dispondo de uma vasta área de terreno, a Prisão-Escola de Leiria não tem podido dedicar-se à exploração agrícola em toda aquela extensão por forma a tirar o maior rendimento e isto por impossibilidade humana, já que para além dos campos de lavoura conta também com vários pavilhões oficinais por onde passam muitos reclusos que ali adquirem uma profissão e se reabilitam para se integrarem depois na sociedade.

Não foi por isso fácil que ao fim de alguns anos, por sugestão das autoridades administrativas locais o Ministério de Educação e Cultura lograsse obter do seu congénere da Justiça uma parcela de terreno para instalação do Ciclo Preparatório, que se vem debatendo com falta de edifícios para laborar eficientemente e cujas obras de construção estão na fase de terraplanagem.

Para além do ciclo, há em mente construir também nos terrenos da Prisão-Escola o edifício para funcionamento da Escola do Magistério Primário, instalações para centralizar o Comando da PSP e as diversas secções, actualmente dispersas daquela força pública não falando do edifício destinado ao Museu e Casa da Cultura de Leiria, etc. Mas, para que isso realmente se possa encaminhar em tal sentido, é necessário, para começar, que sejam removidas as dificuldades que parecem existir quanto à cedência do terreno indispensável como tem sido aliás manifestado pela própria Câmara Municipal, através de esforços desenvolvidos e que até agora não chegaram a concretizar-se, apesar de afirmações e promessas já feitas a nível ministerial.

A intransigência em manter as coisas como estão, dificulta o crescimento e progresso da cidade, precisamente numa área que é das melhores para habitar. Mas tudo se poderia remediar, se assim o entendessem os responsáveis. Bastaria que a cedência do terreno se fizesse, e daí não adviriam inconvenientes, dado que a Prisão-Escola dispõe de uma área que lhe permite o seu normal funcionamento.

Entretanto, há os que sugerem que aquele estabelecimento prisional deveria ser transferido para outro local, tendo em conta que a grande percentagem de reclusos não provém da actividade agrícola e a sua recuperação processa-se através de aprendizagem de um ofício que lhe proporcionam as oficinas da Prisão-Escola, as quais poderão ser instaladas noutro sítio próximo.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE CELULOSE, PAPEL, CARTONAGEM E AFINS ZONA NORTE – Rua do Paraíso, 217 – Salas 13/14, PORTO

MOÇÃO

Em reunião de dirigentes e delegados sindicais, efectuada em 21 de Outubro de 1978

CONSIDERAM QUE:

1 — O Governo de Nobre da Costa abusa flagrantemente dos poderes de gestão dos negócios de Estado que lhe são conferidos pela Constituição, satisfazendo desta maneira as mais diversas forças reaccionárias.

2 — Despreza as acções necessárias à estabilidade político-social, para o encontro de soluções justas e realistas da actual crise, através da entrega de empresas intervencionadas e reconhecidos sabotadores, da vergonhosa ofensiva contra a Reforma Agrária, juntamente com os seus heroicos obreiros, bem como o conhecido aumento do custo de vida.

3 — O regresso dos referidos sabotadores, às empresas intervencionadas tem causado escandalosos despedimentos, bem como o corte e por vezes a diminuição dos direitos e regalias sociais dos trabalhadores, por eles conquistadas, ainda as constantes tentativas de destruição da organização sindical nas empresas.

4 — Os espancamentos, a repressão exercida contra os pacíficos trabalhadores da Reforma Agrária, dão uma ideia clara das intenções dos irresponsáveis do MAP, e mais directos colaboradores.

5 — A viva repulsa de todos os trabalhadores.

DECIDEM:

1 — Repudiar vivamente os ataques contra a Reforma Agrária e restantes conquistas de Abril.

2 — Manifestar o seu incondicional apoio aos trabalhadores agrícolas vítimas desta inqualificável ofensiva.

3 — Pedir justificação da onda actual do aumento do custo de vida.

4 — Solidarizar-se com a justa luta dos trabalhadores das empresas inconstitucionalmente desintervencionadas.

5 — Exigir a imediata suspensão de todas as acções contra a Reforma Agrária e as empresas intervencionadas.

Porto, 21 de Outubro de 1978.

A Direcção e delegados sindicais
Manuel Azevedo Maia Coelho

PUB.

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

Avenida da Liberdade, 240, 1.º Lisboa-2
Tel. 575912/575961

PLENÁRIO NACIONAL EXTRAORDINÁRIO

CONVOCATÓRIA

A pedido do Secretariado Nacional do SNTCT convoco, nos termos do Artigo 96.º §2.º, o Plenário Nacional do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações (SNTCT), a reunir em sessão extraordinária em Lisboa, na cantina dos trabalhadores da Empresa de Transportes Marítimos (CTM) sita na Rocha do Conde de Óbidos, a Alcântara Mar, junto Avenida 24 de Julho, LISBOA, para o DIA 28 DE OUTUBRO 1978 ÀS 14H30 (dia vinte e oito de Outubro à quatorze horas e trinta minutos), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO – Situação das Negociações
a) Informações do Sec. Nacional
b) Situação decorrente do último conselho nacional
c) Forma de luta

Lisboa, 20 de Outubro 1978

O Presidente da Mesa do Plenário Nacional
Agostinho Silveira dos Santos Silva

Escola Preparatória de Caxias

AVISO

Em cumprimento do disposto no n.º 2.1. de Despacho n.º 51/78 do Secretario de Estado do Ensino Básico e Secundário, torna-se público de que na Escola Preparatória de Caxias, existem horários vagos para professores dos seguintes grupos:

3.º Grupo — 1 horário incompleto (14 horas)
Educação Musical — 1 horário completo e 1 horário incompleto (18 horas).
Trabalhos Manuais Masculinos — 1 horário completo
Educação Física Feminina — 1 horário incompleto (12 horas)

O prazo para a recepção de candidaturas ao preenchimento das referidas vagas é de três dias a partir da data de publicação do presente aviso.

A COMISSÃO INSTALADORA DA E. P. DE CAXIAS
José Manuel Constantino

EXTERNATO SEBASTIÃO DA GAMA

COOPERATIVA DE ENSINO

CICLO GERAL COMPLEMENTAR PROPEDÊUTICO — MANHÃ e NOITE

Av. Almirante Reis, 106 - 1.º, Esq.º — LISBOA
TEL. 822776 - 823531 — Metro ARROIOS

pub

A QUEM INTERESSAR INVESTIR NA ILHA DA MADEIRA

Vende-se quotas em Empresa proprietária de Fábrica de Massas Alimentícias recentemente instalada em edifício próprio, com cerca de 11 000 m² de terreno devoluto, equipada com moderna e automática maquinaria de origem alemã e italiana, bem como Armazém de Géneros Alimentícios com grande movimento, no centro da cidade.

Caso interesse, dirigir carta ao Apartado 153 — FUNCHAL.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
CONFECTURARIA GUANABARA Dep. de confecções
Av. João XXI 5 D Rua Infantaria 16, 55 C LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 7230/A, 2.ª secção.

Exequentes – Metalúrgica Duarte Ferreira, SARL.

Executado – José Ribeiro e Mulher Maria Celeste dos Santos Maciel, residentes na Rua Senhor dos Aflitos, 302 - 1.º Dt.º, Águas Santas, concelho da Maia, Porto.

Lisboa 4 de Outubro de 1978

O JUIZ DE DIREITO
(Joaquim Daniel Araújo dos Anjos)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(Luis Gonzaga Lufinha de Vasconcelos)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc. n.º 279/78
2.º Juízo – 2.ª Secção

Nos autos de acção de justificação judicial pendentes na 2.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal e registados sob o n.º 279/78, que Isabel Maria Bento ou Isabel Maria e marido Eduardo Bento Sarandão, que também usa somente Eduardo Bento, residentes no lugar de A-dos-Calvos, freguesia e concelho de Loures movem contra o Ministério Público, e ainda contra INCERTOS, designadamente os herdeiros Incertos de VITÓRIA MARIA, falecida em 2 de Agosto de 1899, numa casa situada no n.º 31 do Campo Grande, ao tempo freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho e comarca de Lisboa, correm éditos de SESSENTA DIAS, contados da segunda publicação do respectivo anúncio, citando todos aqueles INCERTOS na qualidade de réus para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem oposição ao pedido formulado nos autos, nos termos do art.º 205.º do Cód. do Registo Predial e que consiste em que seja reconhecido aos autores o direito de propriedade que lhes adveio da posse (usucapião - art.º 1296.º do Cód. Civil) do prédio urbano e rústico sito em A-dos-Calvos, denominado, no seu conjunto, «Quinta do Pateo», descrito na Conservatória do Registo Predial de Loures sob o n.º 23.563 a fls 60 v.º do Livro B-66 e inscrito na respectiva matriz urbana sob o art.º 949 e rústico sob o artigo 39, Secção Q.

O JUIZ DE DIREITO
(Luis Filipe Mendes Pimentel)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(António da Cruz Ribeirinho Patrocínio).

PODER LOCAL

A PAR DA GUERRA DAS DEVOLUÇÕES

APU e PS lançam-se na campanha para a Assembleia de Évora

Em Évora, no último fim-de-semana, sentia-se fortemente o calor, não só devido à temperatura, demasiado elevada para a época, como ainda ao ambiente pré-eleitoral que ali se vive. Claro que o comício do PCP, com a presença de Álvaro Cunhal, e os recentes despachos do MAP que determinaram a «devolução» de terras naquele distrito contribuíram, grandemente, para o aquecimento ambiental.

Na tarde de sábado a APU realizou sessões de esclarecimento nos bairros periféricos da cidade, preparando já, assim, o terreno para uma propaganda eleitoral, em força, nessas zonas onde o seu lugar está mais que assegurado. Assim, algumas figuras importantes dos partidos que compõem a APU, nomeadamente Dinis Miranda, do Comité Central do PCP, falaram, em sessões improvisadas nas ruas dos bairros, dos problemas criados pelas forças que provocaram a crise na Câmara Municipal de Évora. O dirigente comunista não poupou, nas suas críticas, o PS tido como o principal instigador do «golpe» na Câmara e por causa do qual, agora as populações do concelho terão de novo de ir às urnas. Eleições que o PCP não teme. Se algum partido tem que ficar preocupado será, sem dúvida, o PS pois poderá perder as suas posições anteriores.

Entretanto, era aguardada, em Évora, a presença de Maldonado Gonelha que prometia numa sessão sobre sindicalismo, programada pelo PS, dar um «show» de intolerância e despeito. Esperavam-se com Maldonado Gonelha os habituais ataques à CGTP - Intersindical que o espírito divisionista e doentio lhe dita.

Para frustação das trinta pessoas que na noite, de sábado, optaram pela sessão prevista de Maldonado Gonelha, recusando outros programas muito mais aliciantes que se realizavam na cidade – um espectáculo de teatro amador pela companhia Joaquim António de Aguiar e o grupo de cordas americano que a exibia no Garcia de Rezende – o ex-ministro do Trabalho não apareceu.

Foi, então, comunicado ao pessoal que «o camarada Gonelha não podia comparecer por ter perdido o avião...». A sessão, contudo, não foi anulada. Outras «vedetas» do Partido Socialista estavam lá para reafirmarem o seu «socialismo em liberdade» ou o seu «socialismo democrático». Falou Etelvina Lopes de Almeida, deputada do PS e Miranda Calha, governador civil de Portalegre. Falou, ainda o sr. Humberto Paixão, apresentado por um dos membros da mesa como «o futuro presidente da Câmara de Évora».

Como o especialista em fomentar «Sindicatos amarelos» não apareceu o tema da sessão derivou para as próximas eleições municipais, agarrado, pelos oradores, de uma forma apaixonada. Pretendeu-se, ali, demonstrar (ou convencer?) os presentes que a mandato de Abílio Fernandes, da APU, se caracterizara por actos nocivos aos interesses das populações. Que nada havia sido feito. E que se alguma coisa se fez deve-se à pressão dos vereadores do PS...

Pontos de vista. Teorias em que pelo menos, metade das pessoas que estavam na sala não acreditam porque, segundo, nos informaram nem sequer eram simpatizantes do PS mas sim de partidos mais à esquerda. Portanto a sessão do PS foi um fracasso.

AS ILEGALIDADES

A devolução de terras na zona da Reforma Agrária continua em suspenso. «Vamos ver a resposta que o MAP vai dar à nossa paralisação de hoje...» diz um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora.

Entretanto uma delegação dos Secretariados Distritais de Beja, Évora e Portalegre foi recebida, ontem, no MAP onde expuseram a sua posição perante os últimos acontecimentos ocorridos no Alentejo. Já tiveram oportunidade de referir ao Primeiro-Ministro Nobre da Costa, os casos de flagrante ilegalidade cometidos nas últimas entregas de terras.

O argumento de que as devoluções são justas visto que correspondem a terras que nunca foram expropriadas não se coaduna com a realidade. Os trabalhadores podem prová-lo. Como também podem provar que, à última hora, o ministro Vaz Portugal já anulou (apressadamente) algumas expropriações. Por outro lado os trabalhadores contestam a forma como as UCPs e Cooperativas onde o MAP pretende entregar terra têm sido notificadas. Não com uma semana de antecedência como afirmam os senhores do MAP. Em geral as notificações são recebidas na véspera da entrega.

Enfim! Muitas outras imprecisões aparecem nas justificações do MAP. Aqueles que não têm razão sempre recorrem a artifícios e omissões – e até à distorção da própria verdade – para encobrir o que não querem que seja conhecido.

«Gente do Governo diz que o povo aplaudiu a GNR pela sua actuação em Sousel quando da actuação da 'Estrela Negra'. É mentira. Se alguém o fez só podem ter sido os agrários e as pessoas a eles estreitamente ligadas. E os agrários não se podem confundir com os trabalhadores. Aliás isso era impossível até porque, nessa mesma noite, decorreu em Sousel uma manifestação com mais de 2000 pessoas – que constituem a população da aldeia» – afirma um dirigente agrícola do distrito de Évora.

Quanto à interpretação da Lei Barreto, feita por este Governo, tem sido de facto muito grosseira e «a puxar os cordelinhos para que os agrários se apropriem de tudo». Segundo essa lei – também ela repudiada pelos trabalhadores – um agrário detentor de três ou quatro herdades, que somam mais de 70 mil pontos, devem ser expropriadas. No entanto a leitura feita por senhores do MAP é esta: se nenhuma das herdades tiver mais de 70 mil pontos o agrário não fica abrangido pela expropriação. E portanto cumprir a lei coincide com a sua devolução.

A lei, a que este Governo demitido se agarra (e invoca a torto e a direito) também manda deduzir das reservas a área que o proprietário tenha ocupado nos três anos anteriores à ocupação. Muitas terras que foram entregues encontram-se nestas condições. A lei só permite reservas de 70 mil pontos quando os reservatários tenham explorado directamente uma área não inferior a essa pontuação e passem, desde logo, a explorar as terras da reserva. Isto não se tem verificado.

Pessoas que não tinham terra e que nem sequer foram rendeiros têm recebido herdades – o que é ilegal. O raciocínio, aplicado pelo MAP, para a entrega das herdades da Folgoa, Cegonha, Geraldinha e Geralda da UCP, no concelho de Portel e que somam 137 240 hectares pode-se considerar, para além de tudo, ridículo. Argumentam os agrários do MAP que uma parte dessas terras virá a ser submersa pelas águas da Barragem do Alvito, em construção, deixando depois de ser expropriáveis.

O mais correcto seria deixar construir a barragem e depois se veria. Mas não: o MAP quer jogar pelo seguro... Outra táctica, é deitar poeira nos olhos do povo português para que os assalariados agrícolas da Reforma Agrária apareçam na pele de «usurpadores» e os agrários no «simpático» papel de vítimas. Então, diz-se, com todo o desplante, que as herdades nunca foram, em tempo algum, expropriadas.

Ora os trabalhadores respondem que a herdade Corte Coelho da UCP «Freguesia Sem Medo», em Mértola agora «devolvida» foi expropriada pela Portaria 301 de 15/5/76. Também a herdade dos Carapinhos da Cooperativa «União Piedense» de Pias (trabalhada por 14 pequenos agricultores) foi expropriada pela Portaria 442 de 22/7/78. E ainda a herdade da Barroca, da UCP «Liberdade», de Seda foi expropriada pela Portaria 411 de 10/7/76. E muitas outras nomeadamente as herdades Couto de D. Beatriz da UCP «Sete Estrelas» de Cabeço de Vide, a herdade da Misericórdia da UCP «Resistência Popular» de Montemor-o-Novo...

Portanto se o MAP quiser ser preciso diga que tem estado a entregar reservas – e também estas, em alguns casos, ilegais.

L.F.

Conselho Municipal instituído em Oeiras

O presidente da Assembleia Municipal de Oeiras procedeu à instalação do órgão autárquico consultivo do Município, o Conselho Municipal. Na circunstância, que teve lugar a semana passada, usou da palavra, em nome dos conselheiros municipais, Luís Brites, da Comissão de Moradores do Bairro da Mina.

Após referir o atraso com que o acto se efectuou, o orador saudou a Assembleia Municipal pela deliberação sobre a composição do Conselho, «pois o mesmo abrange uma larga camada de sectores intervenientes na vida do conselho».

Na sua opinião, não deverá o Conselho remeter-se à posição cómoda de intervir apenas quando solicitado: «Deverá, sim, ser um órgão activo, participativo e colaborante». O presidente da Assembleia Municipal, Alberto Mesquita, referiu-se à função consultiva do órgão instalado, tendo afirmado: «Importa reconhecer que o improviso a que nos fizeram habituar durante tantos anos dê lugar ao estabelecimento de planos racionais que o tempo e os recursos financeiros permitam concretizar».

Para a concretização deste objectivo o presidente referiu a necessidade da promulgação da lei das Finanças Locais, ao mesmo tempo que enunciou alguns dos sectores mais relevantes da vida local, salientando o papel e responsabilidade de todos os órgãos autárquicos, e nomeadamente da Câmara Municipal, a quem cabe «executar».

O presidente da Câmara Municipal, dr. Andrade Neves, acentuou a importância do novo órgão, salientando a necessidade de não desanimarem aqueles que se encontram investidos de «poderes locais», apesar das dificuldades que ao fim de dois anos continuam a existir pelo atraso com que foi aprovada a Lei das Finanças Locais. Nesse sentido apelou para a unidade das dificuldades, nomeadamente no seio do Conselho Municipal, que qualificou como «órgão dinâmico, voltado para o futuro e não para o passado», salientando ainda que é necessário «deixar de parte querelas ideológicas e partidárias para, no mesmo espírito, avançarmos cada vez mais para a transformação da nova sociedade mais avançada e justa».

Associação de Cultura do Cobre — três anos de existência

A Associação de Cultura e Instrução do Cobre, fundada em 1 de Novembro de 1975, em Cascais, prepara-se para comemorar o terceiro aniversário da sua existência, já a partir do dia 31 do corrente mês.

Ora como...?

Nesse dia, serão entregues os primeiros 5 diplomas de quarta classe aos trabalhadores adultos da Escola de Alfabetização e Instrução Primária, a funcionar na ACIC.

Será uma sessão de interesse, de convívio, de diálogo. Presentes — Urbano Tavares Rodrigues, Luso Soares e Manuel da Fonseca.

Um tema, de grande incidência, será desenvolvido por aqueles três escritores: «Educação e instrução no nosso País».

No dia seguinte, 1 de Novembro (dia da fundação da ACIC), cumpre-se o seguinte programa: alvorada e içar da bandeira; romagem às campas dos sócios falecidos; largada de morteiros e foguetes, música de intervenção e inscrição no local para as provas de atletismo, para todas as idades; almoço de confraternização entre os sócios e familiares nas instalações da Associação; tarde cultural, animada pela Biblioteca Operária Oeirense, com fantoches, canto e charanga.

Serão passados filmes sobre desporto e educação cedidos pelas Embaixadas do Canadá e de Cuba.

A história da agremiação (sua luta e objectivos) está entregue a José Jorge Letria.

Instalado na Maia Conselho Municipal

Maria Emília de Melo, que presidiu à cerimónia da instalação do Conselho Municipal da Maia, considerou que aquele acto «cimenta o sistema democrático».

Afirmou, também, a propósito, que «neste momento da vida portuguesa, em que mais uma vez sobe de tom a ameaça à democracia, todo e qualquer acto que a reforce ultrapassa o seu significado intrínseco, para assumir outro, bem mais vasto».

O Conselho Municipal da Maia é formado por representantes de treze organismos populares de base e a constituição da sua mesa foi escolhida por votação de duas listas concorrentes, por dez votos a favor e três contra. Eleitos os componentes da Lista «A»: Luís Almeida, representante dos trabalhadores da Câmara Municipal, presidente; Joaquim Moreira, dos Bombeiros Voluntários da Maia; e António Rodrigues Morais, da Associação de Pais, secretário.

AM de Viana aprova construção de fábricas

PORTO — Após várias reuniões foi finalmente decidido no sábado, pela Assembleia Municipal aprovar um projecto camarário de expropriação e venda de cem hectares de terreno (pinhal), na modalidade de propriedade plena, para a construção de várias fábricas.

Os terrenos situam-se na freguesia de Anha, junto da Estrada Nacional n.º 13, havendo já pedidos para a construção de mais de trinta fábricas de diversos sectores industriais, designadamente cerâmica, metalomecânica, calçado, confecções, aços, carroçarias e madeiras.

A construção de algumas unidades fabris arranca ainda este ano, estando já a ser feitas terraplanagens.

De acordo com o regulamento aprovado pela Assembleia, os terrenos não poderão ser vendidos a terceiros, destinando-se exclusivamente à indústria. Outras imposições constantes do regulamento dizem respeito ao cumprimento de prazos: se a construção não se iniciar no prazo de 18 meses após o licenciamento das obras, os terrenos reverterão para a Câmara; é proibido parar a obra mais de duas vezes e por períodos superiores a 6 meses; se no prazo de três meses após a montagem da indústria não se iniciar a laboração, a obra reverterá também para a Câmara.

Para as expropriações existe já uma dotação governamental de cerca de 12 000 contos, estando estimado em 40 000 contos o valor total das expropriações a serem feitas por várias fases. O metro quadrado de terreno está a ser expropriado ao valor de 35$00, existindo alguns proprietários que se têm oposto a tal preço.

De acordo com uma informação que nos foi fornecida pelo presidente da Câmara, António Cunha, não se encontram entre os interessados em investir na região grandes industriais no âmbito nacional, apesar de haver planos de investimento superiores a 500 mil contos.

Ficou também contida no regulamento a obrigação de Câmara investir, supletivamente até ao valor da dotação governamental (12 000 contos) em infra-estruturas sociais: creches, cantinas, parque desportivo e centro de convívio.

A discussão deste plano de desenvolvimento absorveu os trabalhos de três reuniões da Assembleia Municipal, devido quer à inexistência de um regulamento apresentado pela vereação, quer à oposição inicial da APU em que os terrenos fossem vendidos a título de propriedade plena.

No próximo sábado haverá uma reunião com membros da Comissão de Planeamento que se inteirarão deste projecto fabril para a freguesia de Anha. Prevê-se que algumas fábricas possam entrar em laboração ainda em 1979.

Literatura Portuguesa vai ter museu no Porto

PORTO, 24 — O Museu de Literatura Portuguesa, de que será presidente o escritor José Augusto Seabra, vai ser criado nesta cidade. A iniciativa pertence aos escritores Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães, Mário Cláudio e José Seabra.

O museu destina-se à exposição de obras e estudo de autores portugueses. Numa primeira fase, o museu ficará instalado no convento de S. Bento da Vitória.

TRIBUNAL DE POLÍCIA

"Se Deus existe..."

Enquanto aguardava a chegada de um familiar na estação do Rossio, Carlos das Neves sentou-se no banco da máquina de tirar fotografias «em cinco minutos».

E cinco minutos bastaram ao sr. Carlos para ir parar a outro banco: o dos réus. Treme violentamente quando o juíz lhe manda contar o que se passou: «Estou aqui praticamente inocente. Sou uma pessoa de bem. O meu pai foi um advogado com muita honra, o meu irmão é advogado...» Ele é empregado de escritório. Esteve durante cinco anos internado numa casa de saúde. E volta para lá no próximo mês.

Mas vamos saber o que aconteceu. Estava o sr. Carlos «posto em sossego» no banco da máquina de tirar retratos quando apareceu um polícia. Mandou-o sair dali, pois podia estar a tirar a clientela. «Pode dizer-me qual é o crime de estar aqui sentado?» Não aceita aquela explicação do polícia e recusa-se a abandonar o banco. «Daqui vejo passar o meu familiar». A autoridade pede-lhe a documentação. Recusa-se.

É então levado à esquadra. «Bateram-me e começaram às patadas» — prossegue o seu depoimento para o juíz. O guarda nega: «Ninguém lhe bateu. Pedimos-lhe a identificação. Ele lá acabou por tirar uma maleta onde trazia três cartões, mas voltou a guardá-los. Chamou-me «besta» e quis sair da esquadra».

O sr. Carlos revolve-se no banco dos réus. E interrompe: «O senhor juíz desculpe, eu estou cá a ferver!».

«Porque é que está a ferver?» «Não é verdadeiramente verdade eu ter querido fugir do posto. Eu só lhe chamei «besta» depois de ele me ter batido e chamado «filho da p...». (pede desculpa à assistência).

«Se Deus existe, que esteja por mim, que eu não tenho testemunhas» — conclui o sr. Carlos. A sua palavra contra a da autoridade. É pedir muito, sr. Carlos, é pedir muito...

«Mas você estava bêbado ou quê?». «Não, senhor juíz, não estava». «É que o seu comportamento mais parece dum louco ou dum bêbado».

Moral da «história»: não ficou provada a desobediência à autoridade, já que acabou por se identificar, mas foi condenado por injúrias à autoridade em 30 dias de prisão substituídos a 60 escudos, 400$00 de Imposto de Justiça, 400 de indemnização para o guarda e 200$00 para a Procuradoria. Fica-se na dúvida: foi ou não agredido na esquadra? E injuriado? «Se Deus existe, que esteja por mim...» — apelou o sr. Carlos das Neves. Não foi ouvido.

Fernanda Mestrinho

A PENA PODE IR ATÉ 16 ANOS

"Pirata" Adam preso sem caução

Depois de uma hora e meia de inquirição o dr. Santos Luz, Juíz do 4.º JIC, determinou ontem à noite para o frustrado «pirata do ar» Adam Paragh a prisão preventiva e incaucionável. O homem que queria desviar um «Boeing» da TAP da carreira Lisboa-Funchal recolheu à zona prisional da PJ, onde aguardará todo o tempo da instrução do processo-crime.

De acordo com a «Convenção Internacional para a Repressão da Captura Ilícita de Aeronaves», a que Portugal aderiu, e segundo o próprio Código Penal português, o chamado «apossamento, por meio de fraude ou violência, de naves ou aeronaves», é punido com 16 a 20 anos de prisão maior. Entretanto, neste caso, terá havido uma simples tentativa, não um formal «apossamento», e a lei prevê para ela (mesmo assim prevê) uma pena entre os 10 e os 16 anos, sujeita a correcção por circunstâncias atenuantes ou agravantes. Para Adam não parece abrir-se nenhum paraíso de benevolência.

Quem é este Adam Paragh das duas pistolas de plástico? Tem por junto o estatuto de «candidato a refugiado político», argumentando que ao saír da Hungria, em 1972, o fez por discordar do regime do seu país e ser vítima de alegadas perseguições (informação prestada à ANOP pelo director do Serviço de Estrangeiros). Tem 33 anos, era aluno de Economia, a e os 16 anos, sujeita a correcção por circunstâncias atenuantes ou agravantes. Para Adam não parece abrir-se nenhum paraíso de benevolência.

Quem é este Adam a ANOP pelo director do Serviço de Estrangeiros). Tem 33 anos, era aluno de Economia, abandonou os estudos devido a pressões, conta ele, e depois disso não arranjou melhor do que trabalhar como motorista simples e motorista de táxi — até ser chefe (em que qualidade, não se sabe) de uma empresa de transportes, detalhe que quadra mal com as alegadas perseguições policiais.

Na Hungria ainda, teve uma punição disciplinar na tropa e levou seis meses de prisão por escrever «um artigo considerado subversivo». Quis arranjar passaporte: impossível. Ou não tanto como isso: em 1972 arranjou-o mesmo, desandou para a Jugoslávia e «saltou» a raia italiana em Trieste. Três meses de internamento. Nova fuga, agora para a Áustria, extradição para a Itália, tentativa de segundo «salto» para a RFA, detenção pela Polícia suíça — a história é movimentada. Na Suíça «safou-se» ao casar com uma cidadã helvética. Mas o divórcio em 1976 significou a sua partida imediata da terra dos cantões.

O capítulo seguinte é a viagem Suíça-França, a desconfiança das autoridades gaulesas e o alistamento na Legião Francesa, de onde o expulsaram por ser autor de «numerosas críticas aquela instituição» (segundo a ANOP). Portugueses legionários é que o aconselharam a vir para Portugal.

A entrada no nosso País foi clandestina, pela fronteira do Caia, em Agosto de 1977. A princípio sem grandes problemas, pois que Adam pode vir de «boleia» até Vila Franca de Xira e rumar dali a Fátima, onde contactou um sacerdote de origem húngara. Mas também não era aqui o eden, muito menos confundido com um pinhal, que foi onde as autoridades o descobriram acoutado na região da Golegã. Seguiu-se o pedido de asilo político.

Todo o homem é inocente antes que se prove a sua culpabilidade. Este é também pouco sagaz, já que tentar reforçar a candidatura a asilado político com um desvio de «Boeing» não faz parte das práticas aconselhadas.

E se fosse simplesmente, inocente e duro de cabeça, somente um tanto pírulas?

"Máquinas americanas" no Algarve Guarda Fiscal exorbita?

FARO, 24 — A Guarda Fiscal parece ter vindo a exorbitar dos seus poderes e competências nos últimos dias, no que respeita às «máquinas americanas» que se espalham por vários pontos da província algarvia.

E isso porque, de acordo com uma fonte próxima da Associação de Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve, a actuação da GF a propósito das «máquinas americanas», não terá sido uniforme. De acordo com aquele informador, enquanto a corporação selou as máquinas dos estabelecimentos que visitou nesta cidade, noutras localidades apreendeu-as e nomeou os donos dos estabelecimentos de hotelaria e similares onde normalmente se encontram como fiéis depositários.

Trata-se de um problema que, segundo aquela fonte próxima, da AIHSA, se arrasta no MAI, depois de os Tribunais de Lisboa, Porto e Aveiro se terem pronunciado pela licitude das mesmas, ao contrário do Conselho de Inspecção dos Jogos, que as considera «máquinas ilegais». Daí que a resolução do problema dependa agora do Ministério da Administração Interna, que de uma vez por todas dirá se as ditas máquinas são ou não legais.

Um outro aspecto ressalta da actuação da actividade da GF, nos últimos dias, no Algarve: o fundamento da sua «visita» aos estabelecimentos residiria no pressuposto de contrabando ou descaminho de importação.

Mas, durante as visitas que efectuaram os agentes selaram e apreenderam máquinas nacionais e outras cuja importação foi legal.

NA "COMPRA" DE UM ANDAR Ficou sem 350 contos

PORTO, 24 — A compra de um andar que não pertencia ao indivíduo que simulou a sua venda e depois de apanhar o «sinal» (350 contos) desapareceu para não mais ser visto, está na origem de uma queixa apresentada na Polícia Judiciária por António Fernandes, da Rua Raul Dória, 108, nesta cidade.

Efectivamente, o sr. Fernandes, depois de ter contactado determinado indivíduo que se prontificou a arranjar-lhe um andar, não hesitou em passar-lhe para as mãos três centenas e meia de contos. Só mais tarde é que o comprador deu conta do logro em que caíra.

Policlínicos contestam actual situação

A Comissão Nacional dos Policlínicos do quarto ano que regressaram da periferia em Fevereiro informou que aqueles médicos vão ter de esperar até Julho pelo exame de entrada na especialidade.

A Comissão afirma ser urgente «pôr fim a esta situação sem sentido que se irá agravar com o regresso da periferia, a breve trecho, de cerca de mais de mil médicos».

Uma delegação dos policlínicos do quarto ano, foi hoje recebida pelo secretário de Estado da Saúde que, segundo a referida Comissão Nacional lhes afirmou estar a estudar uma carreira alternativa, embora reconhecendo que esse estudo não é aplicável em tempo útil. A mesma Comissão refere que, até Julho próximo, deverão ser criadas as bases de um Serviço Nacional de Saúde. «Em Julho o SNS estava ainda em discussão», segundo a Comissão dos Policlínicos, «e em Outubro, quase ao fim de um ano inútil, não existem alternativas fora do quadro das especialidades clássicas.»

Liga portuguesa contra o cancro

PORTO, 24 — O Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa Contra o Cancro, homenageia no próximo dia 26 a memória de João dos Santos Ferreira, considerado por aquele Núcleo «como um dos homens bons que o Porto teve».

A homenagem constará da inauguração de um busto daquele benemérito, junto do estabelecimento do IPO (Instituto Português de Oncologia) e de uma sessão de homenagem, durante a qual diversos oradores vão evocar a figura de João dos Santos Ferreira, nomeadamente os presidentes da Liga Portuguesa Contra o Cancro, Francisco Gentil Martins, e do Núcleo Regional do Norte da mesma Liga, José Cardoso da Silva, e da Fundação Gulbenkian, José Azeredo Perdigão.

Falecido em Setembro do ano passado, João dos Santos Ferreira dedicou grande parte da sua vida à obra da Liga Portuguesa Contra o Cancro. O Núcleo Regional do Norte deve-lhe a concretização da compra do terreno onde está instalado o Instituto Português de Oncologia, uma clínica especializada que atende em média 400 doentes por dia, e a iniciativa, actualmente em execução, de um centro de apoio social.

O Solar de Mateus e as Secretarias de Estado

Pequena freguesia do concelho de Vila Real, Mateus tem o privilégio de ter um solar que, apesar de tão falado, continua afastado da população. Não fosse um solar... Apoios económicos, porém, não têm faltado para as reuniões que alguns sectores da classe política portuguesa (com maior peso para a corrente dita «presidencialista») tem feito. Governantes e ex-governantes, intelectuais e políticos (de certa coloração) têm ocorrido ao ambiente remansoso e bucólico do solar. De automóvel ou de avião. Para «repensar Portugal», ontem. Para debater cultura, agora.

Mas Mateus não é o solar. Nem o solar é Trás-os-Montes ou Vila Real.

Vila Real, concelho, é aliás, como toda a região transmontana, um mundo de carências. Só ao nível da mortalidade infantil (sector pelo qual já se pode aferir da situação de atraso de uma região ou País) basta dizer que a taxa é das mais altas: 96,67 por mil, segundo os últimos dados do INE com base no censo de 1970, mas pouco desfasados da situação presente. Mais (em dados de 70, últimos disponíveis): 83,5 por cento das habitações não têm instalação fixa de banho ou duche, 51,7 por cento não tem retrete, 73 por cento sem a água canalizada, 58,2 por cento sem energia eléctrica. Os cabos de alta tensão passam ao lado...

Por que o solar de Mateus para local de conclaves, tão bem publicitados, de figuras de destaque da cena política e cultural? Será isto descentralizar?

Há quem pense que sim. E há quem acuse: Não. Dentre estes encontram-se instituições e figuras do meio cultural transmontano, vítimas de uma centralização ancestral.

«Não estamos motivados nem interessados em participar naqueles diálogos. Fala-se a linguagem das Secretarias de Estado... E não é assim que se avança» – disse-nos um elemento do grupo de Intervenção Cultural de Vila Real.

Por outro lado, descentralizar ou regionalizar não é trazer umas quantas personalidades que «tiveram ou têm grandes responsabilidades no plano de concentração cultural e discutir no abstracto».

Do divórcio que é patente entre o solar e a população de Vila Real (mesmo a citadina) tive a ocasião de me aperceber melhor no contacto estabelecido com os vila-realenses, indiscriminadamente. «Aqui ninguém liga aquilo, são coisas elitistas» – diria uma figura de destaque na Animação Cultural da região. «Fui à bola e não sei nada, se soubesse dizia-lhe» – foram as palavras que acompanharam o encolher de ombros de um homem de 40 anos a quem perguntei se sabia do encontro havido em Mateus. Aliás, de bola era o que se falava na tarde de ontem na baixa da cidade. «Ouvi falar na televisão, mas não sei do que se tratou» – disse por sua vez outro cidadão, bem enfarpelado, de 35 anos, aproximadamente.

Mais significativo foi o ar de espanto de um empregado de café a quem perguntei se tinha conhecimento da dita reunião. «Mas quando?» – questionou. «Ontem e hoje» – adiantei. «Ah, não ouvi nada».

L.H.

"Solnado convida" já em Janeiro

Deve ficar hoje assente o arranque do novo «talk-show» da RTP-1, «Solnado convida», cujo início esteve previsto para coincidir com a entrada em vigor dos actuais mapas-tipo, no passado dia 16. O programa estender-se-á por 13 segundas-feiras a partir de Janeiro.

Raúl Solnado tem a colaboração directa de Fialho Gouveia e uma equipa de apoio formada por Maria João Avilez, Vasco Pulido Valente, Pedro Bandeira Freire e Neves de Sousa. A produção é de Paulo de Morais.

Os últimos 10 anos na Educação foram ontem debatidos no Centro Nacional de Cultura por directos responsáveis do sector antes e depois do 25 de Abril. O eng. António Brotas e o dr. José Hermano Saraiva dão uma amostra da vivacidade do diálogo. Cardia escuta: a sua política no MEC foi, verdadeiramente, o bombo de festa

Veiga Simão ataca pela esquerda atropelando Sottomayor Cardia

Sinal de «maturidade democrática» ou de «senilidade da democracia», como foi defendido por dois opostos intervenientes, o certo é que o Centro Nacional de Cultura pôde, ontem, reunir a uma mesma e num mesmo debate ministros da Educação da última década. Isto é: Hermano Saraiva e Veiga Simão, responsáveis do sector da Educação em Governos fascistas de Salazar e Caetano, e Sottomayor Cardia, titular da pasta durante os dois Governos constitucionais, saídos da Revolução e do voto popular, dirigidos por Mário Soares. A seu lado, também em diálogo, António Brotas, que foi secretário de Estado do Ensino Superior no VI Governo Provisório e António Hespanha, director-geral do Ensino Superior nos IV e V Governos chefiados por Vasco Gonçalves.

«Não dialogo com incompetentes e criminosos» terá respondido o prof. Vitorino Magalhães Godinho, ele também ministro da Educação depois do 25 de Abril, para justificar a sua recusa em tomar assento naquela mesa. Isso valer-lhe-ia piadas e ataques indirectos, nomeadamente de Veiga Simão. Rui Grácio e Lloyd Braga, embora manifestassem desejo de participar, não o puderam fazer por se encontrarem fora de Lisboa.

O debate chegou a aquecer, como era, aliás, de esperar, e como se deverá confirmar quando a revista que o promoveu («Raiz e Utopia») o publicar em próxima edição. E para esse aquecimento contribuiu de forma espectacular o prof. Veiga Simão, ministro surpreendido no cargo pela Revolução de Abril e que parece apostado em vincar com toda a veemência uma imagem de esquerda por vezes a roçar o radicalismo.

Discutiu-se a política geral da Educação de hoje e do antigamente; pormenorizaram-se questões sem grande interesse para o debate; cada um defendeu a sua dama, o mesmo é dizer a sua política ou aquela que ajudara a esboçar e, nalguns casos por falta de tempo, não chegariam aplicar. Mas a tónica geral foi, efectivamente, a aguerrida defesa feita pelo ministro marcelista da sua famosa Lei 5/73, conhecida por «Reforma Veiga Simão». Essa defesa passou pela intempestiva interrupção dos outros oradores (principalmente Brotas e Hespanha, que o contestaram com maior solidez política e pedagógica), pela insistência até ao pormenor de que as reformas aproveitáveis depoiùa política ou aquela que ajudara a esboçar e, nalguns casos por trema-direita do meu tempo».

Veiga Simão

Veiga Simão disse mesmo a Sottomayor Cardia que o seu ano propedêutico «é um monstro pedagógico e anticonstitucional» e que tal como a Revolução foi necessária na política em 1974 é agora igualmente necessária na Educação». Mais ainda: por detrás de algumas medidas recentes estaria o intuito de «impedir o acesso ao ensino das classes trabalhadoras» (Simão dixit).

É claro que, sendo todos coincidentes em elogiar algum mérito da Reforma Veiga Simão, sobretudo atendendo ao tempo e à política marcelista, alguém lhe perguntou se ele próprio conhecia a sua Reforma, com o enquadramento ideológico que dela ontem traçou, ou se conhecia o Governo de que fazia parte. A resposta não foi clara mas parece ter tido algo a ver com ingenuidade.

Penhora na Editorial Inova

PORTO, 24 – Os trabalhadores e a Administração da Editorial Inova enviaram um telegrama de protesto ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Primeiro-Ministro contra a penhora efectuada por ordem do Banco Português do Atlântico, em violação do acordo geral da banca que promoverá e tem em estudo um contrato de viabilização desta editora, considerada uma autêntica instituição cultural ao serviço não só do Porto como do País.

Cursos de Italiano também no Porto

PORTO, 24 – Continuam abertas as matrículas para os cursos de Italiano, que funcionam no Instituto Italiano de segunda a sexta-feira, com turmas à tarde e à noite, e são ministrados por professores italianos.

As inscrições podem ser efectuadas todos os dias das 10 às 13 e das 16 às 19 horas, e aos sábados da parte da manhã.

Director-geral do British Council visita Lisboa

«Sir» John Llewellyn, director-geral do British Council, chegou a Lisboa para uma curta visita durante a qual assistirá à recepção e jantar aos antigos bolseiros do British Council, que se realiza amanhã. O prof. Lloyd Braga será o convidado de honra.

«Sir» John Llewellyn é o director-geral do British Council há seis anos. Anteriormente teve uma brilhante carreira no campo da Química e na administração universitária. Foi reitor da Universidade de Cantuária, na Nova Zelândia, e também da Universidade de Exeter, em Inglaterra. Foi igualmente presidente da Corporação da Radiodifusão da Nova Zelândia durante cinco anos, de 1961 a 1966, sendo galardoado com graus honoríficos por várias universidades britânicas e neozelandesas.

Seminário em Letras sobre Línguas Vivas

Vai realizar-se de 23 a 26 do corrente, na Faculdade de Letras de Lisboa, um seminário sobre o ensino de Línguas Vivas.

O seminário contará com a presença de cerca de 400 professores dos Ensinos Básico, Secundário e Superior.

REVENDA DE MÓVEIS
DIRETA AO PÚBLICO
VEJA PARA ACREDITAR
AV. 5 DE OUTUBRO, 55-B — LISBOA — TEL. 546860
R. LUCIANO CORDEIRO, 18-A — LISBOA — TEL. 41384
R. CONCEIÇÃO SAMEIRO ANTUNES, 13-B
COVA DA PIEDADE (Junto ao Pão de Açúcar)
AV. 25 DE ABRIL, 45 — ALMADA — TEL. 2769001
ABERTO À HORA DO ALMOÇO
E ATÉ ÀS 21 HORAS

CASCAIS JAZZ
8º FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS/78
PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS

Sábado, 11 de Novembro às 21,30 h.
Quarteto de Dexter Gordon
Quarteto de Toots Thielemans
Nancy Wilson com o seu Trio

Domingo, 12 de Novembro às 16,00 h.
Quarteto de Braz Gonsalves
Albert King e o seu grupo de Blues
Orquestra de Thad Jones/Mel Lewis

Sábado, 11 — Plateia, Bancadas A, B e C . . . 200$00
Domingo, 12 — Plateia, Bancadas A, B e C . . . 150$00

LOCAIS DE VENDA:
LISBOA — Agência ABEP — Praça dos Restauradores - Frisa — Centro Comercial Imaviz
Discotecas:
Valentim de Carvalho — Rua Nova do Almada, 95 - Edifício Castil — R. Castilho, 39
Avenida de Roma, 49-C - Melodia — Rua do Carmo, 23/25
CASCAIS — Livraria Galileu — Av. Valbom - Discoteca VC — Rua Frederico Atouca, 26-A
PORTO — Vadeca 1 — Rua 31 de Janeiro, 210 - Vadeca 2 — Av. da Boavista, 1142
Mundo da Canção — Rua da Formosa, 49, 3.º - Sala 6
COIMBRA — Discoteca VC — Rua Ferreira Borges, 152
INFORMAÇÕES: CASCAIS JAZZ - Telef.: 804242/3
Grupo A - 6 anos

AÇORES

Projecto de estaleiros envolve 600 mil contos

ANGRA DO HEROÍSMO, 24 (ANOP) – Uma empresa de estudos navais está a analisar a hipótese de instalação de um estaleiro com capacidade para receber 8 a 12 embarcações até 80 metros na baía da praia da Vitória.

O empreendimento, que envolverá uma verba superior a 600 mil contos, poderá dar origem a 400 postos de trabalho e prevê, além dos estaleiros, um entreposto de frio com capacidade para armazenar 30 mil toneladas de pescado.

Numa primeira fase o estaleiro poderá construir embarcações até 40 metros e estimular desta forma a criação de uma frota pesqueira açoriana, actualmente inexistente.

A sua principal função será, no entanto, a reparação de barcos pesqueiros, que em número superior ao milhar operam nas águas do Atlântico Norte.

Por outro lado, e segundo a opinião de Carlos Peixoto, autor do projecto, a indústria metalomecânica do estaleiro poderá desenvolver-se por forma a responder às necessidades da região, nomeadamente cofragens, estruturas metálicas e outras exigências da construção civil. Poderá ainda estimular o desenvolvimento das indústrias ligadas à pesca, como a filetagem, pré-tratamento e farinha de peixe, além de proporcionar o aparecimento de outras actividades como a hotelaria e o comércio.

Encontra-se, aliás, na Terceira o representante de um grupo interessado na construção de um complexo hoteleiro e habitacional no caso de se concretizar a implantação dos estaleiros da praia da Vitória.

Entre as vantagens que um empreendimento deste tipo apresenta conta-se a possibilidade de os barcos poderem descarregar o pescado ou proceder a reparações e voltarem novamente aos bancos onde operam, sem terem necessidade de regressar aos portos de origem.

Esquadra holandesa no Tejo

Quatro barcos da Marinha de Guerra Holandesa deslocam-se ao porto de Lisboa, em visita de rotina, de 27 a 30 deste mês.

Trata-se do cruzador «De Ruyter», da fragata «Tjerk Hidde», do contra-torpedeiro «Amsterdam» e do navio de abastecimento «Poolster».

Esta esquadra dos países baixos, que é comandada pelo contra-almirante J. H. Scheuer, é composta por uma tripulação de 88 oficiais, 142 sargentos, 193 cabos e 521 praças.

Na mesma data, o submarino «Potvis», também da Marinha de Guerra holandesa, visita a cidade do Porto.

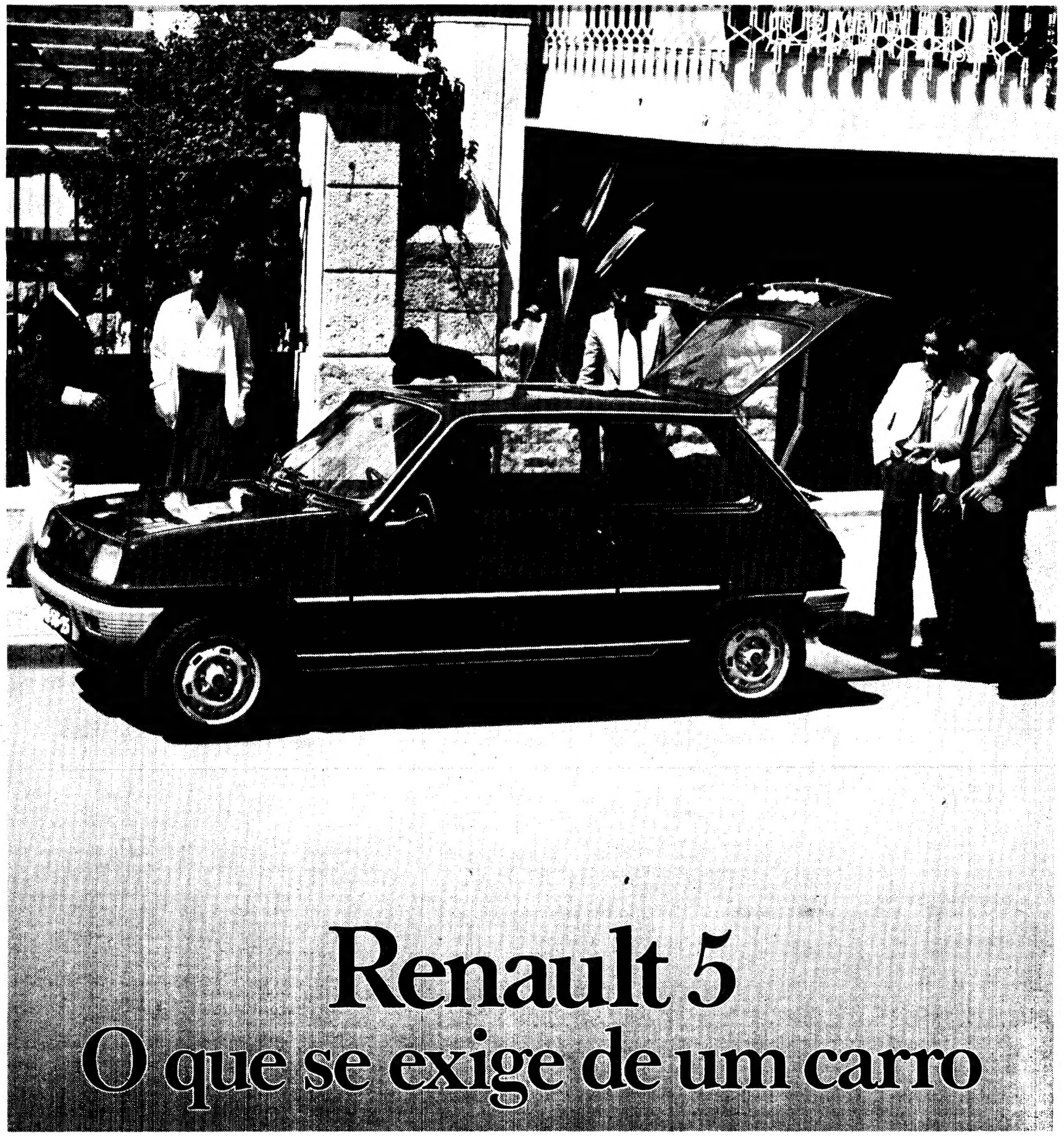
Turismo na Madeira cada vez mais difícil

FUNCHAL, 24 – «Hoje, mais do que nunca, a situação turística da Madeira está condicionada ao aeroporto» – palavras do presidente da delegação de Turismo nesta cidade, Ribeiro Andrade, à ANOP, depois de considerar ser «cada vez mais difícil» a exploração desta actividade.

O turismo neste arquipélago, que é a maior fonte de receitas do sector que ocupa maior número de postos de trabalho nas suas ramificações, tem vindo, nos últimos meses, a assinalar significativas quebras nos seus apuramentos globais. Basta recordar que de Janeiro a Agosto do ano em curso, e em relação a idêntico período de 1977, o movimento turístico registou uma queda de 13,5 por cento. Com o cancelamento de voos por parte de alguns «tour-operators» a situação pode vir a agravar-se ainda mais.

Para o responsável do turismo madeirense, tal situação é motivada por ainda se encontrarem «bem frescos» na memória dos turistas os acidentes aéreos e o condicionalismo que o Aeroporto de Santa Catarina impõe, nomeadamente ao não permitir a aterragem de aviões de grande porte. Factos estes que sublinhou, «colocam a Madeira fora da concorrência dos mercados».

Ribeiro de Andrade, depois de pôr fora de questão a existência de qualquer espécie de «pressão» na canalização do turismo, justificou os recentes cancelamentos de voos pelo «receio» e pela «dificuldade de vender» que têm os «tour operators» que trabalham para a Madeira. E, depois de afirmar que foi considerada de «extremamente negativa», por parte dos «Tour Operators», a hipótese da «lançadeira» Porto Santo/Madeira, concluiu que, «se a Madeira aumentar a sua pista para os três mil metros, e se investir de forma a que se torne mais atractiva na ocupação dos tempos livres, na vida nocturna e na animação», fica com «condições excepcionais para ter um turismo permanente e bom».



Exija ao RENAULT 5 quanto exige a um grande automóvel. Ele responde: — óptima condução na cidade com um comportamento na estrada que justifica o seu êxito. A segurança, o brio, as performances de um verdadeiro estradista.
Moderno e prático, é também nervoso e maneável. Confortável para os seus passageiros. A 3.ª porta permite o fácil acesso à ampla bagageira com o máximo aproveitamento de espaço para bagagens.
A suspensão — aquela palavra que parece ter sido inventada pela RENAULT — proporciona conforto e comodidade em qualquer terreno.
O RENAULT 5, é preciso dizê-lo, é simpático. Isso deve-se ao seu estilo, ao aspecto, às suas qualidades técnicas.

Tracção à frente, suspensão independente às 4 rodas, de barras de torsão, amortecedores hidráulicos e barras estabilizadoras, travões de disco à frente de tambor atrás e repartidor de pressão em função da carga. Motor: 965 cm³ — 44 CV DIN.

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

RENAULT
GARANTIA DE FUTURO

ESPIRAL - NAC 19-78

CRÍTICA DE LIVROS

Luís de Miranda Rocha

«A NUVEM SOBRE A PACINA»

DE A. RAMOS ROSA

Dir-se-á que é um processo que prossegue: um trabalho de linguagem (ou o trabalho duma linguagem) que continua, na investigação e na experiência sempre inconclusas, e transitórias, transitivas, á volta e dentro de determinados materiais, meios, recursos expressivos; uma perquirição e uma pesquisa incessantes dum real alargando-se nos limites onde um horizonte mais visível e imediato aparentemente o detém, deslocando-se até ao ilimite onde o trabalho de procurá-lo e retê-lo, será, enfim, inútil, pelo que este trabalho se reforça – arma-se – duma dupla e contraditória consciência. Por um lado, todo o dispêndio, todo o gasto, todo o investimento aplicado de energias verbais épouco e ao mesmo tempo excessivo para a produção, para a conquista do real – que a esse trabalho incessantemente se furta, que dosresultados desse trabalho incessantemente se afasta (além de que dele, e dos seus resultados, se encontra sempre separdo, apesar do aparente envolvimento que esse trabalho lhe faz – mas de que os resultados afinal são sempre precários). Por outro lado, por mais energia que se despenda na conquista do real, por mais dispendioso que esse trabalho se revele nunca deixa de servir-se dos dados da realidade e das referências do concreto, dos pretextos imediatos-cou mediatos) do quotidiano – banal – onde se processa, em aparente pobreza,a experiência existencial, o relacionamento vital e a inserção destes pelo conhecimento meticulosamente ganho e desinteressadamente acumulado, no movimento da vida e da exigências gerais, coordenado pelas categorias do tempo, do espaço, e enquadrado pela larga cena da história. É, pois, um pouco mais do que um processo que prossegue, como lhe pode conceder uma distraída leitura. É a constante reelaboração duma linguagem, da linguagem, um incessante trabalho de pesquisa, em extensão e profundidade, dum vasto campo semântico, uma experimentação interminável de nexos, relações, de articulações possíveis, internas (autónomas, fechadas) e externas (abertas ao exterior, criando com este exterior uma rede de dependências – dependências de ligações suspensas e produtivas).

Costuma-se pensar que esta poesia tende irresistivelmente para a abstracção, para um processamento autónomo duma linguagem onde se perde o sentido, por exemplo, do terreno, do concreto e pensa-se isso não raro como uma desvalorização de motivos atractivos de interesse. Há aparências que sustentamesta ideia, uma certa denotação de imediato apreensível, por exemplo, no título deste livro recentemente editado por Publicações Dom Quixote: «A Nuvem Sobre a Página». Vamos ver.

Este livro compõe-se de quatro sequências de poemas. As duas primeiras sequências retiram os títulos de poemas que as integram: «Entre o Frio e o Sol» e «A Palavra no Deserto». As duas restantes, «A Imagem» e «O Personagem Virtual» titulam-se em função da coerência e da unidade temática de cada uma, que se pode considerar um poema apenas, composto de vários fragmentos. Se se põe a questão de saber a relação entre as quatro sequências, pode dizer-se desde já que ela é facilmente detectável logo a uma primeira leitura. O título genérico que fala da «nuvem» e da «página» oferece duas pistas que se podem seguir e explorar frutuosamente.

Detemo-nos mais nas duas primeiras sequências, sobre os poemas que lhes cedem os títulos, mas temos de recorrer a inúmeros dados dispersos um pouco por todo o livro.

«Entre o frio e o sol» – poema que ocupa três páginas do livro e que não cabe transcrever aqui – começa por ser uma enunciação–enumeração de certos dados, na aparência avulsos, na realidade intensamente ligados entre si. «A casa, a luz, o espaço. /Em vão escritos, sem a luz. /O espaço sem o espaço. /O corpo sem a casa. /Um sopro sobre o espaço/desta folha. /Sem a chama. /E sem a mão que acende sobre/a superfície iluminada. /Um débil sopro. Demasiado débil. /Porque chamar-lhe pulso ou lâmpada?» Começa aqui um sistema interrogativo a que se recorre muito nesse poema e noutros. Este sistema desempenha uma função determinada: talvez se possa dizer que atenuante – por exemplo, do efeito aparentemente caótico da enunciação–enumeração: e de certos excessos afirmativos onde por vezes o discurso faz forte inflexão. Pode ser ainda um processo de questionar e prevenir certos sentidos que ameaçam assentar no corpo textual, alinhar no fio discursivo; uma forma de denunciar certos nexos articulatórios e a sua aparente consistência.

De parte isto, e repare-se em certos elementos significativos de que este campo semântico se povoa: é «a casa» «a luz», «o espaço», «a folha», «a chama», «o sopro», «a mão», «o pulso», «a água», « a língua», «o desejo», «o fogo», «a lâmina», «a sombra», «a parede», «a lâmpada», «a pedra», «os dedos», «a boca», etc. Citamos apenas nomes, substantivos. Vamos encontrar estes e outros – pode-se dizer do mesmo campo semântico – em praticamente todos os poemas, tal como os atributos que aparecem a qualificar esses nomes, os nexos relacionais que articulam esses nomes entre si ou com referências mais largas. E tal como o sistema interrogativo, este, por vezes – acrescente-se agora –, para suavizar fricções significantes, tensões verbais de conteúdo excessivo.

Mas, a propósito do que aqui se chama – impropriamente, aliás porque não é – sistema interrogativo (não é sistema, queríamos dizer). Há um poema onde se fala disso explicitamente: trata-se de «Ponte-Traço» e é assim: «Um ponto negro – um traço/na planície branca/e uma pergunta no silêncio/resolve-se na luz/de uma outra folha inatingível/ nudez de evidência ou/de um equilíbrio súbito suspenso/de um contorno novo/uma prosa branca/o desvio de um sulco/ou haste/perpendicular à lentidão do curso/o nome que ascende e principia o fluxo/que não cessa aqui». Transcrevemos na íntegra. Repare-se na agilidade metafórica-imaginística que corresponde à resolução da questão da «pergunta» no desdobramento de perspectivas que vai cobrindo essa resolução, na abundância referencial aparentemente anárquica (mas evidentemente que não).

Na primeira sequência há um poema que significativamente se titula «A porta da ausência». Começa por «Imaginar a forma/ doutro ser. Na língua/proferir o seu desejo/O toque inteiro/Não existir», passa por uma enunciação-enumeração de algumas metáforas-imagens, de par com um expedito manejamento de oposições e complementaridades, recorre à interrogação intensiva e deixada em suspenso, ou talvez não: porque encerra com uma solução, uma saída, para a crise aberta e declarada, dá-lhe pelo menos um sentido – e aqui é a noção duma alteridade que subilmente se insinua: «As palavras soçobram rente ao muro/A terra sopra outros vocábulos nus/Entre os ossos e as ervas/UMA OUTRA MÃO TÉNUE/refaz o rosto escuro/doutro poema.» Uma alteridade como solução formulada, aliás, duplamente, pelo menos: a do sujeito – metonicamente, a mão –, e a do objecto a que a sua actividade se dedica, e ainda o que resulta dessa actividade exercida, o poema.

Vê-se portanto também como a ausência se resolve – a ausência, o drama da ausência; na pluralidade para que toda a alteridade aponta.

Com isto não se pode encobrir uma questão crucial: a que respeita ao poder que as palavras terão de «dizer» a realidade, as coisas, as referências a que se reportam – que, dir-se-ia, **dizem, nomeiam,** ou **designam,** ou apenas significam. No último poema desta sequência lê-se que «estas palavras/não dizem (...) o júbilo/ou o rio/que sob elas flui», o que é reconhecer os limites, as limitações dos signos, mas, logo neste expresso reconhecer, encontrar para isso uma certa compensação; uma compensação simbólica, mas secundária, porquanto, no dizer que as palavras não dizem isto e aquilo, o que com isto e aquilo se faz é certamente muito menos do que o fariam as palavras. No poema lê-se depois: «Oh quem diria (o que de súbito nos une um brilho/ **não os sinais** / mas a duna e o espaço/ a configuração viva do instante/a nuvem vermelha sobre o monte» (...). O sublinhado é nosso, que não do texto. O não sublinhado reporta-se a esse campo referencial, como vimos, fora do alcance das palavras, do alcance produtivo (significante) das palavras, à primeira impressão dir-se-ia que neste poema se sobrevalorizam as coisas,os pretextos, os referentes, e se desvalorizam as palavras, o trabalho e as possibilidades das palavras. Não assim. Repare-se que aquilo a que chamamos (nós, aqui) coisas, referentes, pretextos, é tanto menos isso quanto mais uma certa conjugação imaginística, uma certa articulação metafórica. Os nomes, sempre metonímicos, não são para ler numa relação imediata com as imagens que atrás deles se erguem para a nossa percepção; antes disso, são para percepcionar exactamente primeiro como imagens, depois como metáforas. Assim, por exemplo, «o júbilo» e «o rio que (...) flui» (sob as palavras) são, de preferência, uma zona semântica definida, uma definida fase do processo significante que se sustenta da relação entre as palavras e as coisas, e vice-versa. Não são propriamente substantivos; o seu conteúdo é em termos de qualidade adjectiva que melhor se pode definir.

A segunda sequência de poemas titula-se «A Palavra no Deserto». Detemo-nos um pouco no poema que dá título à sequência. Ela começa com um verso onde cabe uma afirmação pela negativa, ou antes, a afirmação duma ausência: «Nenhuma palavra nasce» –, e uma interrogação suspensa: «Nenhuma palavra nasce. Nenhum sinal». A dialéctica geral do poema pode resumir-se em pouco. É isso que já vimos e, depois, algumas evocações, fixadas no pretérito imperfeito, alternando com o registo de evidências no tempo presente, aqui e ali no futuro, voltando-se então ao sistema interrogativo como elemento estrutural organizativo, elaborador, articulatório – do texto, do discurso. Este sistema interrogativo, no presente ou no futuro, formula sempre uma pendência, de certos limites (por exemplo, do conhecido) para certos ilimites (do desconhecido), de certas perplexidades limiares (aqui, agora) para indeterminadas ou desproporcionadas interrogações – que, todavia, a dialéctica interna do poema tende quase sempre a reduzir, a fazer recuar para um confronto mais próximo e às vezes imediato.

«Entre o sabor das coisas e as palavras/uma transparência quase» (...) «Nenhuma palavra nasce. Nenhum sinal.» (...) «Que procuro ainda?/A inesperada ardência, a vida/de um gesto novo?/Restituir-me-á a palavra/a maravilha nua do encontro/a surpresa que lava o olhar, o pulso vivo?/Que imagem é esta? Viver só/o instante de um desejo/ou apenas o desejo de um desejo?/Nenhuma palavra nasce. Nenhum sinal./Uma palavra de vida. O nascimento/DE UMA ERVA ALTA ONDE O CÉU DANCE.»(...) «Antes direi o nada que me cerca/E MASCAREI A PEDRA ESCURA».

O verso inicial, «Nenhuma palavra nasce. Nenhum sinal», repete-se mais três vezes ao longo do poema numa expressão afirmativa, e há ainda uma ocorrência que lhe inverte a confirmação, melhor, que inflecte, interrogativamente, esta afirmação. «Será este sinal? As palavras nascem?». Em qualquer das ocorrências, o desenvolvimento discursivo retem-se e detem-se suspenso e aberto para uma autoquestionação radical dos fundamentos, do processo e do objecto do poema. O desenvolvimento discursivo processa uma curiosa dialéctica entre os sinais e os signos, as coisas e as palavras, o sujeito e o objecto, a presença e a ausência, o ser e a sua negação (pela ausência de reflexos, pela anulação de relações efectivas, pela devolução das evidências inaceitáveis), a claridade e as sombras, as imagens visíveis e a escuridão que as apaga. «Será este o sinal? As palavras nascem?» – lê-se, na ocorrência variante, que aqui assume proporções de inversão, de ordem, de perspectivas, relativamente ao processamento onde se empenham as palavras e os sinais (os signos e as coisas, a fala nomeadora e inquiritiva, desbravadora da realidade e do real, e o silêncio das coisas, do concreto, do mundo). – «Tudo já passou. Ou nem chegou a ser/E de novo preso à fixidez da página». (...)

Retenha-se aqui esta expressão: «a fixidez da página». Ela tem a ver com aquilo que se passa na terceira sequência. «A Imagem», que se pode dizer um relativamente extenso poema, e uma variação sobre um tema central, aquele que o título indica. «A imagem», o que é? Um pólo central de referências atractivas, por um lado, ou a um certo nível, aquele em que, por exemplo, o imaginário se movimenta, interna e exteriormente, à volta dum determinado/ indeterminado centro de gravidade, orientado imprecisamente pelo sentido desse centro, mas este centro deslocando-se sempre, embora num âmbito mais ou menos restrito – que pode ser o âmbito da página. Como, aliás, no final se sugere, falando de «a nuvem sobre a página»: «nuvem» torna-se todo o imaginário, todas as imagens, subsidiárias duma imagem única, ou pertencentes ao campo de acção ou esfera de influência atractiva duma única imagem. Mas esta única imagem, esta imagem única é bem outra coisa diferente do que mais facilmente à letra se nos diz: é uma imagem de ausências numerosas (de imagens), a imagem duma ausência de imagens – onde estas tanto se desejam como se repelem. «As imagens não dançam/sobre a imagem» – lemos. Por isso é que «a imagem/é nula como o corpo/O corpo não ardente/mas obscuro/um sulco e os sombrios

Continua na pág. 18

MATERIAL ELÉCTRICO

Greve condiciona a resposta patronal

A Comissão Negociadora Sindical do sector de material eléctrico e electrónico espera que o patronato apresente até amanhã, às 18 horas, uma resposta à última proposta sindical.

Esta tarde e amanhã decorrem reuniões de conciliação nas quais as matérias em discussão continuarão a ser debatidas p los representantes dos trabalhadores e dos patrões.

Caso não haja acordo, os cerca de 30 mil trabalhadores do sector entrarão em greve, de 24 horas, depois de amanhã, dia 25, como foi decidido nos plenários do fim-de-semana passado, em Lisboa, Ovar e Porto.

A Comissão Negociadora Sindical apresentou em reunião no passado dia 18, uma proposta em que reivindica cerca de 20 por cento de aumento da tabela salarial e um aumento de 2 mil escudos para os trabalhadores que ganhem mais que a tabela salarial. Revindicam também um aumento de 22,2 por cento para as diuturnidades, subsídios de refeição de 42$50 para os trabalhadores sem cantina e subsídios de 600 escudos mensais para creche, a atribuir aos trabalhadores com filhos até aos 7 anos.

Segundo foi hoje anunciado em conferência de Imprensa pela Comissão Nagociadora Sindical, o pré-aviso de greve foi já subscrito por cerca de 90 por cento dos sindicatos que aderem à paralisação.

Conflito nos Tribunais

Os trabalhadores dos distritos judiciais de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora admitem a possibilidade de efectuarem uma paralisação dentro em breve, caso não seja aprovado o projecto de Estatuto dos Trabalhadores Judiciais, já negociado.

Essa forma de luta poderá vir a ser decidida em assembleias gerais, a convocar oportunamente. Entretanto, está previsto um encontro entre os sindicatos respectivos e a Secretaria de Estado da Função Pública, marcado para sexta-feira.

Os trabalhadores manifestaram patronal após a desintervenção siçã

Real Vin Gaia con

«Os trabalhadores da zona de Gaia, unidos e organizados, contando com a solidariedade combativa dos seus irmãos de classe, continuarão a lutar pelos objectivos da concentração de 19 de Outubro» – lê-se num comunicado que nos foi enviado pela Comissão Organizadora da grande concentração de trabalhadores que se efectuou na passada quinta-feira, na Praceta 25 de Abril, naquele concelho gaiense.

Para a Comissão aquela concentração foi uma prova «da disposição dos trabalhadores de continuarem a reforçar a luta em defesa dos seus postos de trabalho, pelo aproveitamento pleno da capacidade produtiva das empresas, contra a política financeira da banca e as medidas do governo que preparam o regresso de patrões sabotadores e põem em riscos de falência» numerosas empresas.

O comunicado sublinha que «os trabalhadores são os mais firmes defensores da viabilidade económica das empresas e da autêntica recuperação económica do País».

O propósito firme de «continuar reforçar a luta contra a política do Governo demitido de Nobre da Costa» a «Solidariedade activa e de classe para com a luta dos heróicos trabalhadores agrícolas da zona da Reforma Agrária, vítimas da mais violenta e brutal repressão» – é também salientado no docu-

REESTRUTURAÇÃO EM CAUSA

Contribuições e impostos param nos dias 30 e 31

Os trabalhadores filiados no Sindicato dos Trabalhadores da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos propõem-se fazer greve nos dias 30 e 31, seguida de greve idefinida a partir de 6 de Novembro, como forma de ser aprovado e publicado, até ao dia 26, o decreto-lei que consagre a reestruturação de carreiras e serviços.

«Os trabalhadores da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos desde há quase três anos confrontados com um processo moroso de negociação da sua «reestruturação de carreiras» em que, para além da melhoria das condições de vida e de trabalho dos funcionários será ao próprio público utente que também se dirigirá pelo benefício que terá ao tratar com pessoal mais qualificado» – afirma o sindicato num «aviso à população».

A decisão de greve foi tomada em reunião efectuada no dia 16 e comunicada ao director-geral das Contribuições e Impostos. Desse contacto concluíram os elementos do sindicato que «o director-geral não nos dá garantias de saída do decreto regulamentar a nosso favor» e «diz concordar oralmente com os pontos concretos que apresentámos».

Entre esses pontos concretos apontam-se a exigência de manutenção das letras e categorias para todo o pessoal não administrativo; manutenção das actuais gratificações de chefia e tecnicidade; reclassificação do pessoal administativo, abertura imediata de cursos para ascensão de contínuos e telefonistas aos postos imediatos, etc.

...n-se, no dia 19 de Outubro, em Gaia, contra o procedimento ...da Real Vinícola/Real Companhia Velha. Agora manifestam dispo...o de lutar pelos mesmos objectivos...

...ícola é o tema: ...tinuará a lutar

...mento. Segue-se um apelo à solidariedade de todos os trabalhadores do distrito do Porto, no sentido de definir e concretizar «formas de acção conjunta que oponham uma forte barreira às manobras do grande patronato e à política do Governo de Nobre da Costa, que lhes dá cobertura».

Gestão da JNPP criticada por um grupo de trabalhadores

Verifica-se na Junta Nacional de Produtos Pecuários um conjunto de situações susceptíveis de afectar «directa ou indirectamente todos os trabalhadores do organismo e a própria economia do País», segundo denunciam em comunicado, os trabalhadores comunistas da JNPP.

Essas situações giram em torno de três aspectos fundamentais, para os quais aqueles trabalhadores entenderam dever alertar os colegas de trabalho: gestão de pessoal, política de austeridade e reestruturação.

No que diz respeito a admissão de pessoal refere o comunicado que depois de alterações no Serviço de Pessoal (afastamento, substituições), foram admitidos técnicos em quantidade excessiva e, em seguida, «atirados para trás das secretárias com pouco ou nada para fazer». Por outro lado, há centenas de trabalhadores fora do quadro, pelos quais nem a CT nem o Serviço de Pessoal se interessou para os integrar no quadro de pessoal da Junta. «Requisições por compadrio e nepotismo parecem enquadrar-se nos critérios actualmente adoptados quanto a admissão de pessoal; senão como explicar que sejam constantemente «despejados» novos trabalhadores nos Serviços», perguntam os trabalhadores comunistas da JNPP.

Relativamente às promoções diz a célula comunista da JNPP que «o descarado oportunismo é revoltante», dando em seguida alguns exemplos.

Política de austeridade, de acordo com o comunicado, parece ser necessidade que os responsáveis da Junta desconhecem, comparando o seu comportamento «à euforia esbanjadora dos grandes impérios decadentes (...)». Obras avultadas em instalações que o organismo vai abandonar, aquisição de um mobiliário requintado e construção de um parque para recolha de gado, no valor de 30 mil contos cujas obras foram embargadas pela CM de Palmela, são algumas das anomalias apontadas pelos trabalhadores comunistas.

Estes apontam ainda o facto de, em vez de se fazer uma reestruturação do organismo, cada serviço está a fazer a sua reestruturação em família, pelo que os trabalhadores comunistas esperam que o novo presidente da JNPP ponha a toda esta situação.

ESTA NOITE

Candidatos à advocacia debatem questões de acesso

Candidatos à advocacia reúnem-se esta noite em Lisboa, nas instalações da Ordem dos Advogados, para debaterem assuntos relacionados com o acesso à profissão.

O estágio de advocacia tem sido dificultado nos últimos tempos pela Ordem dos Advogados, que estabeleceu condições mais rigorosas do que as previstas na lei, sem que previamente tenha consultado os principais interessados: candidatos e respectivos patronos. Tal circunstância tem suscitado indignação entre os estagiários, que se sentem objecto de restrições e de um controlo pedagógico inaceitável.

Segundo informações prestadas à ANOP por um elemento do grupo promotor da reunião que hoje se efectua, prevê-se a inscrição de 600 a 700 novos candidatos até final do ano.

Salários das Madeiras vão ser revistos

Efectua-se na quinta-feira uma reunião prévia para revisão das tabelas salariais e de outras condições de trabalho com expressão económica vigentes nas indústrias de madeiras, para a qual os sindicatos do sector (verticalizado) convocaram todas as associações patronais.

A comissão negociadora sindical, prevendo a possibilidade de algumas dessas associações não comparecerem, desde já adverte que «os Sindicatos, na defesa dos legítimos interesses dos trabalhadores, darão a resposta adequada». De facto, «o último processo, que terminou em PRT mercê do boicote patronal, levou nada menos de 22 meses a concluir».

Presentemente, há indícios de que algumas associações patronais se pretendem furtar às negociações, com o objectivo provável de reeditar o seu comportamento anterior. Até ao momento, apenas a Associação das Indústrias de Painéis de Madeira apresentou uma contraproposta.

2, Wall Street
Estamos aqui
para o apoiar nos seus negócios

Em Wall Street,no centro financeiro de Nova York,
o BPA está presente com uma Agência para apoiar os seus negócios.
Promover as Exportações portuguesas.
Encorajar novas iniciativas no mercado americano.
Para informar. Para o servir em todas as suas operações bancárias.

Servimo-lo a si e ao País apoiando a expansão das actividades económicas
nos Estados Unidos da América.

NOVA YORK

BPA
BPA 1919 BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
2, Wall Street • Nova York
Telex - 428 339 — Telef. 212-5777440

Pub.

METALURGIA E METALOMECÂNICA

Paralisação Nacional

dia 26 5.ª feira

— no 2.º período de trabalho

(entre as 12 e as 24 horas)

Às Associações Patronais

Ao Ministério do Trabalho

CCTV Nacional
da Metalurgia e Metalomecânica

As Associações Sindicais signatárias,

— Considerando a posição de rigidez das Associações patronais que, recusando-se a discutir as matérias essenciais da proposta Sindical, bloqueiam a marcha das negociações.

— Considerando a iniciativa das Associações patronais de romperem a negociação directa de tais matérias.

— Considerando a recusa por parte das Associações patronais do Ramo Automóvel e das Associações patronais da Região Autónoma da Madeira de participar nas negociações.

— Considerando que o Ministério do Trabalho deve assumir rapidamente uma posição firme e clara face ao presente conflito e tomar as medidas necessárias para garantir a manutenção do âmbito da Regulamentação em vigor para o sector.

DECLARAM

A greve, nas empresas de todo o sector (Metalurgia, Metalomecânica, Construção Naval, Montagem e Reparação Automóvel) para o dia 26 de Outubro de 1978 durante o segundo período de trabalho (entre as 12 e as 24 horas), com paralisação da laboração.

Nos termos do artigo 5.º n.º 1 da Lei N.º 65/77, vale a presente declaração como pré-aviso.

Lisboa, 20 de Outubro de 1978

AS ASSOCIAÇÕES SIGNATÁRIAS:

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DO COMÉRCIO
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS SOCIAIS
SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E GARAGENS CENTRO E SUL
SINDICATO DOS CONSTRUTORES CIVIS
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO NORTE
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS RODOVIÁRIOS E GARAGENS DO PORTO
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE PORTARIA E VIGILÂNCIA, LIMPEZA E SIMILARES
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E MADEIRAS
SINDICATO DOS TELEFONISTAS DO DISTRITO DE LISBOA
FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS RODOVIÁRIOS
FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS
SINDICATO DOS FOGUEIROS DO SUL E NORTE
SINDICATO DOS PROFESSORES
SINDICATO NACIONAL DOS COBRADORES
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS
FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA HOTELARIA DO SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS SUL E ILHAS.
SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
FEDERAÇÃO REGIONAL DOS SINDICATOS DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO SUL E ILHAS ADJACENTES

AMÉRICA LATINA

Fidel recebe opositores e liberta presos políticos

Durante o último fim-de-semana o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, inaugurou aquilo que as agências internacionais já passaram a chamar de «novo estilo», ao entrar pessoalmente em contacto com vários opositores do regime socialista vigente desde a vitoriosa Revolução de Sierra Maestra, em 1959. E ao permitir a saída do primeiro avião para Miami, levando um grupo de presos políticos libertados. Em Havana, Fidel recebeu e conversou demoradamente com «adversários» que vieram de Miami por ocasião da libertação de um grupo de presos políticos. Os poucos convidados que assistiram ao encontro disseram que um Fidel Castro descontraído e bem humorado manteve uma cordial entrevista com os seus seis convidados entre os quais estavam Rafael Huguet, fundador do grupo «Alfa 66» que sempre se distinguiu pela extrema agressividade contra o regime cubano, o industrial Orlando Padrón, ex-proprietário da fábrica de famosos charutos, Reinold Gonzalez, libertado há 11 meses por intervenção do escritor Gabriel Garcia Marquez após ter passado 16 anos na prisão, Bernardo Benes, Bobby Maduro e o jesuíta Guillermo Arias. Balanço das conversações: os opositores cubanos expuseram uma agenda de reivindicações relativamente à qual não foi feita qualquer objecção de princípio. Entretanto, Fidel Castro fixou os limites dessas reivindicações ao impor uma ordem de trabalho: a libertação dos presos políticos, a reunificação das famílias e o dereito dos cubanos exilados irem a Cuba.

Durante o diálogo não houve qualquer discussão política e o primeiro-ministro admitiu que tudo poderá estar resolvido antes do fim do ano. Pelo menos, disse que este era o seu desejo.

Aliás, no passado dia 21, sábado, pela primeira vez desde a vitória da Revolução Cubana, a imprensa estrangeira entrou numa das mais famosas prisões do país, o «Combinado do Este», localizada a 25 quilómetros de Havana, que detém 700 presos políticos. Os reclusos, posteriormente, reuniram-se em almoço de confraternização com os jornalistas e com os membros da «comunidade de Miami», oportunidade em que reconheceram publicamente o que chamaram de «honestidade das autoridades cubanas», sem contudo renunciarem as suas posições ideológicas.

A maioria dos presos políticos entrevistados pelo representante da agência Reuter foram detidos por atentados à vida do próprio Fidel Castro. Entre eles estava o engenheiro Júlio Agosto, que cumpriu quase metade da sua pena de 30 anos. Agosto foi recrutado pela CIA em 1960, embora, como disse, «na altura nem sabia o que era isso».

Também no sábado passado chegaram a Miami os primeiros 47 presos políticos libertados em Cuba, acompanhados por 34 familiares. A viagem foi feita num avião especialmente fretado. Entre os passageiros seguiu António Cuesta, capturado em 1966 depois de mais uma falhada tentativa de desembarque na ilha financiada pelos serviços secretos norte-americanos.

Neste novo tipo de relacionamento de Cuba com opositores políticos provavelmente não serão incluídos os membros de grupos terroristas. Quanto aos condenados por crimes políticos durante o regime do ditador Fulgência Baptista, Fidel Castro disse haver 425 pessoas nessas circunstâncias e que os casos serão estudados individualmente. Admitindo que a «reconciliação cubana» permitiria uma melhor compreensão entre Washington e Havana, Fidel disse entretanto que continuará a não discutir com os EUA o apoio dos revolucionários africanos.

AFRICA

Mercenários rodesianos detidos no ataque à Zambia

O presidente Kenneth Kaunda anunciou ontem que 18 «estrangeiros» foram presos por terem colaborado com tropas rodesianas durante os ataques da semana passada aos acampamentos de guerrilheiros da Frente Patriótica localizados na Zâmbia. Os «estrangeiros», mercenários recrutados pelo regime de Ian Smith para ajudá-lo a manter-se no Poder foram detidos mesmo próximo à capital zambiana, Lusaka, mas os seus nomes e nacionalidades não foram ainda revelados.

Entretanto, na mesma conferência de Imprensa que concedeu ontem, Keneth Kaunda desferiu violentos ataques às tentativas anglo-americanas para a organização de «conversações de paz» na Rodésia, ao rejeitar uma conferência multilateral nas linhas acordadas na passada semana pelo primeiro-ministro rodesiano: «Os britânicos e os norte-americanos cederam a Smith e a Zâmbia não vai nisso». Kaunda criticou ainda asperamente os Estados Unidos e a Inglaterra pelo que chamou de «respostas mornas» aos ataques contra o território do seu país, os de maior envergadura até hoje perpetrados: «Nunca esquecerei que Smith deu de Washington as ordens para matar inocentes». De acordo com números oficiais da Zâmbia, houve mais de 330 mortos e quase 200 desaparecidos nos ataques desferidos. Kaunda negou que estivesse a preparar retaliações, até porque, conforme reconheceu, não teria forças militares para isso mas não deixou passar a oportunidade de ilibar os seus militares: «A Zâmbia não tem capacidade para se defender de um ataque aéreo. Não podemos equiparar as nossas forças às rodesianas ou sul-africanas. Não sou um cobarde, mas se enviasse os nossos rapazes para bombardear Salisbúria seria o suicídio da Zâmbia». Entretanto, este facto não o impediu de prometer «continuar a luta contra este homem (Ian Smith) até que ele seja erradicado».

Reafirmando o seu apoio à Frente Patriótica e apelando para a unificação dos dois movimentos seus componentes (ZANU e ZAPU), Kaunda disse que a Zâmbia continuava disposta a participar em conversações multilaterais na base das propostas anglo-americanas apresentadas há 13 meses, desde que **houvessem** as condições prévias então acordadas, recusando assim, as determinações que Smith procura impor para a realização do encontro, isto é, **sem** condições prévias.

Namíbia: SWAPO nas eleições só sob controlo da ONU

A SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) participará em eleições livres na Namíbia na condição delas se desenrolarem sob o controlo das Nações Unidas, declarou ontem Lucas Pohamba, tesoureiro da SWAPO, em Gaborone (Botswana).

Segundo Pohamba, a SWAPO ganhará tais eleições pois respondem «às aspirações do povo da Namíbia». Recorde-se que a África do Sul decidiu organizar unilateralmente eleições na Namíbia.

Pohamba negou por outro lado que a Aliança Democrática da Turnhalle (DTA – moderada) represente o povo namíbio. «A DTA não é mais que uma emanação do Governo sul-africano», acrescentou.

A proposta da SWAPO de instaurar um cessar-fogo na guerra das fronteiras continua a ser válida e a organização está pronta a assinar um tratado de paz se a África do Sul aceitar esta proposta, afirmou Pohamba.

Entretanto, espera-se que Estados africanos efectuem hoje conversações estratégicas sobre a Namíbia, afirmando-se que vários deles são a favor de um recomeço rápido do debate no Conselho de Segurança da ONU.

O propósito de uma sessão do Conselho de Segurança, notaram fontes africanas, seria a aprovação de uma resolução reafirmando a impossibilidade de se aceitar um plano sul-africano para se efectuar eleições unilaterais em Namíbia, em Dezembro, sem a presença da ONU.

RELIGIÃO

João Paulo II na varanda da Basílica de São Pedro, momentos depois de ter sido eleito Papa. (Foto Keystone)

"O Papa do Desanuviamento"

«Não tenham medo, abram as portas todas, de par em par, a Cristo, abram as fronteiras dos Estados, dos sistemas económicos e políticos. (...) Não pode haver um verdadeiro progresso da humanidade nem uma paz duradoura sem uma procura leal e desinteressada da cooperação e unidade crescentes entre todos os povos do mundo» – estas declarações de João Paulo II, feitas na solene homilia proferida na cerimónia da sua entronização, levam já os comentaristas a designá-lo por «o Papa do Desanuviamento».

Aliás, logo a seguir à sua eleição, João Paulo II deu este tom às suas declarações, referindo-se nomeadamente aos desejos do Vaticano de abrir a sua diplomacia mesmo àqueles Estados de cujo regime a Santa Sé poderá discordar. O facto de o chefe do Estado polaco ter ido assistir à entronização do Papa e ter sido depois recebido pelo antigo arcebispo de Cracóvia foi devidamente assinalado, tendo sido mais um elemento a ter em conta nas previsões que dão como muito provável uma clara melhoria das relações entre a Santa Sé e os países socialistas.

Segundo Georges Albert Salvan, o pai da **Ostpolitik** do Vaticano, Monsenhor Agostino Casaroli, é um dos dois candidatos apontados para a Secretaria de Estado. O mesmo comentarista assinala dois comentários vindos de países socialistas (um da agência Novosti da URSS, e outro do jornal Zycie Warsaw, da Polónia) como respostas encorajadoras à «mão estendida» do Papa em relação aos países socialistas. Se o Pontificado de João Paulo II vier a confirmar estas previsões, o seu cognome na história será o de «Papa do Desanuviamento», sinal de que a Igreja Católica entendeu que esta é a única via para solucionar os graves problemas que a humanidade enfrenta no derradeiro quartel do século XX.

MÉDIO ORIENTE

Visita de Assad ao Iraque fortalece Frente de Rejeição

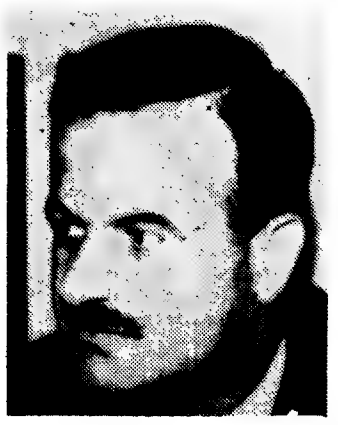
Enquanto o presidente dos EUA pressiona os seus pupilos israelitas no sentido de aprovarem a minuta do tratado de paz com o Egipto, enquanto o Gabinete israelita se debruça sobre esse documenio, enquanto no Egipto o enviado de Washington, Atherton, conversa com Sadat para não agravar a decisão deste no sentido de introduzir emendas de última hora aquela mesma minuta, enquanto isto, dizíamos, algo de muito importante se passa na frente progressista do mundo árabe. Referimo-nos à visita («histórica» quase) que o presidente da Síria, Hafaz Al Assad, inicia hoje a Bagdad.

Durante cinco anos, iraquianos e sírios estiveram de candeias às avessas e travaram uma guerra de espiões e contra-espiões, enforcamentos e contra-enforcamentos, azedando cada vez mais o conflito que os separava e travando perigosamente todas as iniciativas contrárias aos manejos sionistas e imperialistas.

Uma divergência fundamental parece subsistir entre Damasco e Bagdad: a Síria mostra-se mais favorável a um processo de negociações enquanto o Iraque defende como único recurso para a paz no Médio Oriente o remédio das armas.

A mediação de várias capitais da Frente de Rejeição conseguiu que sírios e iraquianos se aproximassem, e espera-se que esta visita de Assad culmine com o selar duma amizade sólida, sem a qual todas as tentativas de obviar ao capitulacionismo egípcio correrão o risco de se esboroar sem remédio.

Esta visita surge a poucos dias da cimeira da Frente de Rejeição marcada para o próximo dia 2 de Novembro na capital iraquiana.



ÁSIA

Sublevação geral no Camboja?

Os cambojanos lançaram-se numa sublevação geral para derrubar o governo, anunciou hoje Radio Hanoi captada em Hong Kong.

Os soldados amotinaram-se no aeroporto de Kom Pong Cham (segundo aeroporto do país, na província do mesmo nome), a 75 km a Nordeste de Phnom Penh «tendo-se apossado da torre de controlo, precisa a Radio, puderam coordenar a acção das outras unidades».

Segundo Rádio Hanoi, os rebeldes cortaram o abastecimento a Phnom Penh, controlando todas as estradas, nas províncias de Rattnakiri e Stung Treng, no nordeste do país.

«Os soldados amotinados e as forças insurreccionais atacaram as cidades de Kratie e Kompong Thom, no Norte do país, precisou Rádio Hanoi. Os rebeldes matam os oficiais cambojanos na região militar do Oeste, acrescenta a Rádio.

DESARMAMENTO

Cresce o repúdio contra a bomba N

O fabrico dos «elementos essenciais» da bomba de neutrões decidido pelo presidente dos EUA suscitou uma vaga de protestos e manifestações na Europa. Em plena reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO, foram imediatamente ouvidas vozes discordantes dos membros europeus do Pacto Atlântico. Posteriormente, o parlamento holandês aprovou uma moção condenando a decisão de Carter e instando o Governo dos Países Baixos a rejeitar qualquer hipótese de cumplicidade com a bomba de neutrões. Duzentos médicos austríacos enviaram uma carta ao presidente Carter, na qual dizem, a certo passo: «Os efeitos da arma de neutrões dirigidos contra a vida humana fazem dessa arma um novo meio terrível de destruição, cujo armazenamento na Europa ameaçaria a vida e a saúde dos homens do nosso continente». Dezenas de milhares de cidadãos austríacos têm até aqui participado num movimento de repúdio contra a bomba N e outras armas de destruição de massa, estando actualmente a circular naquele país neutro um abaixo-assinado que já recolheu milhares de assinaturas contra tais armas.

Neste fim-de-semana, o Conselho Mundial para a Paz emitiu em Helsínquia um apelo dirigido a todas as pessoas progressistas «no sentido de protestarem contra a recente decisão de Carter. O CMP salienta a necessidade de impor a interdição desta arma e de impedir a sua produção. A secção soviética do CMP sublinha por sua vez, que os planos de Carter estão em contradição com as recomendações recentes da sessão especial da AG da ONU sobre o desarmamento.

Em Varsóvia, num comunicado conjunto o Partido Operário Unificado da Polónia e do AKEL de Chipre, emitido no final da visita de uma delegação deste partido àquele país socialista confirma-se a vontade dos subscritores de se oporem à produção da bomba N e de procurarem os caminhos conducentes à limitaçõ da corrida às armas e ao desarmamento.

Estas tomadas de posição coincidem com o começo da semana de desarmamento da ONU. O representante francês à AG das Nações Unidas reiterou a proposta do seu governo para a celebração de uma conferência de desarmamento na Europa, enquanto o representante da RFA declarou que o seu governo continuará a apoiar junto dos seus alidaos na NATO qualquer esforço realista que vise intensificar a cooperação internacional a favor da segurança e da paz mediante negociações sobre desarmamento e controlo de armas.

Ainda no âmbito do desarmamento salientem-se as declarações optimistas do secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, que, à sua partida de Moscovo (onde teve quatro sessões de negociações com vista à conclusão do acordo SALT II), declarou que os EUA e a URSS estavam empenhados na conclusão rápida e com êxito do novo tratado sobre limitação de armas estratégicas. Embora muitos esperassem que as negociações de Moscovo fossem conclusivas, surgiram dificuldades, que poderão ser sanadas no próximo mês de Novembro em Genebra.

Produzir bombas atómicas é afinal muito fácil

Muitos países que não possuem armas nucleares poderão construir e fazer funcionar rapidamente e em segredo uma fábrica de produção de plutónio, matéria indispensável à realização duma bomba atómica, a partir de uma central nuclear – afirmou ontem em Washington um relatório do Gabinete Geral da Contabilidade, organismo dependente do Congresso dos EUA.

Uma fábrica dessas pode fornecer cerca de 5 quilos de plutónio por dia, ou seja, o suficiente para produzir mais de uma bomba nuclear por semana. Segundo o GGC, este facto obriga a uma intensificação dos esforços no sentido de evitar o desvio do material nuclear para fins militares.

EUROPA

ETA pretende intervenção das F.F.A.A. no País Basco

A ETA, a organização separatista basca, desencadeou uma grande ofensiva tentando conseguir a intervenção do Exército no agitado País Basco, revela hoje a revista espanhola «Cambio 16».

O conceituado semanário diz que a campanha começou no fim de Setembro e atingirá o máximo de violência em Dezembro, quando se espera que a Espanha vote num referendo sobre uma nova Constituição democrática.

Uma dezena de pessoas foram assassinadas por guerrilheiros urbanos no País Basco, no mês passado, a maioria delas pela ETA. As últimas vítimas foram dois guardas civis abatidos anteontem a tiro, perto de Bilbau, após estarem de serviço durante um jogo de futebol.

A «Cambio 16» não revela a razão por que a ETA pretendia a intervenção do Exército, mas tal iniciativa poderia polarizar os bascos, encorajando maior oposição armada contra o governo de Madrid.

A revista nota que homens de negócios de destaque, políticos locais e outras personalidades do País Basco foram advertidas pelas autoridades acerca da ofensiva da ETA.

Os alvos principais da nova ofensiva serão a Guarda Civil e a Polícia, consideradas pela ETA como um exército de ocupação enviado por Madrid.

Contudo, correrão também perigo os alcaides de cidades eleitos durante a ditadura de Franco, governadores civis e membros das Forças Armadas.

Entretanto, o presidente do Governo espanhol, Adolfo Suarez, recebeu segunda-feira em Madrid, o general Manuel Gutierrez Mellado, vice-presidente, encarregado da Defesa, e Rodolfo Martin Villa, ministro do Interior. O problema do terrorismo, que fez 59 mortos em Espanha desde o começo do ano, dez dos quais apenas durante o mês de Outubro, poderá ter estado no centro das conversações, opina-se de fonte próxima da presidência.

Por último, apesar da crise que a Imprensa espanhola atravessa e que já se traduziu no encerramento de três revistas, anuncia-se para breve em Madrid, o aparecimento de mais três jornais diários. Os jornais serão o «El Periodico», cuja primeira edição começará a circular no dia 26 de Outubro, o «Mundo Obrero», semanário oficial do Partido Comunista Espanhol (PCE), que passa a publicar-se diariamente a partir de 14 de Novembro, e ainda o «El Temps», catalão, a surgir no princípio do próximo ano, na Catalunha.

METALURGICOS

Nada nem Ninguém vergará os Metalúrgicos!

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALO-MECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

Crítica de Cinema

JORGE LEITAO RAMOS

"Os onze implacáveis meninos do coro"

de Robert Aldrich

FICHA:

Título original: The Choirboys
Realização: Robert Aldrich (USA-1977).
Argumento: Alvin Greenmen, **segundo o livro de** Joseph Wambaugt.
Fotografia: Joseph Biroc.
Música: Frank De Vol.
Cenários: Raphael Bretton.
Montagem: Maury Winetrobe.
Interpretação: Charles Durning **(Spermwhale Whalen),** Lou Gossett, Jr **(Calvin Motts),** Perry King **(Baxter Slate),** Clyde Kusatsu **(Francis Tanaguchi),** Stephen Macht **(Spencer Van Moot),** Tim McIntire **(Roscoe Rules),** Randy Quaid **(Dean Proust),** etc.
Distribuição em Portugal: Mundial filmes.
Cinemas: Império e Quarteto.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.

A caminhada de Robert Aldrich é lenta mas parece cada vez mais inexorável: o seu destino é a direita, o seu veículo a progressiva mediocrização de processos. **Os Onze Implacáveis Meninos do Coro** é disso prova segura.

Como explicar de outro modo a temível obsessão pela ordem que neste filme se mascara de porreirismo sadomasoquista? Como explicar, por outra via, este mundo virilizado até à misoginia mais feroz mas onde (paradoxalmente?) despontam sinais bem legíveis de homossexualidade?

No espaço deste filme aparentemente caótico (fabricado a partir de uma justaposição de «quadros») mas na realidade sujeito à férrea disciplina de um clima de grupo (de **gang**) que «justifica» todos os excessos, todas as aberrações, todos os atentados, Aldrich inocula, com presteza e bastante habilidade, a um estranho anticorpo destinado a reagir com o universo por ele figurado. Que universo é esse? Um mundo bizarro, onde a fronteira entre a deliquência e a justeza é ditada apenas por sinais de «companheirismo» e não por factos objectivos, onde os deliquentes são viciosos (e os vícios pagam-se **sempre** no espaço deste filme) onde a violência é a lei geral das coisas, onde as alternativas são igualmente redutíveis a uma mesma realidade bloqueada. O micróbio da Ordem (de uma Ordem que se identifica com o fascismo de grupo e não com o poder individual) ressalta fatalmente no espectador que se vê confrontado com uma realidade incrivelmente estreita.

E curioso, porém, que essa estreiteza (embora seja imposta de uma forma rígida) se mantém sempre escondida por uma certa bonomia de raiz pequeno-burguesa, por uma certa «naturalidade» das coisas, por um «humor» que, pela sua vulgaridade, mais se poderia considerar como um rio de tristeza, mas que, inegavelmente, «funciona» (pelo menos na sala do Império, pelo menos na sessão a que assisti).

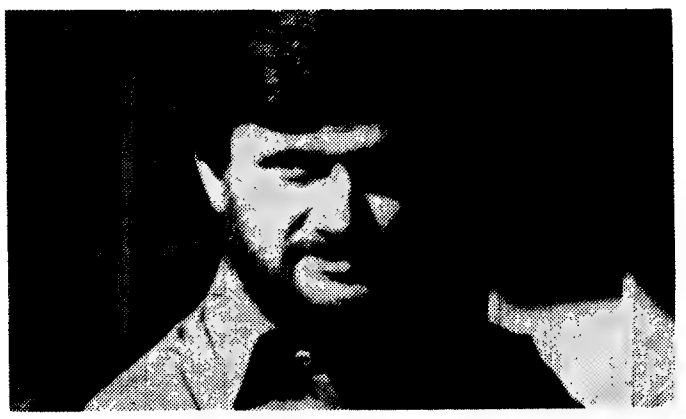
Por outro lado este filme parece assombrado pelo fantasma do sexo. Todos os delitos, todas as brincadeiras, todos os mal-entendidos têm a ver com o sexo que no filme nos surge como algo de desgostante em qualquer das manifestações. Ou melhor, em quase todas: o espírito homossexual que se respira no grupo de polícias «bons rapazes» parece ser a única referência positiva mas nem sequer assumida.

Os Onze Implacáveis Meninos do Coro é um filme que nos submerge com uma dose quase letal de repugnante reaccionarismo machista. Há, porém, muitas mulheres que riem na sala. O que quer dizer que ele está, em boa medida, fabricado à altura do seu público. Matéria para reflexão, sem dúvida.

"Cinema e transfiguração"

por Eduardo Geada

«Cinema e Transfiguração» é um livro de Eduardo Geada, recolha de textos escritos em jornais e revistas entre 1968 e 1977, que inaugura a colecção «Horizonte de Cinema». No prefácio, salienta Jorge Leitão Ramos: «Para Eduardo Geada, o cinema é sempre entendido como reflexo dialéctico do histórico. E é nas esferas do político, do social, do psicanalítico e **também** da cinefila que o seu trabalho crítico se desenvolve». Sobre a epígrafe «Da memória ao cinema em acto», destacam-se os seguintes temas: I – Ideologias e mitologias da indústria; II – A cultura e o cinema americanos; III – Um universo fantástico; IV – A política dos autores; V – A inscrição do real do filme; VI – O cinema e a história; VII – Por um outro cinema. «Cinema e Transfiguração» é um lançamento de «Livros Horizonte».



"Cinema e censura em Portugal"

por Lauro António

«Cinema e Censura em Portugal», segundo volume da «Colecção Cinema/Arcádia», da autoria de Laur0 António, procura testemunhar criticamente as relações que se estabeleceram entre a censura e o cinema visto – e o não visto – em Portugal, durante os últimos cinquenta anos, dominados por Salazar e Caetano. Destaca-se no índice: I – «Da Censura; Da legislação; Da mecânica processual; Do proibido». II – «Documentação; O caso 'Grande, Grande Era a dCidade'; Anexos».

«Cinema e Censura em Portugal» reúne abundante material, elaborado ao longo de um trabalho de consulta e recolha de dados nos arquivos da ex-Inspecção Geral dos Espectáculos, procurando dar resposta a perguntas como : Quais os tabus? Quais os métodos? Qual a posição da distribuição/exibição portuguesa perante a censura?

Carlos do Carmo e Tordo em "tournée" no Canadá

MONTREAL, 24 – O fadista português Carlos do Carmo iniciou em Montreal uma série de espectáculos que se estenderá ainda a Otava e Toronto. Carlos do Carmo é acompanhado pelo guitarrista António Chainho e José Maria Nóbrega.

Nesta «tournée» de Carlos do Carmo toma parte ainda o cantor Fernando Tordo, que interpreta, entre outras músicas, «Até sempre, companheiros», dedicada às vítimas do atentado bombista à Embaixada de Cuba em Lisboa.

Esta é a terceira vez que Carlos do Carmo vem ao Canadá. Antes já tinha cantado em 1971 e em 1977. Carlos do Carmo foi recebido no aeroporto por grande número de jornalistas e críticos musicais. Esta sua «tournée» foi organizada pela Comunidade Portuguesa, com a colaboração da TAP, e pela Delegação do Fundo de Fomento de Exportação. As apresentações de Carlos do Carmo e Fernando Tordo terminam no dia 29, devendo regressar a Lisboa no início de Novembro.

Rato Mickey faz 50 anos

Mickey, o rato superestrela de Walt Disney, que apaixonou Hollywood e o mundo, completou esta semana 50 anos de existência.

Nascido em 18 de Novembro de 1928, sob o lápis de Walt Disney, num desenho animado intitulado «Steamboat Willie», Mickey marcou desde os seus primórdios a história do cinema americano. Este pequeno rato foi a vedeta no primeiro desenho animado sonoro.

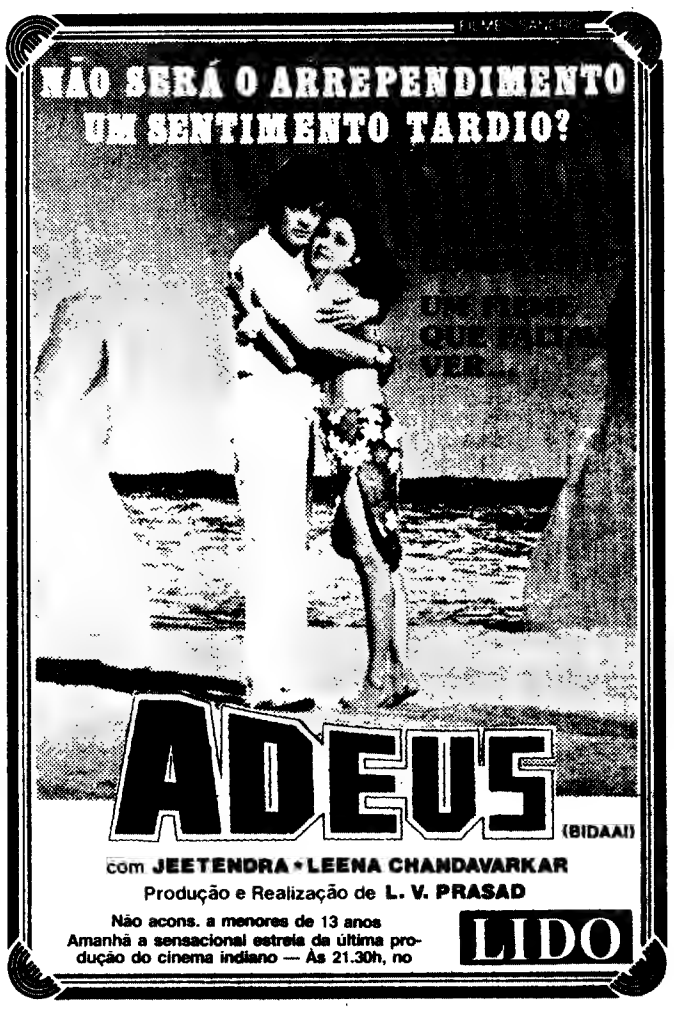
Personagem modesta, Mickey apareceu em diversas curtas metragens e na televisão, mas não voltou a aparecer num grande filme desde 1953, com «The simple things». Inesquecível interprete de «Fantasia», Mickey, cujas grandes orelhas redondas e os seus pequenos calções vermelhos são conhecidos de todas as crianças, continuou ao longo dos anos uma vedeta muito popular. Sob a forma de Tee shirt, de máscara de carnaval, ou mesmo de telefone, é omnipresente.

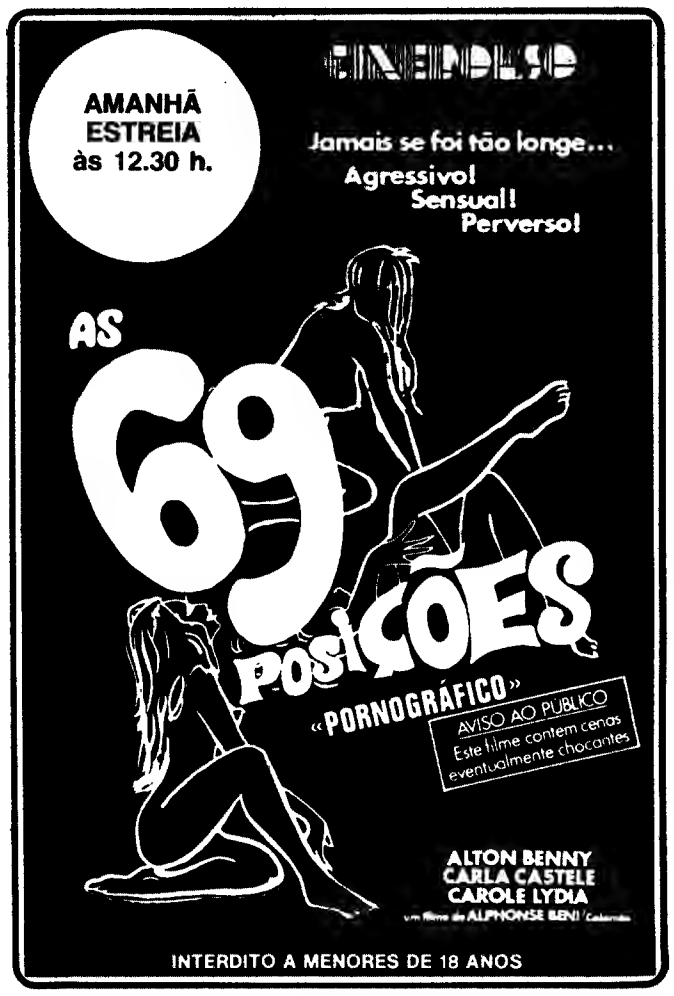
O seu meio século está a ser celebrado em grande. Um comboio, «The Mickey Mouse special», deixou Los Angeles com destino a Nova Iorque, com 57 paragens no caminho. Um «show» de 90 minutos, reuniu os seus prestigiosos admiradores, indo dos grandes nomes de Hollywood, tais como Mel Brooks ou Gregory Peck, ao antigo presidente Gerald Ford.

Filme de "Hitch" no Palácio Foz

O CCUL projecta esta noite (21 e 15) no Palácio Foz o filme de Alfred Hitchcock «Correspondente de Guerra». Entrada grátis numa promoção conjunta com a Cinemateca Nacional, seguida provavelmente de debate.

Este filme de «Hitch», datado de 1940, tem argumento de Charles Bennett e J. Harrison. No elenco vêem-se Joel McCrea, Loraine Day, Herbert Marshall, George Sanders e Albert Basserman. Para os cinéfilos: «Correspondente de Guerra» é contemporâneo de «Rebecca» e anterior de um ano a «Suspeita».





Canal da Crítica

Mário Castrim

"País de costumes doces e vida calma..."

Finalmente, começou a transmissão do filme que a RTP dedicou ao general Humberto Delgado.

Em nota do Conselho de Informação para a RTP, souberam os telespectadores das intrigas, das mentiras arquitectadas pelos partidos da direita a propósito do adiamento da transmissão. O feitiço acabou por se voltar contra o Carneiro, perdão!, contra o feiticeiro: era a direita, ela sim, quem projectava fiscalizar censoriamente a programação da RTP ao exigir o visionamento prévio do documentário. Depois, não contente com o mal, fez a caramunha. Segundo velhos hábitos de que aliás, vimos alguns exemplos na primeira parte do documentário.

Não vale aqui uma apreciação global da obra realizada por José Elyseu, até porque assistimos apenas à primeira parte. Mas alguns aspectos podem ser vistos relativamente à emissão de ontem.

Estamos em presença de uma obra primariamente concebida e organizada. Nenhuma capacidade de dinamização. Chapa do costume. «Slides», a voz do Clímaco, novamente «os slides», depois os depoimentos soluçados, cortados, montados, depois o Clímaco, umas imagens breves da época, depois a Alcina Bastos sempre com Artur Andrade na peugada, vinha a seguir o Artur Andrade com a Alcina Bastos na peugada um e outra muitas, muitas vezes, numa espécie de ténis a dar a ilusão, só a ilusão, do movimento.

O processo começa a fatigar, usam-no e abusam-no com impressionante frequência. A imaginação dos nossos realizadores anda pelas ruas da amargura. Momentos antes, na rubrica «O Desporto e a Vida» assistíramos a um trabalho semelhante. A saturação é inimiga da Televisão.

O QUÊ! OMELETES SEM OVOS?

Evidentemente, esta primeira parte deu-nos alguns apontamentos positivos não apenas quanto à personalidade do general, mas ainda quanto à natureza criminosa do fascismo, através de uma das suas armas mais odientas: a PIDE. A voz de Salazar falava do nosso país como de uma terra «de costumes doces e vida calma» – entretanto tivéramos já conhecimento daquele preso antifascista torturado até à morte.

Claro que muitas formas de repressão houve particularmente relacionadas com a candidatura de Humberto Delgado. Um jornalista poderia dizer algo. Mas a pessoa indicada para isso não era precisamente o Augusto de Carvalho.

Por outro lado, apenas um partido – o Partido Comunista Português – aparece mencionado, o que não admira, dado que era o único que existia e resistia de forma organizada. Seria natural, mais: seria obrigatório, mais ainda: não seria possível entender certas questões da época da candidatura sem ouvir alguém daquele Partido. Pois bem: José Elyseu, como certos jogadores isolados em frente das balizas, conseguiu o mais difícil, quer dizer: passou pura e simplesmente por cima desse «pormenor»! Por muito estranho que pareça não apareceu a depor **um único** representante do PCP! Assim, a procura da verdade ficará necessariamente mutilada. Não é processo de fazer História.

Sucede ainda que, para o organizador do documentário, Portugal de 1958 apresenta-se como uma borboleta já guardada no álbum do coleccionador. Não se vê ali um povo em movimento. Foi, no entanto, uma época de grandes lutas. Que o digam os camponeses do Alentejo, os pescadores de Portimão, Fuseta e Matosinhos, os metalúrgicos, os operários têxteis, os pequenos industriais e comerciantes que levantavam corajosamente a cabeça contra os grémios, etc., etc. Se o responsável do filme, por exemplo, consultasse o **Avante!** dessa altura, obteria uma imagem correcta da vitalidade de um povo que não estava de joelhos. E tanto não estava, meus senhores, que mantinha o próprio **Avante!**, que justificou a ascensão de Humberto Delgado e que, mais tarde, ao sair para a rua em 25 de Abril, garantiu a vitória da democracia.

Ou pensarão ainda algumas pessoas que se fazem revoluções sem o povo como quem faz omeletes... sem ovos?

DESPORTO, SIM. MAS...

Se a imaginação dos realizadores é pouca a dos responsáveis da programação não parece mais afortunada.

Assim, no mesmo serão, duas rubricas de origem brasileira. Processo defeituoso a vários níveis, incluindo a influência da própria linguagem. Há razões para temer que, de colónia nossa que foi, o Brasil possa estar a assumir-se como nação colonizadora, com a tarefa muito facilitada pela colaboração da RTP.

Particularmente depois do **Casarão**, com todo o seu linguajar quotidiano, assiste-se em certos meios a uma espécie de snobismo brasileiro. Muitos já falam com os tiques, as muletas dos brasileiros citadinos. Um certo ritmo brasileiro, por exemplo, já foi visível entre crianças das «Conversas do Rés-do-Chão» do prográma infantil de domingo passado. Cada vez mais parecem os responsáveis da Televisão não avaliar correctamente os efeitos da TV sobre a sociedade em que se projecta.

Começou ontem uma nova rubrica: «Desporto e Vida». Vem apresentada por Pereira de Sousa. O pobre do rapaz não tem mãos a medir. Mas há assim tanta falta de pessoal numa Televisão que, proporcionalmente, deve ser a Televisão mais povoada do Mundo?

Pelos depoimentos vários tivemos uma amostra da verdade: fundamentalmente o nosso povo não pratica desporto porque tem problemas graves a resolver, porque não existem as mínimas estruturas e por defeitos sociais que levam tempo a combater e a modificar:

– Não pratico desporto porque trabalho na limpeza de um banco.

– Isso é para os homens, que têm mais tempo livre, nós as mulheres temos mais que fazer...

– Se eu corro? Corro, às vezes. Quando vou atrasado para o emprego...

– Sou desportista, sim senhor. Sou desportista de ver desporto...

Assim por diante. «O Desporto e a Vida» projecta fazer a propaganda do desporto em todas as idades. Para já, incita à utilização do circuito de manutenção do Estádio Nacional.

Lá terá achado o responsável da rubrica muita vantagem na conversa de promoção com um actor. E não achou melhor que Henrique Santana o qual é, como se sabe, um dos grandes fachos do teatro de revista.

Mas eu suponho que não é com fachos destes que se dá mais luz às questões. Antes pelo contrário.

Hoje

Kim Novak e Jack Lemmon numa cena do filme «A Notável senhoria»

I PROGRAMA

18.05 Sumário
18.35 «Há fitas»: «Os 5 Selvagens»
19.15 País, País – o que acontece no país, de norte a sul, nos Açores e na Madeira
19.30 A Cada passo a ciência a ciência a cada passo
20.00 Jornal-RTP1
20.30 Perfil
20.40 O Astro – Telenovela brasileira de Janete Clair
21.25 O Caso Delgado – 2.° programa
22.30 A Comédia e a vida – com o filme de grande metragem «A Notável senhoria» realizado por Richard Quine e interpretado pelos artistas, Kim Novak, Jack Lemmon, Fred Asteire, Lionel Jeffries e Estelle Winwood.
00.45 24 Horas – últimas notícias
01.00 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

20.30 Palavras herdadas
21.00 Aventura da arte moderna
22.00 Informação/2
22.30 Eu, Cládio – 2.° episódio
23.20 Fecho

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
Cinema «A Notável senhoria»
(21.00)
II PROGRAMA
Eu, Cládio-2.° Episódio
(22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

13.25: Ciclo Preparatório TV. 18.25: Sumário. 18.35: Jardins Zoológicos. 19.10: País, País. 19.30: Mulheres, Mulheres. 20.00: Jornal - RTP1. 20.30: Perfil. 20.40: O Astro. 21.20: Vamos jogar no Totobola. 21.40: O Caso Delgado. 23.00: Crime por Bem – 3.° e último episódio. 00.10: 24 horas. 00.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Síntese. 21.00: As grandes viagens. 22.00: Informação*. 22.30: Direitíssimo. 23.20. Fecho.

A BARRACA
5.° MÊS
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES EM LISBOA
ZÉ do TELHADO
DOMINGO SÓ ÀS 16H

ACADEMIA ALMADENSE
Aventuras de Till EulenSpiegel
3.° mês
COSTER MARTINHO BENITE
"ÚNICO NA DIMENSÃO HISTÓRICA E NOS ASPECTOS PLÁSTICOS." M. HELENA MENDES "O DIÁRIO"
"SOBERBO PODER CRIADOR DE AGLOMERADOS HUMANOS." "O POPULAR"
Todos os dias às 21,30
Sab e Dom às 18 e às 21,30
Seg descanso
GRUPO DE CAMPOLIDE

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
HOJE ÀS 21.45 HORAS
FELIZMENTE HÁ LUAR
PEÇA EM 2 ACTOS DE
LUÍS DE STTAU MONTEIRO
Sábados e feriados às 16 e 21.45 h.
Domingos só um espectáculo às 16 h.
(ESPECTÁCULOS PARA TODOS)

TEATRO EXPERIMENTAL
Hoje às 22 horas
VELHOS TEMPOS
de Harold Pinter
Com Graça Lobo, Catarina Avelar e Fernando Curado Ribeiro
Encenação de Carlos Quevedo
SÁBADO E DOMINGO
«MATINÉE» ÀS 17 HORAS
(NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS)
Bilheteira abre às 13.00 horas — Tel. 32 22 10
DESCANSO DAS COMPANHIAS ÀS 2.as FEIRAS

A partir de 2 de Novembro
numa curta série de espectáculos
no TEATRO CAPITÓLIO
VASCO MORGADO
apresenta o "GRUPO CORPO"
no musical coreografado
MARIA MARIA
de Fernando Brandt, Milton Nascimento e Óscar Araiz
UMA MENSAGEM DO BRASIL AO MUNDO
COM TODA A BELEZA DA MULHER BRASILEIRA
NUMA HISTÓRIA APAIXONANTE DE EMOÇÃO

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Andrianov falha 1.º assalto ao título mundial

O campeão olímpico Nicolai Andrianov (da União Soviética) cometeu um deslize na jornada inaugural dos Campeonatos Mundiais de Ginástica, tirando possibilidades à sua formação de conquistar a medalha de ouro na competição colectiva dos exercícios combinados. Beneficiando do erro de Andrianov, os japoneses comandam a prova com um total de 290.15 pontos, contra 287.20 dos soviéticos e 285.00 dos alemães orientais.

A formação soviética, constituída por ginastas tecnicamente poderosos, está a tentar vingar-se da derrota imposta, nos Jogos Olímpicos de 1976, pela equipa do Japão, que conserva o título nesta especialidade desde os Jogos Olímpicos de Roma, efectuados em 1970.

Os dois principais ginastas soviéticos, Andrianov (26 anos) e o campeão europeu Vladimir Markelov (21) mostraram-se embaraçados e inseguros nos seus movimentos no primeiro dos seis exercícios obrigatórios, o cavalo com arções. Inesperadamente, Andrianov cometeu um erro: num exercício de rotina, quando na saída, embateu com as pernas no aparelho. Depois de ter cumprimentado os cinco membros do júri, Andrianov saiu da plataforma, cumprimentando os seus colegas de equipa e sentou-se, baixando a cabeça sobre os joelhos e colocando as mãos na cara.

O campeão mundial Shugeru Kasamatsu, (31 anos) do Japão, realizou uma excelente exibição, totalizando 58.50 pontos num máximo de 60 pontos. A seguir, classificaram-se os seus compatriotas Eizo Kenmatsu (30) e Junichi Shimizu (25) com 58.40 e 57.85 pontos, respectivamente.

A vantagem de 2.95 pontos que os japoneses levam sobre os soviéticos é superior à que conseguiram alcançar na prova efectuada nos Jogos Olímpicos de Montreal, em que os orientais conseguiram apenas um avanço de 0.30 pontos ao fim do primeiro dia dos exercícios combinados.

A competição feminina começa hoje, com a realização da prova de figuras obrigatórias no solo. A prova masculina de exercícios livres, onde os japoneses geralmente são exímios, está marcada para amanhã.

Ginástica na "Operação Pirâmide"

Por iniciativa de Raul Solnado, vai realizar-se no dia 16 de Dezembro uma campanha (a nível nacional) a favor da Cruz Vermelha Portuguesa, denominada «Operação Pirâmide».

Presente em todos os pontos do país, mercê do labor das delegações instaladas nos seus 22 distritos, a CVP procura suprir carências dos sectores da Saúde, Habitação, Assistência Social e Ensino. A «Operação Pirâmide» teve imediata aceitação da parte de grande número de colegas de Raul Solnado e outras conhecidas figuras de diversos sectores da vida nacional, nomeadamente do Desporto.

Porque se chama «Operação Pirâmide»? Porque tal sólido geométrico é o que melhor representa o acúmular de generosas colaborações, proveitosas iniciativas, sugestões oportunas, oferendas diversas, esforços individuais e colectivos, em prol de um empreendimento que é de todos e para todos, cuja sobreposição vai aumentando (mais e mais) a distância que separa a base do vértice e, por consequência, o volume do que será um imaginário, mas grandioso, monumento à solidariedade dos portugueses.

Irmanados pelo desejo de construir uma enorme «Pirâmide», artistas (dos mais populares aos menos conhecidos), vultos das Letras e figuras do Desporto, vedetas da Rádio e da Televisão ofereceram já a sua colaboração desinteressada, para que a construção da «Grande Pirâmide» seja, de facto, uma festa nacional. Nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro próximo, será a vez das diferentes freguesias e sedes de concelho edificarem as suas «Pirâmides», com que contribuirão para o avolumar das «Pirâmides Distritais», que serão erguidas na grande jornada final.

Durante 15 horas (das 10 à 1 da madrugada de 16 de Dezembro) em espectáculos ininterruptos, suceder-se-ão, em cada capital de distrto, as actuações de artistas de variedades, cantores, conjuntos musicais, ranchos folclóricos, desportistas (nomeadamente ginastas e patinadores. A cada português competirá decidir da sua dádiva, na certeza de que (seja qual for a natureza e volume) constituirá material precioso para a edificação da «Grande Pirâmide».

Para além dos frequentes períodos de emissão que vão dedicar aos preparativos da «Operação Pirâmide», a RTP, RDP e Rádio Renascença dedicarão integralmente, no dia 16 de Dezembro, as suas emissões à transmissão dos diversos espectáculos.

Está assegurada também (em eloquente demonstração de que a solidariedade não conhece fronteiras) a participação de personalidades estrangeiras, de renome internacional, nomeadamente vedetas do Cinema, Teatro e Televisão, que serão portadoras de lembranças dos respectivos países.

Xadrez: 16 países no Algarve

Está prevista a participação de 28 xadrezistas de 16 países no «Torneio Zonal 11 do Campeonato do Mundo de Xadrez», que se disputará no Algarve (Praia da Rocha e Albufeira) entre 22 de Novembro e 17 de Dezembro, organizado pela Federação Portuguesa da modalidade (FPX).

A representação portuguesa foi divulgada no decorrer de uma conferência de Imprensa que se realizou nas instalações da FPX e estará a cargo de Fernando Silva, Joaquim Durão, José Pereira dos Santos e Luís Santos, **capazes de fazer um brilharete.**

O «torneio zonal» constitui a primeira fase do esquema de organização do «Campeonato do Mundo». Os melhores classificados de cada «torneio zonal» vão disputar os «torneios interzonais», onde serão apurados os oito jogadores que entre si disputarão um «match» para apuramento do candidato a campeão mundial que defrontará, depois, o titular.

Vantagens reveladas no decorrer da reunião: a demonstração de que a Federação de Xadrez tem capacidade para organizar competições de grande envergadura internacional e de que, em Portugal, a modalidade começa a atingir uma expressão elevada e, ainda, a criação de elos mais sólidos com outros países, neste caso da África e do Mediterrâneo.

O «Torneio Zonal 11» envolve os países da zona afro-mediterrânica, tendo já confirmado a sua presença as seguintes federações: Itália (3 jogadores), Marrocos (1), Tunísia (2), Turquia (2), Jugoslávia (5) e Zaire (1). Aguarda-se a confirmação da Albânia (1), Argélia (1), Chipre (1), Gana (1), Grécia (2), Líbia (1), Malta (1), Mauritânia (1) e Nigéria (1). A este lote juntar-se-á Portugal.

A Jugoslávia, considerada a segunda maior potência mundial do xadrez, deverá obter os primeiros lugares, com jogadores da craveira internacional de Ljubojevic, Matanovic, Ivkov, Matulovic ou Velimirovic. Itália, Grécia, Turquia e Tunísia, além de Portugal, poderão aspirar, também, a uma boa presença.

Voleibol: caminhar mas devagar

A situação do voleibol em Portugal, como acontece em relação a outras modalidades com carácter verdadeiramente amador, não é das melhores – conforme afirma o presidente federativo Vieira Monteiro.

Na sua opinião **«há dois aspectos muito importantes que bastante contribuem para essas más condições: o voleibol está muito pouco difundido entre nós e, para além disso, não possui ainda um nível deveras espectacular. O voleibol português está a passar por uma fase de critério, ressentindo-se naturalmente enquanto não surgirem as reais consequências de um programa que leva sempre, para se concretizar efectivamente, quatro a cinco anos».**

«Esse programa (continuou) **visa fundamentalmente o fomento da modalidade a todos os níveis. O nível da prática da mesma não tem prioridade de tratamento e, por isso, surgirá depois como consequência lógica do seu desenvolvimento.**

«Estamos numa fase de expansão territorial que tem sido visível a todos os níveis: e uma outra de intensificação, em que procuraremos aumentar o número de jogos, que rondam hoje sensivelmente os 4000 por época, entre regionais de todo o país e nacionais. Esta fase de intensificação é muito importante, pois visa também a formação não só de técnicos como igualmente de atletas. Por isso foram já criados cursos para colaboradores técnicos, destinados aos praticantes da modalidade, com dois objectivos: apetrechar o atleta para um melhor aproveitamento da sua prática do voleibol e torná-lo um dador do desporto no meio que o rodeia».

Os cursos para formação de técnicos de 3.º grau (já se fez o 5.º e o 6.º está prestes a terminar em Coimbra), que poderão passar ao 2.º grau em 1979 (através de dois cursos) são também muito importantes para o desenvolvimento da modalidade.

«Estamos até já a pensar na execução de mais alguns, com a colaboração da Federação Espanhola de Voleibol. Como se vê, a modalidade está a acusar, no nosso país, um bom progresso de ordem técnica (na minha óptica, é evidente), derivado do programa a que tem estado sujeita, que apenas poderá dar os seus melhores frutos ao cabo de quatro, cinco anos, como já afirmei» – disse.

O presidente da Federação de Voleibol acentuou que **«igualmente está a ser cuidadosamente revista toda uma estruturação que é estritamente necessária (Associações/Federação) que passa pela implantação de um quadro técnico. Neste aspecto, houve um avanço muito grande, já que a movimentação de selecções esteve parada durante três anos, para que o programa anterior fosse completamente remodelado e desse lugar ao actual que, embora muito criticado, fazemos questão de cumprir até ao fim. Esperemos que nesta época, a 3.ª do nosso programa, esse mesmo quadro técnico, atinja um rendimento ainda melhor que o do ano passado. Por tudo isto, é evidente que (de um modo geral) o voleibol português melhorou nitidamente».**

Quanto ao nível competitivo, adiantou também **«que, através do actual programa, não tivemos nem nunca poderemos ter pretensões de nos podermos aproximar do nível do voleibol praticado pelos países de ponta, como são os casos da Polónia, da Checoslováquia, da Jugoslávia, da URSS e do Japão, por exemplo. Poderemos, isso sim, atingir o nível médio da modalidade como é praticada na Europa, o que já será óptimo. Aliás, a orientação que temos vindo a incutir ao voleibol português nega olhar a modalidade em termos de países de ponta».**

DISCIPLINA NO ATLÉTICO DE MADRID

Luís Pereira: castigo acatado

O futebolista brasileiro Luís Pereira acatou com disciplina a sanção imposta pelo Atlético de Madrid, que o impede de alinhar em quatro desafios oficiais pela equipa, além de uma multa de 300 mil pesetas (cerca de 180 mil escudos).

«Creio, sinceramente, que foram um pouco rigorosos ao tomar esta decisão, mas o meu dever é acatar a sanção imposta pelo Comité de Disciplina», declarou o jogador.

Este castigo vem na sequência do conflito ocorrido entre o jogador e o treinador cessante, o uruguaio Hector Nuñes, durante o intervalo do encontro com o Real Sociedad, disputado há duas semanas no Estádio Vicente Calderon, em Madrid.

O defesa brasileiro sustentou que não é um jogador indisciplinado, como ultimamente tem sido acusado. «Sou, apenas, um pouco temperamental», explicou.

«Não me sinto marginalizado por me treinar sozinho, afastado dos meus colegas de equipa. Pelo contrário: até me dá tempo para meditar, apesar de sentir uma grande tristeza», adiantou o brasileiro.

«O facto de aceitar este castigo (sublinhou Luís Pereira) não significa que fui o único culpado, pois penso que um treinador não pode tratar todos os jogadores por igual, porque nós somos diferentes uns dos outros e isso é um erro grave.»

O castigo imposto ao «libero» brasileiro é com carácter rectroactivo, o que significa que apenas lhes resta um encontro sem jogar: o de quarta-feira, com o Pégaso, referente à Taça de Espanha.

O defesa central do Atlético de Madrid, que se encontra na lista dos jogadores mais bem pagos do futebol espanhol, lamentou ter sido o protagonista deste «fumo negro» que finalizou com o primeiro despedimento de um técnico da principal divisão espanhola na presente temporada.

MODALIDADES EM DESFILE

CICLISMO

Marco Chagas, representando um emblema de ocasião, foi o vencedor da «Volta Ciclista à África do Sul», competição em que teve como orientador Fernando Mendes. Comportamento dos demais portugueses presentes nesta prova: Venceslau Fernandes foi o 4.º, Alfredo Gouveia o 5.º José Madeira o 7.º e Manuel Gomes 10.º.

Com a finalidade de divulgar, fomentar e desencadear o ciclismo na Guarda, foram criados nesta cidade duas associações de ciclismo denominadas «Grupo de Ciclismo Comércio e Indústria» e «Grupo Desportivo do Torreão».

O GD do Torreão, para além do ciclismo, irá criar ainda as secções de atletismo, basquetebol e futebol de salão.

Esta colectividade, criada há cerca de 15 dias, possui já meia centena de associados, funcionando actualmente com as secções de ciclismo de infantis e seniores.

O grupo «Comércio e Indústria», criado há cerca de um mês, dedica-se simplesmente ao ciclismo.

As duas associações realizaram já uma prova de ciclismo que contou com a participação de cerca de três dezenas de praticantes de vários núcleos da modalidade do distrito da Guarda.

JUDO

Uma delegação de judocas de URSS (em visita apoiada pela Associação de Amizade Portugal-URSS e Federação de Judo) estará, a 26 e 27 do corrente, em Coimbra. Recepcionista: Associação Distrital de Judo.

VELA

Efectuou-se ao largo de Alhandra, o campeonato regional do Centro da classe «vaurien», numa organização da União Desportiva Vilafranquense. Classificação: 1.ºs Joaquim Ramalho/João Almeida (Clube de Vela Barreirense); 2.ºs João Conde (António Câncio (União Desportiva Vilafranquense) e 3.ºs Justino Ramos/João Ramos (Clube de Vela Barreirense).

ATLETISMO

A Comissão de Atletismo do Benfica promove, no dia 29 do corrente e a 1 de Novembro, o «IX Torneio Popular dos Bairros de Lisboa», competição destinada a raparigas e rapazes de idade não inferior a 12 anos, que nunca tenham sido inscritos oficialmente na Federação de Atletismo.

No dia 28 deste mês (e destinado a todos os jovens dos 8 aos 12 anos) efectua-se, pela 3.ª vez, o «Minitorneio Popular dos Bairros de Lisboa».

Estas competições integram-se nas cmomemorações das Bodas de Diamante do clube da águia.

TÉNIS DE MESA

O Casa Pia Atlético Clube vai promover dois torneios de ténis de mesa: a 11 e 12 de Novembro (no pavilhão do Estádio da Lz), para atletas federados, e de igual modo, para populares e trabalhadores. Muitos prémios estão em equação.

A 16 e 17 de Dezembro, no Pavilhão do Restelo, o Belenenses promove o «II Grande Torneio Internacional da Cruz de Cristo», em ténis de mesa, prova para todas as classes de praticantes, a eliminar à 1.ª derrota.

XADREZ

Até 28 do corrente decorre, na Casa do Povo de Soure, o torneio de xadrez «Meia dúzia» (seis equipas), em que participam representações dos organizadores, da Associação Académica de Coimbra, do Centro de Intervenção Juvenil de Coimbra, Grupo Desportivo Ulmeirense, Sporting Clube de Pombal e Ateneu de Coimbra.

Uma informação complementar: Rui Chumbita Nunes, José Lino Galvão, Leal Duarte, António de Sousa e Fernando Marinheiro foram os xadrezistas melhor colocados no «Torneio aberto do Conselho de Soure», acabado de disputar.

O antigo campeão mundial de xadrez, Robert Fischer, vive como um eremita na cave de uma casa de um dirigente de uma seita religiosa, em Pasadena (no Estado da Califórnia).

O antigo campeão mundial doou cerca de 20 por cento dos seus rendimentos à «Worldwide Church of God», seita religiosa dirigida pelo evangelista Garner Ted Armstrong.

Totobola

Resultados provisórios do concurso de ontem do totobola: foram apuradas 5 apostas com treze resultados certos, todas de Portugal, cabendo a cada uma o prémio de 2.141.634 escudos e 40 centavos. Com doze resultados certos, foram escrutinadas 108 apostas, das quais 2 são de Moçambique, correspondendo a cada uma o prémio de 99.149 escudos e 70 centavos.

José Moniz defesa e ataque

São extremamente graves algumas das declarações que o prof. José Moniz (que foi técnico do Académico de Viseu e esteve ultimamente ao serviço do Montijo) profere no «Record» de hoje, nomeadamente quando se refere às razões da sua suspensão (e posterior saída) do clube visiense. José Moniz declara, textualmente:

— Não me vendo, nem me hipoteco a ninguém. Nem drogo os meus jogadores. Nem combino derrotas antecipadas. (...) Infelizmente recebi a paga desse trabalho com cheques sem cobertura...

Mais adiante e dizendo respeito ao Montijo, o prof. Moniz afiança:

— Não aceito que um «plantel» que custa três centenas e meia de contos por mês ande a brincar ao futebol.

Resta saber como as bombásticas palavras de José Moniz podem (ou não) ser rebatidas pelo Académico de Viseu ou pelo Montijo. De qualquer modo, fica no ar um pequeno mundo de suspeições que seria bom serem esclarecidas com o preto no branco.

FUTEBOL

Benfica-Varzim é no sábado

O encontro Benfica - Varzim é o único do nacional da 1.ª divisão a ser antecipado para sábado, às 15 e 30. Para o mesmo dia foram também antecipados mais os seguintes jogos dos restantes escalões:

II Divisão: Salgueiros - Chaves e Tandim - Paços Ferreira, ambos às 15 e 30; Feirense - U. Tomar e Atlético - CUF, ambos às 15 h.

III Divisão: Bustelo - Avanca, em Oliveira de Azeméis, e Desportivo Castelo Branco - Eléctrico de Ponte Sôr, ambos às 15; Desportivo dos Olivais - Alverca, às 15 e 30; União do Funchal -Casa Pia, às 16.

Juniores: Abrantes - Mirandela, Farense - Estoril e CUF -Lusitano de Évora, todos às 15; Bombarralense - S.L. Marinha, às 16.

No domingo registar-se-ão as seguintes alterações:

I Divisão: Sp. Braga - Académico, no Estádio 1.º de Maio, às 18 e 30, com transmissão em directo pela TV.

II Divisão: Águeda - U. Lamas, em Albergaria - a - Velha, às 15.

III Divisão: Joane - Mirandela, na Pousada de Saramagos, às 15; S.L. Olivais, no Campo Alfredo Marques Augusto, nos Olivais, às 15.

Juniores: Varzim - Sp. Braga, no campo de treinos do Estádio do Varzim; V. Setúbal - Cova da Piedade, no campo de treinos do Bonfim, ambos às 11.

Para o primeiro dia de Novembro (feriado nacional) estão marcados alguns jogos, a saber:

Taça de Portugal (desempate): Loures - Casa Pia, em Loures, às 15.

III Divisão (jogo em atraso): Lusitânia (Açores) - Vitória de Lisboa, às 14 e 30 (hóra local).

O encontro Viseu e Benfica -Tocha, da jornada de 19 de Novembro, foi antecipado para 1 de Novembro, às 15.

Juniores: Alferrarede - S.L. Marinha, às 15; Benfica - Farense, às 15 e 30; Lusitano de Évora - Sporting, às 16; Portimonense - V. Setúbal, no campo Josino Costa, na Lagoa, às 11.

O encontro U. Santarém - Alcains correspondente à jornada de 1 de Novembro foi adiado para 19 do mesmo mês.

SÓ À PAISANA

Por despacho do Chefe do Estado-Maior do Exército, os militares do Exército foram **impedidos de comparecer fardados nos campos de futebol.**

VETERANOS QUEREM AJUDAR

Futebolistas veteranos (numa iniciativa de Correia Dias) querem ajudar as crianças deficientes, para o que se propõem realizar (a 8, 17 e 25 de Novembro) jornadas de solidariedade com exibição de grupos em que pontificam antigos jogadores futebolistas do Atlético, Belenenses, Benfica, Sporting, Barreirense, Cuf, Seixal e Montijo (ou Vitória de Setúbal).

Amanhã os veteranos reúnem-se na sede do Rio Seco, para estabelecerem as linhas mestras para o torneio.

ÁRBITRO AGREDIDO

Os dirigentes do América (Rio de Janeiro) agrediram o árbitro Romualdo Arpi Filho, por este ter assinalado uma grande penalidade, contra aquele clube, no jogo com o Palmeiras.

O árbitro foi apelidado de **vagabundo, vendido,** e **ladrão,** e um dirigente do América aplicou-lhe uma bofetada quando pretendia dirigir-se para os balneários, ao intervalo. A Polícia não pôde evitar a agressão e o árbitro, apesar de se ter queixado, iniciou a partida depois do descanso.

Resultado: vitória final do América sobre o Palmeiras (3-1).

DESISTIR FOI MELHOR

A equipa de futebol «Gavilan» ausentou-se ao jogo com o «Rapid Tingo», a contar para a «Taça do Peru», por temer uma «goleada». O «Gavilan» foi derrotado nos dois encontros antes (por 10-0 e 15-0) pelo que ontem preferiu perder mais discretamente, não se apresentando...

MUNDIAL ACELERA

Chegaram a Buenos Aires o presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, o vice-presidente do organismo (Juan Goni), o titular da União Europeia de Futebol, o italiano Artémio Franchi, é o dirigente alemão federal Herman Neuberger, que desempenhou o cargo de presidente do Comité Organizador do último campeonato do mundo de futebol, disputado na Argentina.

O motivo da visita desta delegação é o de analisar o balanço económico da competição, efectuada na Argentina no passado mês de Junho. Segundo dados locais, o campeonato forneceu uma receita superior à do torneio celebrado na Alemanha Federal, a qual foi da ordem dos 49.800.000 francos suíços.

Em breves declarações, à Imprensa, os visitantes sublinharam que a FIFA deseja que, no próximo «mundial», a efectuar-se em Espanha (em 1982) o número de participantes seja de 24 e não de 16 países como na Argentina, não se referindo, no entanto, ao modo como as equipas seriam distribuídas pelos vários continentes.

CAMPEONATO MOÇAMBICANO

Perante uma assistência calculada em mais de 30 mil pessoas, teve início no Estádio da Machava (em Maputo) a fase final do campeonato moçambicano de futebol de 1978.

No primeiro jogo, estiveram frente a frente o Benfica e o Desportivo, ambos da província do Maputo, tendo a vitória pertencido ao segundo, por 2-0.

Mais tarde, jogaram o Sporting da Bêira e o Textáfrica do Chimoio, respectivamente das províncias de Sofala e de Manica, tendo-se registado um empate a um golo.

O Estádio da Machava é o maior existente em Moçambique e tem sido sempre o palco dos encontros com carácter nacional, dado que a sua capacidade é de 40 mil pessoas.

GUARDA-REDES GOLEADOR

O guarda-redes argentino Ortiz é neste momento o melhor marcador da sua equipa, o «Comercial», que segue em 3.º lugar no campeonato de futebol de São Paulo.

Há afinal, uma explicação simples: Ortiz é o encarregado de marcar grandes penalidades e já converteu neste momento nada menos que cinco.

ITÁLIA E COMUNIDADE EUROPEIA

Faltam apenas quatro meses para que a Itália inicie a adaptação á regulamentação da Comunidade Económica Europeia que a obriga, como aos restantes países, europeus, a autorizar a actuação, dentro das suas fronteiras, de futebolistas estrangeiros.

A Federação Italiana de Futebol não tomou ainda qualquer decisão ralativamente a este caso, pelo que se desconhece qual o mecanismo que vai ser criado para «absorver» os estrangeiros.

Fontes próximas dos dirigentes da Federação revelaram que é possível que não se decida, como pretende a Comunidade, uma abertura limitada aos jogadores procedentes dos países membros, aprovando-se em contrapartida a contratação de futebolistas estrangeiros de qualquer origem, em número de dois por equipa.

"Tour-79": tudo planeado

A «Volta à França» de 1979 terá o seu início em Fleurance, uma pequena localidade no Sul da França, com um «prólogo» constituído por um contra-relógio individual (no dia 27 de Junho) terminando nos Campos Elíseos (em Paris) no dia 22 de Julho.

Cerca de um terço dos 3.600 quilómetros da distância total será disputado nas zonas montanhosas dos Pirenéus, Alpes e montes da Alsácia.

Sete das 25 etapas, incluindo o «prólogo», serão corridas em contra-relógio.Uma delas terá lugar em Bruxelas (dia 8 de Julho) e duas outras serão disputadas em montanha.

A etapa no coração de Bruxelas, na distância de 38 quilómetros, realiza-se pela primeira vez como homenagem às comemorações milenárias da cidade e terá como consequência a paralisação do tráfego na capital belga durante sete horas.

Haverá ainda dois contra-relógios por equipas, entre Captieux e Bordéus (1 de Julho) e Deauville-Le Havre (5 de Julho).

A última etapa em contra-relógio será disputada em Dijon, na distância de 50 quilómeteos, três dias antes da última tirada. Este troço poderá ser decisivo para a atribuição da vitória na «Volta à França», se, na altura, os primeiros lugares estiverem separados por poucos segundos.

De Fleurance, os mais de 100 ciclistas dirigir-se-ão directamente para o Sul, efecuando três etapas de montanha consecutivas, nos Pirenéus.

O assalto directo à cadeia montanhosa dos Pirenéus foi introduzido na «Volta à França» em 1977 e, de imediato, foi largamente criticado por causar fadiga e posterior apatia nos ciclistas quando depois rolam na zona plana do Centro da França.

Dos Pirenéus, a caravana sobe pela França Ocidental e do Norte em direcção à Bélgica, após o que atravessa a Alsácia e a Suíça, no dia 11.

As quatro etapas dos Alpes começam com um contra-relógio individual na distância de 54 quilómetros (de Evian a Avoriaz) e terminarão no dia 16 de Julho, em Alpe D'Huez.

O único dia de descanso da prova será o 14 de Julho. Feriado nacional na França.

Os últimos seis dias de corrida desenrolam-se em terreno plano até aos Campos Elíseos.

Futebol em comunidade

Um membro do Parlamento da Comunidade Económica Europeia propôs a criação de uma equipa de futebol representativa da Europa, que faria encontros com selecções congéneres de outros continentes.

Falando na Comissão Política do Parlamento europeu, o socialista belga Lucien Redoux apresentou a sugestão com o objectivo de «estimular o sentimento de identidade continental dos cidadãos dos países membros do Mercado Comum».

Em reforço da sua ideia, Redoux citou o êxito obtido junto da opinião pública pela participação do veleiro «Tratado de Roma» na volta ao Mundo (em que obteve o 3.º lugar) tripulado por marinheiros de nove países que actualmente compõem a Comunidade.

O «Tratado de Roma» deu origem à Comunidade Económica Europeia e o veleiro foi construído com a intenção de dar a conhecer ao grande público a existência da CEE.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS DOS DISTRITO DO PORTO

SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES RURAIS DA ZONA DA REFORMA AGRÁRIA

Não pode o Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Distrito do Porto e os trabalhadores que são por ele representados, ficar calados e passivos perante o que se tem passado e passa nesta País contra os nossos companheiros de luta — os trabalhadores rurais. E não podemos ficar calados e passivos porque a ofensiva de que estão a ser vítimas é uma ofensiva generalizada das forças da direita e reaccionárias que pretendem destruir, uma a uma, as conquistas dos trabalhadores portugueses, após o 25 de Abril — uma das mais importantes é a Regorma Agrária. Os inimigos da classe operária e camponesa sabem que a Reforma Agrária, nas mãos dos trabalhadores será um grande obstáculo à reconstrução do sistema capitalista-monopolista e latifundiária, por isso, querem destruí-la.

O que se tem passado em terras do Alentejo e Ribatejo é uma afronta à dignidade de qualquer trabalhador como cidadão livre e como pessoa.

Os campos enchem-se novamente das forças repressivas e os trabalhadores rurais têm novamente na sua carne as coronhadas, as bastonadas, os dentes dos cães polícias, os insultos e as ameaças. Tudo isto porque o governo demitido, apoiando-se numa lei anterior, tenta restaurar pela força, o reino dos latifundiários hoje, ao que parece, muito interessados nas terras que deixaram ao abandono e agora transformadas pelo sacrifício, pela luta e trabalho de milhares de homens e mulheres em terras de pão.

Perante isto, nós trabalhadores, não podemos permitir que continue a repressão e a entrega de terras no Alentejo e Ribatejo.

A Reforma Agrária, é uma das mais importantes conquistas de após o 25 de Abril e com a sua destruição serão destruídas todas as outras conquistas e postas em perigo, mais do que nunca, a democracia, a liberdade e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

A hora é, pois, de solidariedade activa.

Apelamos para que em todas as fábricas façam paralisações simbólicas (de pelo menos 10 minutos) de solidariedade com os trabalhadores rurais da zona da Reforma Agrária e que sejam aprovadas moções a enviar a todos os órgãos de soberania.

VIVA A REFORMA AGRÁRIA!
VIVA A SOLIDARIEDADE DE TODOS OS TRABALHADORES NA LUTA CONTRA A OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!
A LUTA CONTINUA!

PORTO, 23 DE OUTUBRO DE 1978

A DIRECÇÃO

REBOLEIRA SUL — AMADORA

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO

MAGNÍFICA E MODERNA MONTAGEM

MAQUINARIA, ESTANTERIA, UTENSÍLIOS, EXPOSITORES, ENORMES QUANTIDADES DE MERCADORIA, ETC.

SUPERMERCADO GIRASSOL

LEILÃO

AMANHÃ ÀS 15 HORAS
LOTE 29, Reboleira Sul, Telef. 901804

ITINERÁRIO: Vindo de Lisboa pela Auto-Estrada de Sintra, antes da Amadora corta à direita p.ª Reboleira Sul em direcção à Damaia, prédios cinzentos de J. Pimenta do lado oposto ao campo de futebol do Estrela da Amadora.

Será posto em praça primeiramente todo o conjunto comercial, seguindo-se imediatamente o trespasse c/ móveis e utensílios, sendo a mercadoria vendida à parte: por último será vendida pela maior oferta a maquinaria peça por peça e a mercadoria em lotes, sendo feito o trespasse só do direito a chave e um mínimo de complementos. RENDA 8000$00, enorme área.

ATENÇÃO: A excelente montagem e maquinaria c/ cerca de 2 anos está em estado de nova e é da maior categoria, estando EM EXPOSIÇÃO HOJE DAS 10 ÀS 13 E DAS 15 ÀS 19 HORAS, AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

PRESTAM-SE TODAS AS INFORMAÇÕES NO LOCAL OU NA LIQUIDATÁRIA

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ N.º1 Telfs. PPC (9 Linhas) 532920 51478 532446 **AFRA FILHOS, Lda**

Crítica de Livros

Continuação da pág. 11

flancos/da imagem suada sob a lâmpada». Porque «a imagem não se fixa em nenhum contorno exacto», isto é (ou pode ser, talvez), depende de todo um imaginário que se lhe diria exterior e em função do qual (à luz do qual) a sua fixação e a sua nitidez se processam. Uma leitura mais **à letra**. De uma passagem mostra a imagem em questão identificada com um rosto, mostra pelo menos que as proporções dessa imagem têm a ver com um rosto, um certo rosto: «Não escuto nem sei nesta folhagem/qual o rosto é incerto/este trabalho num buraco/como um insecto/sem delicadas forças sem o jacto/que estilhace o vidro e abra a pedra/Mas trabalho estes sinais/de ausência/e de tremor na pedra do vazio/Tenho o silêncio do campo a meu favor/ tenho várias pedras vários odores/Construo os meus sulcos/Avanço com o alento/ Atendo ao silêncio e ao ardor/ Chegarei a formar um rosto/ nesta folha/árida?».

A sequência titulada «O Personagem Virtual» é estruturalmente idêntica a «Imagem», e esta identidade estrutural diz respeito não apenas à organização do poema (chamemos-lhe assim) e à estratégia processual que preside à sua concepção e à sua execução textual e discursiva: tem a ver também com isso do tema central e da incessante variação sobre esse tema que todo o poema é. Trata-se de «o personagem»: «O personagem não existe sem paisagem. O personagem é imponderável» – começa assim. – «Uma conjectura, uma pergunta:/Sem uma guarda-chuva e sem um rosto./E todavia, como não/vê-lo?/Mais do que um vulto/a figura se desenha entre as palavras». Mas– e aqui poderíamos reportar ao **trabalho de sinais** que atrás se citou –, «O personagem é uma travessia intensa».

Uma tentação fácil: confundir o personagem com a figura do poeta, do autor. No próprio poema faz-se esta inflexão: «Quem é o personagem? Quem escreve?»,e, se não se pode dizer que se responde (afirmativa ou negativamente), pode-se dizer que se responde parcialmente, pelo menos: «Ele é a interrogação e o desejo». A resposta não recusa a validade da questão que se centra nas relações entre «o personagem» e «quem escreve». Pelo contrário: «Eu nada sei. Ele nada sabe./E ambos continuamos como se./ Dir-se-á um jogo e sem rezão./ Nunca se preenche esta vazia casa./E eu e ele de fora sem figura/não somos mais do que um trajecto inútil./Mas tlavez, por vezes, no quadrado/sejamos a imagem um do outro».

A dialéctica interna do poema não se afasta nunca do sentido da questão: «Ambos nos transformamos, ambos somos» – diz «quem escreve»; e pergunta: «Mas quem somos? (...) Eu não sou tu. Ou não virás se/eu não souber/transformar a ignorância no trajecto/das palavras à imagem/nua./Ambos nos separamos, confundidos./Não somos mais que esta passagem única/mas agora quem escreve sou eu ou tu/e somos ambos a pergunta viva». Esta passagem parece resumir as noções da questão que enformam o poema. Resumi-las, designadamente nos últimos quatro versos onde a contradição aparente entre que «Ambos nos separamos confundidos» e «Não somos mais que esta passagem única» e encerra (tal aparente contradição) todo um drama insolúvel: a fatal convivência (ou coincidência, mesmo) entre a cisão e a união, a diversidade e a unidade, a dualidade e a unicidade. Enfim, «a pergunta viva» pode ser não apenas o encaminhamento hesitante (mas enérgico, «vivo») da questão, e, mais precisamente, aquele lugar onde uma tácita aliança solidariza as duas partes numa aventura menos desamparada.

Desnecessário dizer que as relações entre «quem escreve» e «o personagem» se caracterizam por uma fundamental ambiguidade. À primeira dir-se-ia que «quem escreve» tem, sobre «o personagem», uma relativa vantagem, na medida em que «o personagem» seria uma como que sua criação. Pode ser, no entanto, e pelo contrário, que esta posição aparentemente hierárquica se inverta e «o personagem» ganhe, sobre «quem escreve», um ascendente pelo menos relativo. «Quem escreve», não apenas sabe isto: tem também consciência do imponderável que caracteriza essa figura que da sua escrita emerge, que, aliás, se destaca da sua escrita e tece toda uma cena à volta e à margem da sua escrita – todo um cenário a que o trabalho de «quem escreve» se refere mas sem o poder dirigir, dominar. «O personagem» será então, de algum modo, uma exigente necessidade de «quem escreve», uma sua alteridade. Aqui deve ter-se em conta que a escrita é uma actividade intransitiva: «quem escreve» dir-se-á que escreve alguma coisa – mas o quê? A escrita. Ora, a escrita não tem objectivo definido, o trabalho de escrever não visa derectamente um resultado determinado. Esse exercício de certo modo tautológico que é o de escrever não tem em vista um fim fora de si mesmo, do seu âmbito, por um lado, progressivo, por outro, circular, «Quem escreve» escreve-se pois a si mesmo tornando-se objecto da suaprópria escrita. Dir-se-á todavia que esta condição de objecto, esta posição de objecto passível de assumir-se, de «quem escreve» a assumir como tal, não é irreversível: é reversível, e sobretudo reversivo. Ora, é nesta reversibilidade, sobretudo nesta reversividade que se processa «o personagem».

«O personagem»: há na sequência uma passagem onde se diz: «Não lhe perguntem nada, pois ele é a pergunta/de todas a mais una, a mais ardente». E, logo a seguir: «O personagem viola as leis da tarde/e é ele a tarde mesma, o seu desvio./As andorinhas morrem. Ele revive/NA PAIXÃO DA PALAVRA: a andorinha.» O que nos lembra de novo em que domínios é que tudo isto se processa: a linguagem e a forte consciência que disto tem, assumidamente, esta poesia que incessantemente se renova e reganha energias próprias, perspectivas de desenvolvimento, nexos articulatórios internos e de relações com a realidade e o real, motivos de interesse que não se esgotam, evidentemente, numa leitura como esta que aqui se fez e que apenas pode dar uma ideia de alguns dos seus atractivos principais.

ROTEIRO CULTURAL

Os melómanos estão de parabéns: no âmbito da Quinzena da Música Americana, hoje, às 18 e 30, no Teatro D. Maria II, Lukas Foss dirigirá o conjunto de câmara da RDP que interpretará obras de Tom Johnson, Charles Ives, Jocob Druckman, Frederick Rzevsky e do próprio Lukas Foss.

Conhecido como compositor e maestro, Foss desempenha habitualmente duas funções: maestro e consultor musical de Jerusalem Symphony, em Israel, e da Brooklyn Philarmonic, em Nova Iorque. Recentemente recebeu o prémio Ditson que é atribuído a maetros pela Universidade de Columbia, Nova Iorque.

Justino Alves, um português pintor radicado em Paris, expõe até ao fim da próxima semana na Junta de Turismo da Costa do Sol. Foi bolseiro da Gulbenkian e tem apresentado obras suas em alguns salões franceses. Nos últimos três anos trabalhos seus foram adquiridos pela UNESCO, Museu de Arte Moderna de Paris e Fundação Gulbenkian.

Na Galeria de S. Francisco continua patente ao público uma exposição de desenhos e gravuras de Pedro Sousa. Dele escreve Bruno Gonçalves: «É um realista escrupuloso: há já alguns anos que luta pacientemente contra as imagens. A ironia com que, por vezes, se diverte a montar pequenas cenas para a eternidade não nos deve, portanto, induzir em erro: o trabalho é sério e objectivo. Tem-lhe de resto custado os olhos da cara: de quando em quando vai encontrar um bocadinho de córnea ou cristalino, ainda viscoso de luz, colado a uma das suas pedras».

Ped exposição de desenhos e gravuras de Pedro Sousa. Dele escreve Bruno Gonçalves: «É um realista escrupuloso: há já alguns anos que luta pacientemente contra as imagens. A ironia com que, por vezes, se diverte a montar pequenas cenas para a eternidade não nos deve, portanto, induzir em erro: o trabalho é sério e objectivo. Tem-lhe de resto custado os olhos da cara: de quando em quando vai enà exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes do «Grupo 5 mais 1» patente ao público até ao dia oito do próximo mês de Novembro. Estendal é nome do conjunto das obras expostas de temática lisboeta.

Hoje há fotografia na Gulbenkian: Jacques Minassian apresenta 53 fotografias suas nas galerias das exposições temporárias (Piso 1). Bolseiro da Gulbenkian é um fotógrafo de grande prestígio internacional, tendo representado a fotografia portuguesa numa exposição itinerante nos Estados Unidos da América. Já realizou várias exposições, em Inglaterra, Itália, Checoslováquia e URSS.

O catálogo editado, a propósito, pela Gulbenkian inclui um poema de Alexandre O'Neill e um texto de apreciação crítica de Patrick Bensard.

Começa hoje no Clube Micro-Cine mais um ciclo de iniciação ao cinema em super-8. Prolongando-se até 24 de Novembro, trata, na sua primeira lição, de material (câmara, visionadora, projector, etc).

O Centro Cultural de Évora prossegue na sua actividade teatral, a mais dinâmica e interveniente que conhecemos na província. Desde ontem, está a ser representada no Teatro Garcia Resende, a peça «Ma-Liang», a nova produção da Unidade-Infância do daquele Centro Cultural. Trata-se da teatralização de um conto tradicional chinês. O espectáculo destina-se a todos os alunos das escolas eborenses.

E vale falar de um livro: Cinema e Transfiguração de Eduardo Geada. No prefácio colabora o nosso crítico de cinema, Jorge Leitão Ramos. Não é a estreia do cineasta. Em 1977 publicou o livro «O Imperialismo e o Fascismo no Cinema». O livro teve grande aceitação e é sempre agradável de registar a publicação de mais um livro de um português para portugueses do filme que se vai vendo e fazendo.

rádio

1.º Programa

17.00: Música Variada; **18.00:** Hoje respondemos por Música, por António Vitorino de Almeida; orquestras; **19.00:** Poemas e poetas – música portuguesa; **20.00:** «Jornal da Noite»; **20.30:** Conjuntos; **21.00:** 19.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Uivantes», de Emilly Brontë, numa adaptação de Pedro Pinheiro; **21.20:** «Contraponto»: **24.00:** «ultimo Jornal»; **00.20:** Jazz; **01.00: Música na Noite (RDP/ Centro).**

2.º Programa

17.30: Música Sinfónica: – «Dança dos silfos», de «A Danação de Fausto», de Berlioz – A valsa de Ravel – «Sinfonia Doméstica», op. 53, de Richard Strauss; **18.30:** Transmissão directa do Teatro Nacional D. Maria II de um concerto de câmara sob a direcção de Lukas Foss e integrado na quinzena de música americana. **No intervalo:** – Solo de violino em lá maior, de Telemann – Conclusão em ré maior (de «Musique de Table»), de Telemann; **20.00:** Música de Schubert para piano a quatro mãos: – Rondó em ré maior, op. 138 e – Marchas Características op. 121; **20.30:** Ciclo Haydn: – Sinfonia n.º 66, em si bemol maior – «Missa a S. Bernardo de Offide»

3.º Programa Nacional e Regional (290 m):

18.00: «Vertical»; **18.20:** Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes; **18.50:** Temperaturas do ar; **19.05:** Teatro trágico pelos Parodiantes de Lisboa; **19.30:** Vertical-Trânsito; **20.15:** Vertical-Filatélico, por Carlos Oliveira; **21.30: «Quando o telefone toca»; 22.00:** «Suplemento» – Quando o telefone toca»; **23.05:** Novas de Alegria.

3.º Programa-Local (187,5)

16.00: «Convite»; **18.00:** «Compasso»; **18.15:** Sal e pimenta (repetição); **18.45:** Oiça o que não leu; **20.40:** Serviço de Agenda; **21.00:** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

16.00: «Gong»; **19.00:** «Em órbita»; **20.00:** «Forum» – Realização de Jorge Lopes; **22.00:** «Auditório»; **00.00:** «Prisma» – Realização de Fernando Quinas; «O Homem no Tempo» – Programa de antropologia. Produção de João de Sousa Monteiro e João David Nunes; **02.00:** Fecho.

Rádio Renascença

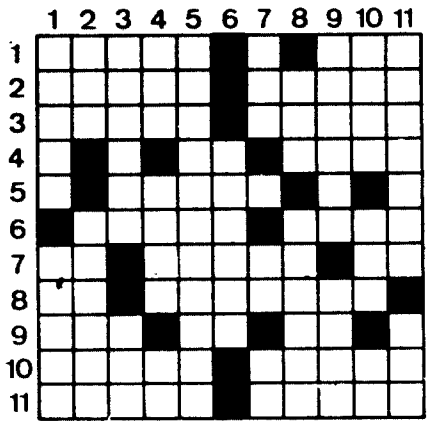
18.08: Apelos; **18.05:** Igreja em Notícia – Palavra do dia; **18.30:** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de R. R.; **20.00:** Objectivo; **20.54:** Apelos; **21.05:** Curso de Língua Alemã; **21.30:** Ao Encontro da Grande Música; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas vivos; **23.30:** Dicionário de Economia; **23.55:** Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 173

HORIZONTAIS:

1 Solta, com a voz, sons musicais. Artigo definido. Utensílios domésticos.
2 Estimais. Nome de uma ilha dos Açores.
3 Remedeias. Combinar.
4 Artigo indefinido. Agarrar.
5 Leitos.
6 Região montanhosa da Ásia Central (Russia e Afeganistão). Portanto.
7 Batráquio. Estéril. Preposição e artigo.
8 Brisa Finos e macios como a seda.
9 Sufixo que designa pequenez. Moderato. Pronome pessoal.
10 Ar agitado por qualquer meio. Verdadeiro.
11 Estimais. Guarneceis de asas.



VERTICAIS:

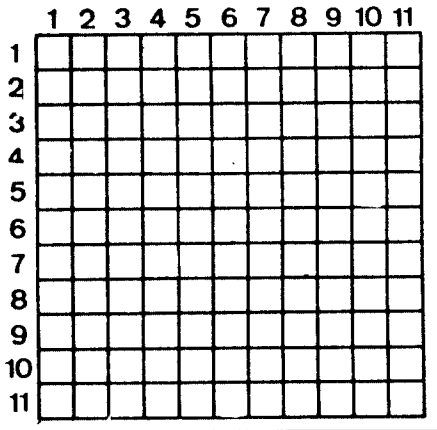
1 Ave columbiana da região de Tete. Fúria.
2 Gosta muito de. Quebram.
3 Galinha de raça pequena (Bras) Mulher de baixa estatura.
4 Irmã da mãe. Estimas. Pronome pessoal.
5 Arrogaremos.
6 Cônjuge (do sexo masculino).
7 Peso turco, cerca de um quilo. Compaixão. Centiare.
8 Olé. Pilares.
9 Cadeia. Entontece.
10 Cidade do estado de São Paulo. Tempo do verbo ir. Pronome pessoal.
11 Aspecto amável. Colocou.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 233

HORIZONTAIS:

1 Grande padecimento. Duzentos em romano.
2 Tratara por tu Oceano.
3 Preposição. Ateado.
4 Irmaõ do pai. Induz.
5 Prefixo de negação. Alindais.
6 Flúido aeriforme Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontificios de interesse para Portugal.
7 Perfume. Deusas.
8 Transferias. Quinto filho de Jacob
9 Guarnecera de asas. Colocou.
10 Ladeiras. Batráquio.
11 Forma apocopada e proclítica de vale. Grande afeição.



VERTICAIS:

1 Trituraram com os dentes.
2 O mesmo que teimares
3 Sistema de vida. Adicionara.
4 Basta. Estado de espírito.
5 Propagavam.
6 Batráquio. Letra grega. Deus dos pastores.
7 Desviavam de um lugar.
8 Estreitos Solitário.
9 Móvel sobre o qual se come.
10 Que ou aquele que castiga.
11 Plantas têxteis do Ceará. Ilha do mar Jónio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 172

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 O. TEMPO. Ras.	1 Ocaia. Acaba.
2 Ca Ro. TANTO	2 Aparas. Nas.
3 Aparada. Oc.	3 Araca. Dia.
4 Iara. Bala.	4 Erram. Ali.
5 Aramasses.	5 Moa. AC. AS.
6 AC. Cairias.	6 DESANDA.
7 Asam.	7 Ota. Si. Ga.
8 Ada. Dam.	8 Bera. Cal.
9 ANDA. COMO.	9 Rn. Asi. Doma.
10 Baila. Gamei.	10 Atol. Acamem.
11 Asis. Álamo.	11 Socais. Moio.

Provérbio: O TEMPO TANTO ANDA COMO DESANDA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 232

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Lagos. Bobos.	1 Lista. Palma.
2 Isola. Abate.	2 Asilaremos.
3 Sia. Ligaram.	3 Goa. Soror.
4 TI Âmio.	4 Lo. SS. Doe.
5 Aas. Suara.	5 Salmonete
6 Rosna. Ter.	6 II. Au. Sua.
7 Perseu. Saba	7 Bagos.
8 Amo. Sanam.	8 Obá. Sama
9 Lordes. Mat.	9 Barbatanas.
10 Ms. Ases.	10 Ota. Rebater.
11 Recai. Ri.	11 Semearam. Si.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo ou pouco nublado, o vento era fraco e havia neblina a norte do Vale Mondego

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	8º
VILA REAL	7º
PORTO	16º
P. DOURADAS	–
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	–
LISBOA	19º
ÉVORA	16º
SINES	–
BEJA	14º
SAGRES	20º
FARO	18º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.41	3,2 m	1.37	2,0 m
21.29	3,1 m	14.41	2,0 m
Dia 25			
10.00	3,2 m	3.05	2,0 m
22.46	3,1 m	16.07	1,9 m
Dia 26			
11.09	3,3 m	4.27	1,9 m
23.45	3,3 m	17.09	1,7 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal em especial no Litoral Oeste a norte do Vale do Tejo.

AMANHÃ

NASCER AS 6.56
OCASO AS 17.46

DIA 24 DIA 31 DIA 7 DIA 14

farmácias

Lisboa

TURNO 61

Até às 22 horas

AFRICANA — R. Bernardino Costa, 45. Tel. 369120. **ARNALI** — Rua Escolas Gerais, 83-A. Tel. 863940. **ASCENSO** — Praça do Norte, 11-A (Bairro Encarnação). Tels 311216-310172. **AVENIDAS** — Av. República, 27-A. Tel. 533688. **AZEVEDO FILHOS — Pr. D.** Pedro IV, 31 (Rossio). Tel. 327478. **CARRASCO** — Rua Presidente Arriaga, 3. **Tel. 667460. CELTA** — R. Moura Girão, 3-B. Tel. 890621. **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. tel. 790480 **CUNHA** — Rua Escola Politécnica, 16 Tel. 325455. **DIMAR** — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533. **G. SILVA** — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873. **GAMA** — Calçada da Estrela, 130. Tele. 660339. **J. RIBEIRO** — Estrada da Luz, 199-A. Tel. 780969. **JOÃO XXI** — Aven. João XXI, 16-A. Telelef 726462. **MARLUZ** — Calç. da Picheleira, 140-B. Tels. 720703-728395. **MARLUZ GOMES** — C.ª da Ajuda, 222. T. 638256. **NOBEL** — Rua Actor Vale, 53. Telef. 842152. **OLIVEIRA** — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424. **OLIVEIRA VIEGAS** — Rua Viriato, 29-A. Telef. 548966. **ORIENTAL DE LISBOA** — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. **RAINHA SANTA** — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. T. 765262. **S.A.E. SILVA, F.os** — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010. **SALTER** — Rua de Xabregas, 63-65 Tel. 381185 **SANEX** — Av. da Igreja, 31-C Telefone 897585. **SANEX** — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897505. **SIMÃO** — Rua Cidade de Cabinda, 16-A. Tel. 310581. **TAPADA** — Calçada da Tapada, 83-A. Tel. 634721. **UNIÃO** — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 700092.

Permanente

AVENIDAS — Av. da República, 27-A. Tel. 533688. **AZEVEDO, FILHOS** P.ª D. Pedro IV, 31 (Rossio). T. 327478. **CUNHA** — Rua Escola Politécnica, 16. Tel. ?25455. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. **SIM**
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A tel. 310581. **OLIVEIRA** — Rua de Campolide. 54-A Tel. 684424. **SALTER** — R de Xabregas, 63-65. Tel. 381185. **TAPADA** — Calç da Tapada. 83-A Tel. 634721. **UNIÃO** — Est de Benfica, 592-594 Tel. 700092.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076); **COVA DA PIEDADE — Rainha Santa** — Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182); **LARANJEIRO — Feijó** — R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA — Carlos** — Av. do Mar, 34-A — Quinta de St.º António; **SESIMBRA — Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO — Central** — Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 207320); **SEIXAL — Godinho** — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO — Giraldes** — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008); **MOITA — Silva Rocha** — P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS — Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 2112048); **ALCABIDECHE — Carvalho** — Até às 21 horas; **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — Até às 21 horas; **CARCAVELOS — Central** — Até às 22 horas; **CARCAVELOS — Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS — Pargana** — Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS — Oeiras** — L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2340485) até às 22 horas; **NOVA OEIRAS — Leal** — Até às 21 horas; **PAREDE — Macau** — R. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE — Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas; **AMOREIRA — Amoreira** — (Telefs. 262313/267314) até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS — Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) até às 21 horas; **CASCAIS — Cascais** — R. Conde Monte Real — B.º Caixas (Tel. 282407) até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Helénica — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) permanente; **AMADORA — Girassol** — R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) até às 22 horas; **DAMAIA — Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 151 (Tel. 970523); **QUELUZ — André** — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **CAMARATE — Batalha** — R. Avelino S. Oliveira, 6 (Tel. 2518669); **CACÉM — Central** — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034); **MEM MARTINS — Miranda Garcia** — Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103) permanente; **AGUALVA-CACÉM — Mira Sintra** — P. N-Torre, 310 - até às 20.30 horas; **MERCÊS — Claro Russo** — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) até às 23 horas; **SINTRA — Marrazes** — Estefânia (Tel. 2930058) permanente; **COLARES — Abreja** — (Tel. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINO, SUCR — Praça Marquês de Pombal, 122. Tel. 480741; **POMBEIRO** — Campo dos Mártires da Pátria, 152. Tel. 311295; **PRELADA** — Rua Central de Francos, 316. Tel. 84312; **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1111. Tel. 51739; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua Sá da Bandeira, 236. Tel. 22164; **FERREIRA DA SILVA** — Rua dos Mártires da Liberdade, 150. Tel. 24023; **S. LÁZARO** — Av. Rodrigues de Freitas, 297. Tel. 27043; **MELO TAVEIRA** — Rua Alcaide de Faria, 77.

(De dia e toda a noite)

AMEAL — Rua do Ameal, 1227. Tel. 483550; **CAMPO ALEGRE** — Rua do Campo Alegre, 723. Tel. 62245; **PENINSULAR** — Rua Chã, 100. Tel. 20707.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

SILVA SOARES — R. M. de Albuquerque, 26-28. Tel. 71454; **SITÁLIA** — L.º da Sé Velha, 13-14. Tel. 23234.

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A
14, 16.30, 18.45, 21.30, 23.45 (13 anos)
BOUND FOR GLORY
(Caminho da Glória)
SALA B
15, 17, 19, 21.30, 23.45 (13 anos)
NEGÓCIOS À ITALIANA
c/ Nino Manfredi e Ugo Tognazzi

ALVALADE 897480
Av. de Roma
15.15, 18.15 e 21.15
JOVENS EM APUROS
Com: Rishi Kapoor e Neetu Singh
Interdito a menores de 13 anos
2.ª semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 21.30 — Não ac. men. 13 anos
Jacques Brel, Lino Ventura
e Carolina Cellier
L'EMMERDEUR
— O CHATO —
Às 23.30 — Não ac. men. 13 anos
PERFUME DE MULHER

AVIS 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
A LENDA DO XERIFE PUSSER
A moca, era a voz da sua lei...

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Interdito menores 13 anos
BLUE JEANS
Robert Carradine, Jennifer Ashley e Lisa Reeves
Um filme de Joseph Ruben — Colorido

CALEIDOSCOPIO 795093
Campo Grande
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. men. 18 anos
James Coburn, Maximiliam Schell, James Mason em
A GRANDE BATALHA
11.ª semana

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Marcello Mastroianni
DUPLO CRIME NA ROMA ANTIGA
— DOPPIO DELITTO —
Com: Peter Ustinov, Ursula Andress e Jean-Claude Brialy

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Interdito men. 18 anos
UM AMOR COMO O NOSSO
Às 21 horas — Grupo B 10 anos
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
AMAR É VIVER
com Shabnam e Nadeem — Realização: Nazrul Islam
Semana Eisenstein
Às 19 horas — Não ac. m. 18 anos
O COURAÇADO POTEMKINE

CITY CINE 549999
Rua Tomas Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas
M. 13 anos
Uma aventura espectacular!
CAPRICÓRNIO UM
Elliott Gould, James Brolin
Às 24 horas — M. 13 anos
MORTE EM VENEZA

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
O MONTE DOS VENDAVAIS
C/ Laurence Olivier e Merle Oberon

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários
Lote 113 — Algés
As 15.30, 18.00 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
O SUPER-INFRAMAN

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial — Damaia
Às 21.15 horas — Não ac. m. 18 anos
A 5.ª OFENSIVA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Robert Carradine, Jennifer Ashley, Lisa Reeves em
BLUE JEAN
Um filme de Joseph Ruben — Colorido
Interdito menores 13 anos

ESTUDIO 555135/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30, 21.30 horas
Interdito men. 18 anos
8.ª semana
Palma de Ouro — Grande Prémio Festival de Canes
TAXI DRIVER

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30
Interdito a men. 13 anos
EMBAIXADA DOS DEUSES
A aventura fascinante de penetrar no **mistério**, de recuar no **tempo**, de contemplar o **inexplicável**

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30 horas
Não acons 13 anos
E A FELICIDADE VOLTARÁ
(Aap Beati)
5.ª feira
As 18.15 horas — M. 13 anos
JÚLIA
Sabados, domingos e feriados
Tardes infantis às 18.15 horas

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
OS ONZE IMPLACÁVEIS MENINOS DO CORO
(The Choirboys)
Realiz. de Robert Aldrich
2.ª semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 horas
Não acon. men. 13 anos
Não é uma comédia... É um delito!
TERNAS ALGEMAS
c/ Annie Girardot e Philippe Noiret
3.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interdito men. 13 anos
Um filme de Georges Lautner
MORTE DE UM CANALHA
c/ Alain Delon, Ornella Muti, Mireille Darc e Maurice Ronet
N. B. — Projecção do filme 6 minutos após o início da sessão

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrao, 12-A
Às 15.15, 18.30 3 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
NÃO ME CHAMES MIÚDA
— STOP CALLING ME BABY —
Uma adolescente desperta para o amor
Com: Jodie Foster, Jean Yanne, Sydne Rome e Bernard Giraudeau

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas
Interdito menores de 13 anos
Uma história de amor num ambiente explosivo
SELVA DE ASFALTO
Um filme de Jonathan Kaplan
C. Jan-Michael Vincent e Kay Lenz

NOVOCINE 840678
Av General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.15h — N. ac. m. 13 anos
Uma grande história — Um grande filme
UMA MULHER FIEL
Com. Sylvia Kristel e Nathalie Delon

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 horas
— Não ac. m. 18 anos
O VALE DOS MISERÁVEIS

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
O VALE DA PAIXÃO
No vale do amor, a paixão surgiu indestrutível

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas
Int. men. 18 anos
COISA FINA
(As fantasias do senhor barão)
Um filme pornográfico de categoria invulgar!

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1 — Às 15, 17, 19, 21 e 23 horas
— Não acons. men. 13 anos
FENOMENO AMERICANO
SALA 2 — Às 15, 17, 19, 21 e 23 horas
— Não ac men. 18 anos
HUBBA HUBBA
Real Peter Bogdanovich
SALA 3 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Não acons. men. 18 anos
OS ONZE IMPLACÁVEIS MENINOS DO CORO
Real. Robert Aldrich
SALA 4 As 15, 17, 19, 21 e 23h
Int men. 18 anos
O RAPTO

RESTELO 610375
Av. Torre de Belem
Às 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
BETSY

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
BLUE JEANS
Um filme alegre!
Um filme jovem!
Um filme louco!
Com: Robert Carradine e Jennifer Ashley

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 18.45 e 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
O RAPTO DE UMA VIRGEM
um filme de Eriprando Visconti
Colondo

SÃO JORGE 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175
15.15, 18.30, 21.30
Interdito a men. 13 anos
Nino Manfredi, Ugo Tognazzi
NEGÓCIOS... À ITALIANA
A melhor comédia policial!
2.ª semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15, 17, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
Um filme de Eriprando Visconti
OEDIPUS ORCA
Com: Rena Niehaus e Gabrielle Ferzetti
Projecção do filme 7 minutos após o início das sessões

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Uma comédia delirante!
QUE FARIA VOCÊ NO MEU LUGAR?
Marlene Jobert e Jean-Claude Brialy
Às 24 horas — M. 18 anos
UM AMOR PASSAGEIRO
Com: Romy Schneider

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) 371573
Estaçao do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h
(Maiores de 6 anos)
— CASEY'S SHADOW —
de Martin Kitt
DESEJO DE VENCER
Um era a sombra do outro... e juntos percorreram um sonho

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito menores de 13 anos
4.ª semana
Robert Redford, Faye Dunaway, Cliff Robertson, Max Von Sydow
OS TRÊS DIAS DO CONDOR
Um filme de Sydney Pollack
Technicolor — Panavision

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15.15, 18.30 e 21 30 horas
Não acons. men. 13 anos
Cinema-Espectáculo de qualidade excepcional!
CAPRICÓRNIO UM
Com: Elliott Gould, James Brolin e Brenda Vaccaro

ZODIACO
R. de Santana à Lapa, 103-B.
Telef. 676285
ZODÍACO-BAR
A música, o copo, o convívio cultural
Um lugar onde a surpresa é sempre qualidade
Das 18 às 2 da madrugada

cinemas

Lisboa

SOC. DOS AUTORES — «À Procura do Alberto», às 22 (13 anos)
A BARRACA — «Zé do Telhado» às 21.30 (13 anos)
ADOQUE — «Fardos e Guitarradas» 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero à Esquerda» às 21.15 (13 anos)
D. MARIA II — «Felizmente há Luar» às 21.45 (6 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL D. MARIA II — «Os Velhos Tempos» às 22 (18 anos)
S. LUIZ — «Jesus Cristo em Lisboa» às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA — «O Pecado do Saiote» às 21.30 (13 anos)

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITOLIO — «Rito Sexual» 19.21 e 23.00 (18 anos)
CINEARTE — «E Preciso Viver Perigosamente» às 21.30 (18 anos)
PARIS — «Os Maridos de Elizabeth» às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «O Direito de Nascer» às 21.15 (14 anos)
MOSCAVIDE — «As Motos do Inferno» às 21.15 (6 anos)
JARDIM — «Vá Gorila, Chega-lhe» às 21.15 (18 anos)
ROYAL — «Os Dias Impuros de um Marinheiro» às 21.30 (18 anos)
LUMIAR — «As Aventuras de Taklakan» às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «A Noite de Iguana», às 21.30 (13 anos)
OEIRAS — Oeiras Cine — «O Passageiro da Chuva», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL — Casino — «Tigre de Papel», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL — Palácio — «Labirinto de Violência» às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — Oxford — «Chantagem Por Uma Mulher Casada» às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Lido — «O Grande Aldrabão», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Primo de Londres», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS — Cine Chaby — «A Mão Impiedosa da Lei», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

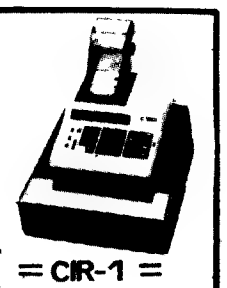
ALMADA — Incrivel — «Vítima em Pânico» às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Não Sou Digno de Ti», às 21.15 (10 anos)
SACAVÉM — S. José — «Scorchy Agente Federal», às 21.15 (18 anos)
ALHANDRA — Salvador Marques — «Julia», às 21.15 (13 anos)

Porto

LUMIERE L — «O Alvo» às 21.45 (13 anos)
ESTDIO — «Algemas do Passado» às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS — «A Companheira da Minha Vida» às 21.30 (13 anos)
LUMIÉRE — «Loucuras Burguesas» 21.30 (13 anos)
FOCO — «Os Três Dias do Condor» às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Êxtase Sexual da Macumba» às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL — «Armadilha Para um Homem» às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Os Duros» às 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO — «Um Dia Inesquecível» às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Betsy» às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «Assalto em Telavive» às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA — «Blue Jeans» às 21.30 (13 anos)
BATALHA — «Morte de um Canalha» às 21.30 (13 anos)
BATALHA — SALA BEBÉ — «O Ovo da Serpente» às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «A Rainha da Rua» às 21.30 (18 anos)
COLISEU — «A Grande Ameaça» às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA — «América Violenta» às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO — «Blue Jeans» às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO 400 — «Comboios Rigorosamente Vigiados» às 21.30 (18 anos)
RIVOLI — «Alfredo Alfredo» 21.30 (13 anos)

Coimbra

S. TEOTÓNIO — «Ladrão que Rouba Ladrão» às 21 30 (18 anos)
TIVOLI — «Nashville» às 21.30 (13 anos)
AVENIDA — «Annie Hall» às 21 30 (18 anos)
GIL VICENTE — «Uma Mulher Livre» às 21.30 (13 anos)

C.ITOH
A mais simples caixa registadora electrónica que responde às suas necessidades pelo preço de uma calculadora.
REP. E IMPORTADORES EXCLUSIVOS
CITRONIC — Soc. Port de Equip. L.da
R. Francisco Sanches, 29 Telef 82 60 14

= CIR-1 =

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 654531/273
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3
320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21): PORTEIRO 321154. PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA, TELEX 12363
LISBOA — PORTUGAL

O que foi o Governo Nobre da Costa

O terceiro Governo constitucional, que surgiu na sequência da queda do anterior Gabinete chefiado por Mário Soares e constituído com base num acordo entre socialistas e centristas, tomou posse no passado dia 29 de Agosto.

Muito contestado à partida pela generalidade dos partidos políticos, o Governo de Nobre da Costa (cuja nomeação pelo Presidente da República causou grande surpresa) não «passou» no Parlamento, onde o programa apresentado pelo antigo ministro da Indústria de Mário Soares obteve apenas o consenso do PSD.

Governo demitido, o Executivo de Nobre da Costa viu-se confinado às funções de mero gestor dos assuntos correntes do País, assumindo o compromisso de se cingir aos condicionalismos dessa situação.

Contudo, derrubado pela Assembleia e mandatado apenas pelo Presidente da República, o Governo de Nobre da Costa tomou decisões polémicas e controversas, como, por exemplo, as desintervenções em quase uma dezena de empresas importantes recuperadas pelos trabalhadores, o processo violento de devolução de terras aos agrários no Alentejo e o aumento do preço dos combustíveis, num conjunto de medidas extremamente impopulares e que afectam um vasto leque de classes sociais.

Acusado de exorbitar das suas funções pelos partidos de esquerda, com particular veemência pelo PCP, o Governo demitido de Nobre da Costa colhe agora os aplausos da direita, sobretudo por não ter hesitado em facilitar a vida do próximo Governo, onde as forças direitistas esperam ser contempladas com substancial fatia.

Entretanto, dos projectos iniciais de Nobre da Costa – uma conferência de Imprensa e uma visita ao Alentejo – nenhum deles foi concretizado.

nota tone

BAIRROS DE LATA

«Diário de Notícias» do Funchal interpreta de maneira insólita os acordos de Camp David e os temas neles debatidos, segundo se depreende de uma notícia inserta na sua edição de 3 do corrente mês. Numa legenda, aquele jornal afirma que «referindo-se negativamente aos acordos de Camp David», mulheres palestinianas «clamam para a resolução dos bairros-de-lata que abundam nas cidades palestinianas». E nós a julgarmos que havia um diferendo com Israel... Afinal é uma questão de habitação!

AH, ESTA TV...

Domingo, ao fim da tarde, na TV: o árbitro «tenta evitar que qualquer aparência apareça» – diz o locutor de serviço para explicar depois que «são quarenta e quase dois minutos». Mas o melhor está para vir. Não é que «Jacinto João maneja ambos os pés de igual modo»?...

A propósito, não poderá a RTP arranjar para os seus «directos» alguém menos artista na palavra?

Futuro do Irão joga-se em Paris

O futuro imediato do Irão parece estar a jogar-se em Paris, onde dirigentes da Frente Nacional, o mais poderoso movimento político da oposição, estão a conferenciar com o ayatollah Khomeiny, que simboliza e chefia a oposição religiosa. Objectivo das negociações: unificação da luta das duas oposições e moderação da oposição religiosa.

Na verdade, nem os gestos de repressão nem os gestos de acalmia, vindos do xá, conseguem fazer vergar os ânimos dos opositores, que prosseguem a sua luta. Ontem em Hamadan violentas manifestações causaram mais 15 mortos, enquanto parece acalmar a luta social na refinaria de Abadan e nos Correios. Contudo, em Teerão e Tabriz parecem acumular-se nuvens de agitação religiosa e universitária. As diligências da Frente Nacional parecem ter a caução do próprio Governo, que também mandou a Paris o seu embaixador em Washington. Ontem, o regime libertou 1126 presos políticos, entre os quais um chefe religioso chiita, que «inflamou» o bairro de Jaleh em Teerão nos dias anteriores à sexta-feira negra.

Enquanto as negociações políticas se travam em Paris, em Teerão as autoridades tentam, junto de representantes da RFA e dos EUA, rever vários projectos dispendiosos (exs: um metropolitano, a compra de radares voadores, de centrais nucleares, de submarinos e de fragatas) para que o Estado disponha de fundos de reforço maciço de gastos sociais.

ASSALTANTES "ISCAM" ANCIÃ

Filha no "hospital" rende setenta contos

Notas portuguesas e estrangeiras, cheques de viagem, moedas comemorativas, um isqueiro, uma máquina fotográfica e um alfinete de ouro: eis o que levaram (e mais iria se estivesse à mão) do 2.º andar esquerdo do prédio n.º 96, da Avenida Miguel Bombarda, em Lisboa, ontem à noite, enquanto a inquilina, Maria Francisca de Carvalho Rego, de 73 anos, se dirigia ao Hospital de S. José.

O «clima» e envolvimento que possibilitaram o roubo são bem mais complexos, e porque apontam para uma nova «técnica» de penetração em casa alheia, merecem uma referência especial. Pelo menos, para que a «história» se não repita.

Estava a D. Maria Francisca posta em sossego em sua casa, ontem à noite, quando, do outro lado do fio, uma voz anónima lhe comunicou que a sua filha se encontrava gravemente ferida, devido a um acidente, no hospital. A senhora deve ter ficado em pânico, e nem sequer tentou confirmar a veracidade do telefonema feito. Nem mesmo a pessoa que, tão «solícita», a informava do caso. Encaminhou-se para o S. José, verificou que não era verdade e, como é natural, deve ter recuperado do choque. Voltou a casa e constatou que tudo o que atrás adiantamos tinha desaparecido. Depois de um grande alívio viu-se «aliviada» de vários dos seus haveres: cerca de 70 contos.

Metade dos latino-americanos no desemprego

O desemprego afecta 50 por cento da população latino-americana, e na maioria dos casos mulheres casadas e jovens, revelou o director do Programa Regional do Emprego para a América Latina e o Caribe, Victor Tokman.

Segundo Tockman, análises comprovaram que, mais de 155 dos 350 milhões de habitantes do continente estão desempregados,

A paralisação no Alentejo

Continuação da pág 1

recolher as respostas por nós apresentadas e posteriormente, estudá-las».

CENTENAS DE MOÇÕES DE APOIO

Entre as centenas de moções de apoio à paralisação de hoje, já tornadas públicas por comissões de trabalhadores e moradores destaca-se a divulgada ontem pelo secretariado da CGTP-IN o qual depois de saudar «a luta heróica dos operários agrícolas da Reforma Agrária na sua acção para trabalhar a terra, garantir o pão aos portugueses e evitar o desemprego e a miséria», exorta todos os trabalhadores a «exprimirem o seu repúdio pela acção provocatória que o governo rejeitado e demitido tem vindo a levar a cabo contra os direitos e interesses dos trabalhadores, sem se coibir do recurso a meios repressivos e violentos.»

Entretanto, até ao momento apenas eram conhecidos os apoios do Partido Comunista Português, da União Democrática Popular e do Movimento de Esquerda Socialista, a esta jornada de solidariedade e de luta. Quanto ao Partido Socialista, segundo fomos informados ao fim da manhã, ainda não tinha uma posição pública sobre o evento.

"A porca da vida"

O seu trabalho é limpar a cidade do lixo que o munícipe deixa à porta e na rua. É uma tarefa que não dá para ter unhas limpas nem olfacto deliado. Muitos baldes depois, pode acontecer o «Almeida» repousar: trata-se de uma breve pausa na «porca da vida», que sempre estafa mais uns que outros

Acidente paralisa alto forno de Siderurgia

Uma ruptura do cadinho do alto forno da Siderurgia Nacional provocou alarme na fábrica da Torre da Marinha, no Seixal, quando o material em fusão se escoou, pelo rombo, para o exterior. O acidente, semelhante a otro ocorrido há semanas, não provocou desastres pessoais mas obrigou à paragem da laboração durante dois dias.

A paragem do alto forno, que é único, não afectará, no entanto, o funcionamento normal da Siderurgia porque existe um «stock» de material suficiente para suprir as necessidades de laboração.

A ruptura causou natural alarme entre os operários que se encontravam no local, os quais, de resto, conseguiram afastar-se a tempo e avisar os serviços de prevenção da fábrica, que solucionaram o problema sem a assistência dos bombeiros que entretanto, também tinham sido chamados.

Elementos dos BV de Almada e Cacilhas, que tinham ocorrido com numeroso material, ficaram, todavia, de prevenção durante algum tempo na Siderurgia.

II CONFERÊNCIA INTERCOMUNAL

Recuperação do Barredo: exemplo apresentado em Sófia

PORTO, 24 – A progressiva recuperação do Barredo, ainda não levada a cabo na sua totalidade, foi o exemplo axial apresentado pela Câmara Municipal desta cidade nos trabalhos da II Conferência Intercomunal efectuada em Sófia (Bulgária). Com a participação de 28 países, a conferência teve como tema «O planeamento e o desenvolvimento das cidades», e inseriu-se nas realizações da Federação Internacional das Cidades Gémeas. Foi assim, e por isso, que o bairro degradado do Barredo, em fase de progressiva recuperação, foi referido.

Porto e Lisboa foram as únicas câmaras do País que se fizeram representar, com quatro e um elementos, respectivamente. Os representantes do Município do Porto presentes em Sófia (Rosado Correia, Raul de Castro e Sousa Rego), numa conferência de Imprensa ontem realizada nos Paços do Concelho, informaram que há possibilidades de que o Terceiro Congresso Mundial Intercomunal se efectue nesta cidade. Depois de salientar que colheram bastantes ensinamentos, disseram que, no respeitante à pavimentação de ruas e calcetamento de praças e avenidas, os países nórdicos e o Brasil estão a «copiar» o que se faz em Portugal.

A criação de espaços verdes e ruas destinadas só para peões foram também referidos: a título de exemplo foi afirmado que 20 por cento da área de Sófia era composta por zonas verdes enquanto que na área do Porto, e em conformidade com a sua população, não se devia fazer mais construções.

NA AUSTRÁLIA

Piloto desaparece "vítima de perseguição dum OVNI"

O piloto tem 20 anos e chama-se Frederick Valentich. Segundo a sua última comunicação para terra, estava a ser seguido por uma «forma longa com uma luz verde e uma espécie de luz metálica no exterior», que fazia «uma espécie de jogo» com o seu «Cessna 182». Daí a pouco o avião começava a falhar e nada mais se soube dele. O único indício encontrado pode ter sido uma mancha de óleo, descoberta por barcos de pesca, e neste momento sujeita a análise para determinar se se trata de combustível do «Cessna».

A Força Aérea Australiana confirma a passagem do OVNI, baseando-se em 11 comunicações que lhe foram feitas por habitantes da costa do estreito de Bass, os quais afirmaram ter visto um OVNI na zona onde o piloto desapareceu durante o seu voo nocturno.

Aviões e barcos empenhados em intensas buscas não conseguiram ainda encontrar um piloto que desapareceu no sábado, depois de ter comunicado pela rádio que estava a ser perseguido por um Objecto Voador não Identificado (OVNI), quando fazia um voo de treino de 200 quilómetros entre a ilha King e o estreito Bass, na Austrália.

Petróleo vai subir 10 a 15 por cento

O aumento dos preços de petróleo no decurso da próxima reunião da OPEP em Abu Dhabi em Dezembro deste ano deverá variar entre 10 e 15%, declarou hoje o xeique Abdallah Al-Tariki, conselheiro petroleiro junto de diversas empresas e governos árabes.

Numa declaração publicada hoje pelo diário kuwaitiano «Al Wateane» o especialista saudita sublinha que a subida de 5% reclamada por certos membros da OPEP «não é nada realista, porque não compensaria as perdas sofridas pelos países produtores de petróleo (em consequência da inflação mundial)».

Por último, o xeique Tariki estima que os Estados Unidos aprovarão «na altura qualquer aumento dos preços das ramas adoptado durante esta reunião».

Vitórias da esquerda na Grécia

Uma das mais disputadas campanhas para eleições municipais dos últimos tempos na Grécia levou a vitórias decisivas dos candidatos apoiados pela esquerda nas cidades de Atenas e do Pireu – segundo os resultados finais divulgados ontem.

Um terço dos 9,3 milhões de habitantes da Grécia reside na capital e no Pireu, pelo que os resultados eleitorais nestas duas cidades estão a ser analisados por observadores como um possível indício da futura tendência política a nível nacional.

(Hoje 28 páginas)

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 43/78
Terça-feira, 24 de Outubro de 1978

Multinacionais: O seu papel no Terceiro Mundo

Estados-Unidos: O que fazem os sindicatos?

ONU: O problema do desarmamento

Vaticano: Um Papa polaco; como e porquê?

Manifestação anti-Xá, em Paris

"Não há solução para o Irão com a dinastia dos Pahlavi"

Uma equipa francesa de televisão dirigida por Maurice Séveno ficou em 21 de Setembro passado, no Iraque, uma conversa com o ayatollah Khomeiny. Os filmes foram confiscados pelas autoridades iraquianas, mas os realizadores, que estiveram presos durante três dias, conseguiram salvar a fita gravada da conversa. Resolveram não publicar a entrevista enquanto o ayatollah estivesse no Iraque, a fim de não complicar a sua situação. Como, porém, o chefe espiritual chiita se encontra actualmente em França, «Le Monde» publicou algumas passagens da entrevista, que a seguir transcrevemos e que consideramos de maior actualidade.

– Fala muitas vezes de um governo islâmico para o Irão. O que compreende por isso? Os chefes religiosos deviam ser eles próprios a governar?

– Não, não queremos ser nós a governar. Mas os chefes religiosos dirigem o povo a fim de concretizar os objectivos e as reivindicações do Islão. Dado que a maioria do povo iraniano é muçulmano, governo islâmico significa também governo apoiado pela maioria do povo.

Numa primeira etapa, o objectivo é tornar o país independente e eliminar o domínio estrangeiro, tal como as forças internas a soldo do estrangeiro. O nosso país está hoje submetido em todos os domínios: político, económico, cultural e militar. É pois necessário expulsar os exploradores e os colonizadores estrangeiros, quaisquer que eles sejam. Depois será necessário consagrar todas as riquezas do nosso país à melhoria da sorte do nosso povo, dos trabalhadores hoje oprimidos, mantidos na miséria e na doença.

A segunda etapa será a depuração completa dos ministérios, da administração, das sociedades públicas, dos traidores, dos corruptos, dos que só procuram o lucro. É preciso confiar as responsabilidades a gente capaz, honesta e patriota.

Outras etapas se seguirão, mas, antes de mais, e para permitir que o governo islâmico atinja os seus objectivos, é indispensável que a dinastia Pahlavi seja eliminada. Com efeito, com essa dinastia e com os seus servidores, não é possível nenhuma reforma.

• **– Em que outras reformas económicas pensa?**

– Um governo nacional e muçulmano teria meios que nos fizes-

2

Khomeiny chegou a França depois de 15 anos de exílio no Iraque

O dia da ONU

• Mensagem de Kurt Waldheim

Celebramos hoje o trigésimo terceiro aniversário da ratificação da Carta das Nações Unidas, que marcou o começo da histórica actividade da Organização.

Ao longo dos anos decorridos desde 1945, produziram-se no mundo alterações que os fundadores das Nações Unidas dificilmente poderiam ter previsto. A Organização é hoje mais distinta do que era na altura em que a Carta entrou em vigor.

É muito mais vasta e representativa: conta com 150 Estados membros, em comparação com os 51 Membros fundadores. É muito mais complexa, uma vez que se ocupa praticamente de todos os aspectos da existência humana: desde manter a paz e a segurança internacionais até estabelecer uma nova ordem económica internacional e garantir o respeito dos direitos humanos fundamentais.

Milhares de pessoas em todo o mundo participam nas actividades das Nações Unidas, com vista à promoção do desenvolvimento económico e social e a prestar socorro e ajuda humanitária aos refugiados e às pessoas afectadas por situações de emergência. Deste modo, com o decorrer dos anos, as Nações Unidas converteram-se num microcosmos do mundo na sua totalidade, o que, além do mais, lhe dá uma oportunidade incomparável para procurar soluções comuns para o grande número de problemas comuns que a humanidade enfrenta, num mundo em que a interdependência é cada vez maior.

Considero significativo e encorajador o facto de que, actualmente, as nações recorrem cada vez mais às Nações Unidas para que ajudem a resolver as questões mais prementes do programa da comunidade internacional.

Durante o ano em curso, os dirigentes do mundo reuniram-se em Nova Iorque por ocasião da realização de um período extraordinário de sessões da Assembleia Geral, dedicado ao desarmamento, durante o qual se aprovou um conjunto de princípios e um programa de acção para futuras negociações. Ao mesmo tempo, as Nações Unidas participaram activamente nos esforços feitos para encontrar soluções pacíficas para a situação, cada vez mais perigosa, que se vive na África Austral, no Médio Oriente e em Chipre. Actualmente, mais de 12.000 soldados provenientes de 27 nações prestam serviço em seis operações distintas de manutenção da paz.

No próximo ano, em que será comemorado o Ano Internacional da Criança, a nossa atenção centrar-se-á num aspecto fundamental dos esforços contínuos em que estamos empenhados, a fim de melhorar as condições de vida da maioria da população mundial, que têm vindo a decair devido à insuficiente atenção prestada aos aspectos sanitários, à habitação e à nutrição.

As Nações Unidas, ao tentar responder aos desafios com

que se defronta a comunidade internacional, desempenha inumeráveis funções: é lugar de reunião para estadistas, elemento catalisador de novas formas de abordagem, válvula de segurança quando surgem ameaças de conflito e agente de mudanças e ajustes pacíficos.

Para continuar a desempenhar o papel vital que assumiu no decorrer dos últimos trinta e três anos, a Organização Internacional necessitará, sem dúvida alguma, do apoio e da compreensão de todos os povos de todas as nações e das pessoas de todos os sectores e condições. Teremos que ultrapassar os estreitos objectivos nacionalistas na procura de objectivos mundiais, e para isso será indispensável contar com a vontade política de todos os Governos membros, se pretendemos realizar progressos significativos para alcançar as nossas metas de paz, justiça social e melhores condições de vida, com maior liberdade para a população do mundo. ■

Mais textos nas centrais

O IRÃO E O XÁ

1

sem sair da crise. Será, por exemplo, fácil a um governo destes pôr fim a abusos como este: a Fundação Pahlavi, criada pelo xá, atribui cheques de um milhão de dólares e até mais, tirados dos fundos públicos, a embaixadores americanos e outras pessoas influentes que deles necessitam, e que constituem um poderoso grupo de pressão pró-iraniano em Washington.

A burocracia também será simplificada, o que permitirá fazer sérias economias. Por fim, a função do campesinato será restaurada prioritariamente. A «revolução branca» do xá e dos Estados Unidos destruiu-a.

– Como explica o facto de o povo iraniano descer à rua quando o chama?

– É que o povo considera-nos servidores do Islão e do país. É que nós expomos os problemas que existem em toda a nação. É que somos a expressão das aspirações do povo. Este povo vê muito bem que tudo o que vem do xá e do seu aparelho repressivo é contrário aos interesses do islão e do país.

– Que pensa dos rumores que correm sobre oa partida do xá e a entrega da sucessão ao filho dele?

– A nossa opinião acerca disso é a opinião do povo iraniano: não é possível nenhuma solução satisfatória sem o desaparecimento da dinastia Pahlavi, quer se trate do xá actual ou dos seus descendentes.

– O que pensa da declaração de Ali Amini segundo a qual se fosse encarregado de constituir governo, pedir-lhe-ia uma trégua a fim de fazer sair o Irão do impasse em que se encontra?

– Para fazer sair o Irão da crise actual são necessários homens que tenham uma base popular. Os que não a tiverem não podem ter êxito.

– Em que condições aceitaria um tal pedido?

– Nenhuma condição é negociável e nenhum prazo é aceitável se isso tiver por resultado assegurar a sobrevivência do regime e a manutenção da dinastia. Todo e qualquer projecto que passe pela manutenção do regime, não pode ser aceite nem por nós nem pelo povo.

– O presidente Carter diz-se campeão da defesa dos direitos do homem. Como explica que ele tenha apoiado o xá após o massacre da «sexta-feira negra» de 8 de Setembro último?

– Há meses que em todas as cidades iranianas tem havido autênticos massacres. Durante as últimas manifestações do mês de Setembro em Teerão falou-se de vários milhares de mortos. Alguns avançaram o número de dez mil, e o presidente Carter, que não hesita em apoiar com vigor este ou aquele prisioneiro da União Soviética, mostrou-se solidário com o xá, por ocasião de todos esses massacres.

O mesmo se passa com o Governo da China popular, cujo presidente, apesar de todas estas violências, visitou o xá, de braços abertos, embora sem se atrever a percorrer as ruas de Terão. Os chefes do Kremlin tem a mesma atitude.

– Apresenta-se muitas vezes o chiismo como retrógrado e hostil ao progresso. Como prova disto fala-se do estatuto da mulher, do uso do «tchador», dos ataques a bancos e cinemas. Que pensa de tudo isto?

– O regime do xá, através de somas muito importantes, pôs ao seu serviço uma parte da imprensa ocidental. Também desencadeou uma campanha para enganar a opinião pública estrangeira, afastando-a dos problemas essenciais, o mais importante dos quais é o fim do domínio estrangeiro.

Foi o xá quem privou o povo, homens e mulheres, das suas liberdades e quem abafa as suas aspirações. É ainda ele quem, para afastar a juventude dos problemas essenciais do país, encoraja certos programas de cinema embrutecedores e aviltantes. É por isso que o povo muçulmano considera o cinema contrário aos interesses do país e ataca as salas. Não precisa para tal de consignias religiosas. Isto sem falar, está bem de ver, da provocação que é o cinema de Abadan.

O mesmo acontece com os bancos, factores essenciais de usura e especulação, na destruição da nossa economia. É por isso que as pessoas incendeiam esses instrumentos de empobrecimento e falência económica. O xá declarou numa entrevista a um jornalista italiano que a mulher não deve ser mais do que um objecto de atracção sexual. É essa concepção que leva as mulheres à prostituição e as torna mulheres-objectos. É a essa imagem da mulher que a religião se opõe, e não à sua liberdade e à sua emancipação. A participação das mulheres de todas as camadas sociais nas recentes manifestações a que chamamos «referendo da rua» mostra a falsidade de tais acusações. As mulheres estavam ao lado dos homens na luta pela sua independência e pela sua liberdade.

– Que relações deseja ver restauradas entre o Irão e os países ocidentais, em especial a França, à luz do papel que tiveram durante os recentes acontecimentos?

– O que esperamos das grandes nações é que elas reconheçam o nosso direito a um verdadeiro progresso, que saibam que o emprego da força para impedir a emancipação dos povos de África, da Ásia ou da América Latina terá, com o tempo, efeitos nefastos na sua própria situação.

Na minha opinião, a manutenção da prosperidade no Ocidente não pode fazer-se à custa do empobrecimento do resto da humanidade. Pedimos a todas as grandes nações livres que nos ajudem a libertarmo-nos daqueles que só querem o lucro, pilhando as riquezas que possuímos.

– Se o xá mantiver a sua promessa de «eleições livres», que candidatos apoiaria?

– Se o xá estivesse disposto a aceitar o princípio de eleições livres, já teria cedido à vontade popular que se manifestou durante as grandes demonstrações de massas em Teerão e em todas as grandes cidades do país. Já teria abdicado. O povo votou a desconfiança. ■

AS MULTINACIONAIS E O SEU PAPEL NO TERCEIRO MUNDO

■ **IVAN PLANELLS**

IBM. – Esta firma foi fundada em 1914 por Thomas J. Watson, apenas com 40.000 dólares emprestados pelo Banco Morgan. Hoje é o maior consórcio americano da indústria eléctrica e electrónica. Estabelecida em 126 países, conta com 274 mil trabalhadores e obteve, em 1973, um volume de negócios de 1575 milhões de dólares.

Esta multinacional prefere produzir fora do país do que nos próprios Estados Unidos, porquanto um trabalhador IBM nos EUA produz em média 38.487 US em vendas, com 4750 US em lucros, enquanto que fora do país o mesmo trabalhador produz 42.156 US em vendas, com 7000 US em lucros.

Os membros do Conselho de Administração da IBM são também directores de outras empresas e bancos, como sejam, o Banco Morgan, a Mobil Oil, a Standard Oil, a Pan American Airways, etc., e um dos seus principais accionistas é Nelson Rockefeller, com uma participação de 19,9 milhões de dólares.

NESTLÉ. – Para compreender a grandeza desta multinacional suíça devemos dizer que, em 1974, o montante dos seus negócios alcançou os 16.624 milhões de francos suíços, dos quais 610 milhões na Suíça, onde está a sua sede mundial, e 3568 milhões de francos suíços nas suas 81 fábricas que fazem os seus produtos em 25 países em vias de desenvolvimento, em três continentes.

A Nestlé nasceu em 1905, produto da fusão da Anglo Swiss Condensed Milk C.° e a empresa que Henri Nestlé fundara em Vevey (Suíça), em 1867.

Desde 1962 que a Nestlé se tem vindo a ampliar e assim, comprou algumas companhias europeias, como a FINDUS (produtos congelados), a Locatelli (queijos), a LIBRY (conservas de frutas), a STOUFFER (companhia americana de restaurantes) e, não há muito tempo, adquiriu acções no ramo da perfumaria, no caso à L'Oréal de Paris.

«A Nestlé não é uma sociedade filantrópica e as suas actividades não consistem em prestar ajuda aos países não industrializados, mas é um factor de desenvolvimento económico ao transformar no próprio local uma matéria-prima cuja qualidade e quantidade se esforça por aumentar.» Assim reza a introdução de um folheto difundido por esta companhia multinacional.

As sociedades multinacionais nas Nações Unidas

As sociedades multinacionais desempenham um papel de destaque no interior de alguns organismos das Nações Unidas. Apoiadas principalmente no Banco Mundial e no Fundo Monetário Internacional, poderosas instituições monetárias onde as grandes potências imperialistas, especialmente os Estados Unidos, contribuem para perpetuar a dominação do capitalismo mundial.

O Banco Mundial dispõe de imensos capitais e dirige a planificação e a realização de muitos dos programas de desenvolvimento dos diferentes organismos das Nações Unidas. Podemos citar como exemplo a ajuda técnica que proporciona por intermédio da UNCTAD, organismo que se converteu, com o correr do tempo, num órgão consultivo.

Outro tanto acontece com a FAO, que trabalha em estreita colaboração com o Programa de Cooperação Industrial. Dá-se a coincidência de algumas multinacionais estarem vinculadas ao dito Programa, porquanto aderiram a ele. As ditas multinacionais controlam dessa forma, em parte, a produção e a distribuição de produtos alimentares, bem como de maquinaria agrícola, indústria química, etc.

A Conferência Mundial sobre Alimentação, que se efectuou em Roma em Novembro de 1974, demonstrou claramente a presença subtil dessas potentes firmas multinacionais no sector agro-industrial. O relatório do Secretariado da dita Conferência deixa muito clara esta situação. Numa das partes dizia o seguinte: «... é importante que a indústria se mostre disposta a dedicar maior prioridade à agricultura dos países em vias de desenvolvimento»; e acrescentava mais adiante: «Desejosa de cumprir o melhor possível o seu papel e de se tornar num associado mais dinâmico do desenvolvimento, a indústria espera que os Governos adoptem uma atitude positiva face aos acordos e aos convénios bilaterais e multilaterais, inclusive no que se refere à protecção intelectual e às convenções firmemente estabelecidas, tendo em conta as garantias de segurança dos investimentos.» Como se pode ver, a FAO aparece como uma espécie de intermediário das multinacionais nas suas relações com os países em vias de desenvolvimento e permite, por outro lado, a transferência de uma importante parte do potencial de emprego da agricultura do Terceiro Mundo para a indústria dos países desenvolvidos (que produzem os adubos e outros materiais). Esta situação prejudica enormemente os países pobres pois nesta pretensa assistência técnica por intermédio das multinacionais são elas afinal as mais beneficiadas.

É pois evidente que alguns organismos das Nações Unidas permitiram, de certo modo, esta ingerência das multinacionais no desenvolvimento e incremento dos seus lucros, em prejuízo dos povos atrasados. Enquanto não existir um efectivo controlo das Nações Unidas sobre as sociedades multinacionais, como o solicitaram reiteradamente os países do Terceiro Mundo o abismo que separa os países ricos dos pobres continuará a aprofundar-se e todas as reuniões de carácter internacional que se programem não terão qualquer resultado prático.

OS SINDICATOS NOS EUA

■ Jean Hill

□ RASSEGNA SINDACALE

Que defesa têm os trabalhadores dos EUA face às prepotências da entidade patronal? Que força real têm os sindicatos? Que poder tem a legislação, quando um grupo económico decide desafiá-la abertamente? A resposta a estas (e outras) perguntas é-nos dada por um artigo da revista sindical italiana «Rassegna Sindicala», órgão da Confederação Geral dos Trabalhadores Italianos (CGLI). Assinado por Jean Hill, este artigo (que a seguir transcrevemos) parte dum caso exemplar – a luta entre o grupo Stevens e o sindicato têxtil ACTWU – para pôr a nu as grandes dificuldades da classe operária no país que se pretende arvorar em defensor dos «direitos humanos».

A sindicalização no Sul dos EUA, sobretudo no sector têxtil, está há anos na agenda dos sindicalistas americanos. Como em tantos outros países, o Sul é zona mais pobre dos EUA. Muitos grupos industriais ali têm afluido em busca dos baixos salários e da falta de contratação colectiva (nos EUA os contratos não são nacionais **para todos**, mas acordados grupo por grupo, zona por zona. Além disso, o sindicato só tem direito de contratação nas empresas onde ganhou as eleições).

O caso do grupo têxtil J. P. Stevens é exemplar. Com as suas 85 fábricas (transferidos nos últimos 30 anos do Norte para o Sul) emprega quarenta e cinco mil dos setecentos mil trabalhadores têxteis da região. Desde 1963 que o grupo opõe resistências excepcionais à sindicalização dos seus empregados, muitos dos quais já fizeram a sua escolha sindical. **National Labor Relations Board** (Junta Nacional das Relações de Trabalho), entidade federal suprema para estas questões, aceitou um recurso do sindicato anulando eleições no decurso das quais se tinham verificado graves intimidações patronais.

Pode dizer-se que no caso Stevens nos encontramos face a uma luta de proporções histórias nesse campo. O ACTWU (o sindicato do sector de vestuário e têxtil), que retomou a ofensiva contra o grupo em 1976, teve de recorrer ao boicote a escala nacional para convencer o povo americano a não adquirir os produtos Stevens na esperança de que esta anti-publicidade possa levar o grupo a negociar com o sindicato, coisa que nunca antes tinha feito com qualquer outra empresa.

Neste caso, o boicote não se destina (como muitas vezes acontece) a apoiar uma greve: é feito exactamente porque os trabalhadores do grupo são demasiado fracos para recorrerem à greve.

Trabalhando isolados em pequenas fábricas, estes trabalhadores (metade dos quais de sexo feminino e, em número crescente, de raça negra) ganham 3,35 dólares por hora, o que equivale a dois terços do salário médio nacional, nas fábricas. Trabalham sem qualquer estabilidade e sem estarem inscritos na previdência social. Todas as suas tentativas de sindicalização têm sido objecto de maciças campanhas de intimidação. Os trabalhadores que têm apresentado queixa do tribunal, depois de despedidos por desenvolverem actividades sindicais, já receberam até agora um montante global de um milhão de dólares de indemnização da empresa. Apesar desta cifra impressionante, as actividades anti-sindicais da empresa persistem, demonstrando a toal ineficácia das leis nacionais que teoricamente garantem (mas na prática não asseguram) o direito às actividades sindicais. Nos termos da lei, um sindicato que queira negociar com uma companhia, terá de previamente ganhar um «referendo» entre os trabalhadores, que terão de dizer que querem realmente aquele sindicato. Em 1975, quando os trabalhadores de uma fábrica Stevens, na Geórgia, escolheram o seu sindicato, a companhia preferiu fechar a fábrica a negociar com o sindicato. Em Roanoke Rapid, na Carolina do Norte, onde em sete fábricas os 3 500 trabalhadores escolheram o sindicato, o grupo levanta obstáculos a todas as negociações.

Em 1977 um dos muitos tribunais que tem julgado o caso Stevens declarou que esta questão «levanta sérias dúvidas sobre a capacidade do sistema jurídico para aplicar as disposições da lei federal no tocante ao trabalho face a tão persistentes violações». Em Janeiro deste ano, a Junta Nacional das Relações de Trabalho pediu ao tribunal federal uma declaração nacional contra as actividades anti-sindicais do grupo, atitude sem precedentes na história sindical americana. Quanto à própria legislação uma tentativa de a reformar a favor dos trabalhadores (Labor Reform Act) foi derrotada no Congresso e representou um duro revés para o mundo sindical americano.

Trabalhadores sem defesa

A fraqueza dos trabalhadores tem, assim, dois aspectos. Embora a economia do Sul esteja em progresso, é ainda muito débil, e os encerramentos de fábricas, como a Stevens da Georgia, são possíveis mas seriam ruinosos para a economia local. Por outro lado, trabalhadores e sindicalistas sabem muito bem que não podem contar com a lei. Isto é de tal modo verdadeiro que alguns sindicalistas do ACTWU preferem não arriscar um «referendo» mesmo tendo muitas possibilidades, porque uma vitória não bastaria para obrigar os Stevens a negociar. Isto significaria na prática que a batalha sindical ficaria perdida na fábrica em questão.

Estas batalhas têm pouco em comum com as lutas sindicais da Europa. Não se trata de lutar por reivindicações salariais, reformas ou condições de trabalho, mas sim, e, por agora, de levar uma entidade patronal a negociar.

O boicote decidido tem em vista dois objectivos tácticos: convencer o consumidor médio a não comprar os produtos Stevens, e, por outro lado, tentar isolar o grupo das outras companhias com as quais tem em comum alguns directores (esta prática de ter em comum altos dirigentes é normal entre as grandes companhias americanas).

A característica principal das duas tácticas reside em que ambas têm uma forte componente moral e visam lesar a imagem do grupo, pois Stevens «recusa-se a comportar-se como bom cidadão» (palavras do próprio governador do Massachusetts, Michael Dukakis) desafiando as leis do país. Isto não significa que seja impossível causar danos económicos à empresa, mas não é muito fácil afectar vendas que totalizam anualmente mil milhões e meio de dólares. A componente moral é o tom dado pelo conjunto de organizações que apoiam o boicote. À frente delas encontra-se o prestigioso Conselho Nacional das Igrejas, com o seu Centro Inter-religioso sobre a Responsabilidade dos Grupos Económicos.

Dois exemplos poderão servir para dar o clima desta batalha: o primeiro refere-se à grande vitória deste ano, conseguida quando J. Finley, director principal da Stevens, se demitiu do cargo de co-director de um grande banco (Manufactures Hanover Trust, Co.). Esta demissão levou o caso Stevens para a primeira página do «Wall Street Journal» (dia 8 de Março) e foi obtida depois de algumas igrejas (e também o próprio sindicato) terem ameaçado retirar os seus sólidos depósitos daquele banco. Prosseguindo este tipo de actuação, espera-se evidentemente fazer chegar as coisas a tal ponto que os directores (atingidos directamente pelo caso) acabem por aceitar a sindicalização. Outro exemplo dá-nos uma chave para a compreensão do mundo sindical americano: nestes dois anos de boicote promovido pelo ACTWU, nenhum outro sindicato fez o mí-

B

O BOICOTE

O facto de ter de recorrer ao boicote ao consumo demonstra a fraqueza dos meios disponíveis para fazer sindicalizar uma fábrica. O boicote foi legalizado em 1935 pela famosa lei Wagner, mas o seu uso vai rareando. Nos anos 70 o Sindicato dos Têxteis promoveu um boicote às calças da companhia texana Farah, cujos trabalhadores (na sua maioria, de origem mexicana) estavam em greve havia dois anos para obrigar a empresa a aceitar as suas reivindicações. Um exemplo ainda mais notório foi o dos trabalhadores rurais da Califórnia que estavam em greve para obterem um contrato. O boicote a nível nacional às alfaces e às uvas da Califórnia deu um notável contributo para esta dura batalha.

O boicote, legalizado nos anos do New Deal, foi drasticamente regulamentado pelas leais maccarthystas (Taft -Hartley em 1947, e Landrum -Griffith em 1959), o que reduziu imenso o seu impacto e lhe retirou parte da eficácia que poderia ter. No caso Stevens, por exemplo, é proibido fazer piquete ou boicotar uma fábrica ou uma loja que utiliza ou vende produtos Stevens, pois estes processos são considerados «boicote secundário» e, como tal, legalmente interditos. O que significa que, na prática, o boicote se limita a uma actividade propagandística, endereçada ao público que consome tais produtos.

FOTO EXCLUSIVO

Estes blocos de aparência granítica são afinal gigantescas pedras de sal extraído das salinas do Lago Chade. Transportado por barcos este sal bruto, destinado à alimentação dos animais, é vendido nos mercados das aldeias e populações da Nigéria e dos Camarões. A foto Keystone mostra-nos um vendedor de sal algures numa aldeia nigeriana

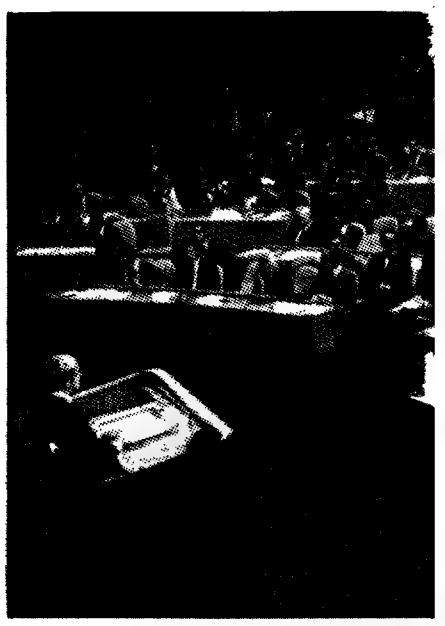
«Bebé-alumínio» se pode chamar a este recém-nascido. Fruto de um parto prematuro, teve de ser transportado da maternidade para um serviço de urgência especial para casos como o seu. Para lhe conservarem a temperatura do corpo, os médicos decidiram embrulhá-lo numa folha e alumínio. Assim chegou são e salvo ao seu destino. O caso passou-se num hospital de Hamburgo, na RFA. (Foto Keystone)

O Salão Automóvel em Paris apresenta, como sempre, grandes novidades. Uma delas é este carro aparentemente transparente, mas cuja única particularidade é ter a carrosseria pintada de modo a dar a ilusão de transparência. Se o corpo feminino pintado no carro é falso, o mesmo não se passa com o rosto, que pertence a uma jovem de carne e osso. (Foto Keystone)

O documento final adoptado pela Décima Sessão Extraordinária das Nações Unidas para o Desarmamento proclamou a semana que começa hoje, 24 de Outubro, dia da fundação das Nações Unidas, como a semana dedicada a promover os objectivos do desarmamento.

Essa Sessão Extraordinária, na qual se destacou a participação de Portugal através da presença do Presidente da República, como um dos oradores do Plenário da Assembleia, decidiu também que os Governos e os órgãos de informação deveriam dar prioridade à preparação e distribuição de material escrito e audiovisual que ponha em destaque os perigos da corrida aos armamentos, bem como os esforços e as negociações que se têm vindo a realizar na esfera dos armamentos e os êxitos alcançados em alguns campos específicos deste tema.

Este comunicado contém um resumo do Documento Final assim como os antecedentes dessa Sessão Extraordinária e alguns dados importantes relacionados com a mesma.



O dia das Nações Unidas e o problema do desa

Introdução

Em Dezembro de 1976 a Assembleia Geral decidiu convocar uma sessão extraordinária em 1978 que se ocupasse exclusivamente do problema do desarmamento. A continuação da corrida aos armamentos, declarou a Assembleia no preâmbulo da sua resolução, «põe em perigo a paz e a segurança internacionais e também desvia largos recursos necessários, com toda a premência para o desenvolvimento económico e social». A Assembleia Geral exprimiu a convicção de que «a paz pode ser assegurada» através de medidas conducentes à realização do objectivo final – o desarmamento geral e completo sob um eficaz controlo internacional.

A Décima Sessão Extraordinária começou em Nova Iorque a 23 de Maio de 1978 e ao longo de cerca de três semanas a Assembleia Geral ouviu os pontos de vista de 126 Estados membros sobre o problema do desarmamento, incluindo várias sugestões de medidas específicas a serem tomadas. Entre os oradores estavam quatro chefes de Estado, 16 primeiro-ministros, quatro vice-presidentes e vice-primeiros-ministros e quarenta e nove ministros dos Negóciso Estrangeiros e os directores de dois organismos especializados das Nações Unidas – a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Além disso, numa atitude sem precedentes, a Assembleia deu a palavra aos representantes de 25 organizações não-governamentais e a seis instituições de investigação.

Petições assinadas por dezenas de milhões de pessoas, pedindo a adopção de medidas que puzessem fim à corrida aos armamentos, foram entregues na Sede das Nações Unidas durante a Sessão Extraordinria e depositadas nos seus arquivos.

Enquanto declarações de índole política se faziam nas sessões plenárias da Assembleia, um «Comité Ad-Hoc» composto por todos os membros das Nações Unidas reuniu-se para tratar dos itens que faziam parte da agenda. O documento que serviu de base para o trabalho foi um texto redigido por um Comité Preparatório, que realizou cinco sessões ao longo de 1977 e princípios de 1978.

Depois de um mês de negociações que se prolongaram muitas vezes pela noite, chegou-se a um acordo no «Comité Ad-Hoc» sobre o texto de um Documento Final da Décima Sessão Extraordinária. Esta sessão estendeu-se para além da data programada para o seu encerramento, 28 de Junho, de modo a permitir a conclusão das negociações. A Assembleia aprovou o Documento Final e encerrou a sua sessão extraordinária numa reunião de oito horas, que terminou às 02.29 horas de 1 de Julho.

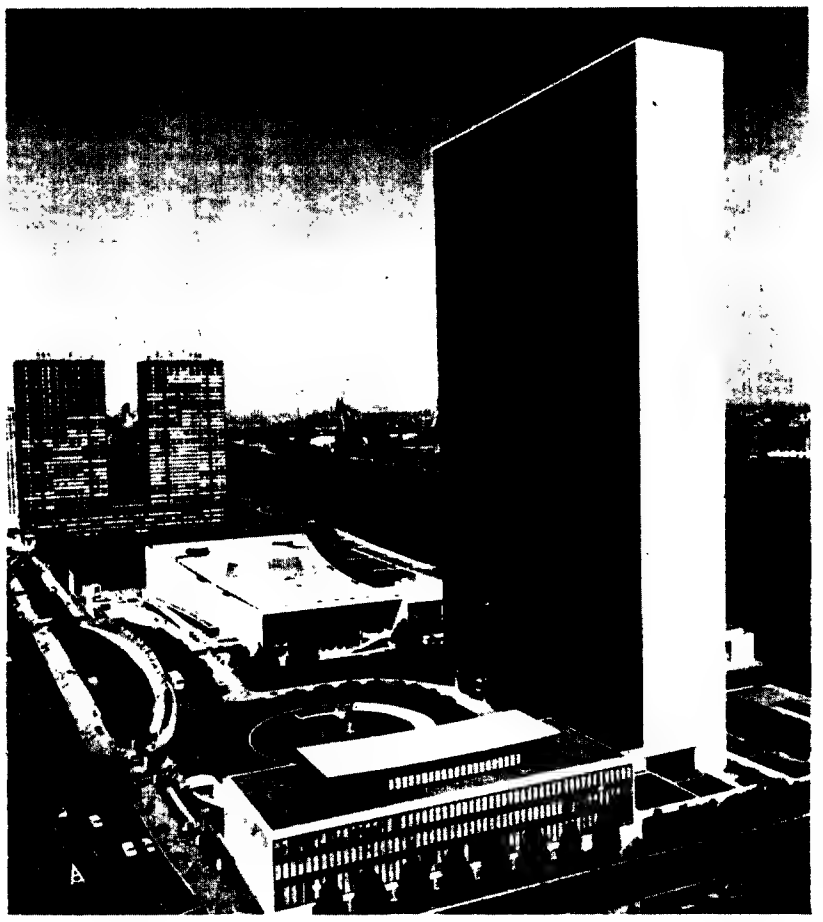
O Presidente da Assembleia, Lazar Mojsov (Jugoslávia), resumindo os resultados da sessão extraordinária, declarou que sem dúvida não se tinha conseguido alcançar um resultado extraordinário no respeitante à suspensão da corrida aos armamentos. Mas, finalmente, se tinha traçado um novo rumo e aberto novas vias a futuras negociações. O fortalecimento do mecanismo de negociações para o desarmamento internacional tinha sido o tema principal examinado na Sessão Extraordinária, afirmou o Presidente, e considerou as decisões nesss campo como «realizações importantes e históricas».

O Secretário-Geral, Kurt Waldheim, sublinhou «avanços consideráveis» em novas ideias, novas perspectivas e áreas de consenso recém-alargadas, tudo isto traduzindo-se, em termos práticos, em progressos no mecanismo de desarmamento, e apercebeu-se da existência de «um clima de maior compromisso político» entre os Estados membros ao mais alto nível governamental para prosseguir com um desarmamento efectivo.

Resultados da sessão – o documento final

O Documento Final da Décima Sessão Extraordinária da Assembleia Geral contém 4 secções: Introdução, Declaração, Programa de Acção e Mecanismo. Segue-se um breve resumo de cada secção.

A **Introdução** assinala: «Os Estados procuraram manter durante muito tempo a sua segurança através da posse de armas... contudo a acumulação de armas, particularmente armas nucleares, constitui hoje muito mais uma ameaça do que uma protecção para o futuro da Humanidade». «Chegou a altura» – afirma – «de abandonar o uso da força nas relações internacionais e procurar segurança no desarmamento... através dum processo gradual e efectivo que comece pela redução do nível actual de armamentos».



A corrida aos armamentos não está a diminuir, mas sim a aumentar, e ultrapassa de longe os esforços para a refrear, continua a Introdução. Chegou-se a alguns acordos, embora limitados, mas medidas efectivas para suster a corrida aos armamentos nucleares e conseguir o desarmamento nuclear continuam a escapar ao esforço do Homem. Do mesmo modo, não se verificou nenhum progresso real quanto a um tratado sobre desarmamento geral e completo sob um controlo internacional efectivo, e não tem sido possível desviar qualquer quantia, ainda que modesta, dos enormes recursos desperdiçados na corrida aos armamentos, para fins de desenvolvimento económico e social.

Na **Declaração,** a Assembleia Geral adverte que, «nos nossos dias, a Humanidade confronta-se com uma ameaça sem precedentes de autodestruição, que surge da acumulação maciça e competitiva das armas mais destruidoras que já foram fabricadas». Os arsenais de armas nucleares já existentes são, por si só, mais do que suficientes para destruir toda a vida na Terra.

A corrida aos armamentos, afirma a Assembleia, anula todos os esforços para se atingir um desanuviamento da tensão internacional, para estabelecer relações internacionais baseadas na coexistência pacífica e na confiança e para desenvolver uma mais ampla cooperação e entendimento. Além disso, a corrida aos armamentos impede a realização dos objectivos da Carta das Nações Unidas, afecta desfavoràvelmente os direi-

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL, INDALECIO LIEVANO

O Dia das Nações Unidas comemora hoje mais um aniversário da ratificação da Carta. Faz trinta e três anos que a nossa Organização começou a desempenhar as funções decisivas que lhe foram atribuídas pelos seus fundadores. Este dia é, pois, uma boa ocasião para recordar os nossos propósitos, reafirmar os princípios que nos guiam e outorgar-lhes o nosso apoio.

Como organização verdadeiramente universal que é, as Nações Unidas representam ideais e projectos comuns a todos os países, grades e pequenos, sem distinção de ideologias ou sistemas sociais. Do êxito das suas tarefas depende a própria sobrevivência da espécie humana.

Ainda que os sentimentos de fraternidade e o desejo de paz tenham sempre existido em todos os povos, só na nossa época se estabeleceu um mecanismo, de âmbito universal, dedicado a acabar com a guerra, garantir a justiça internacional e promover o progresso.

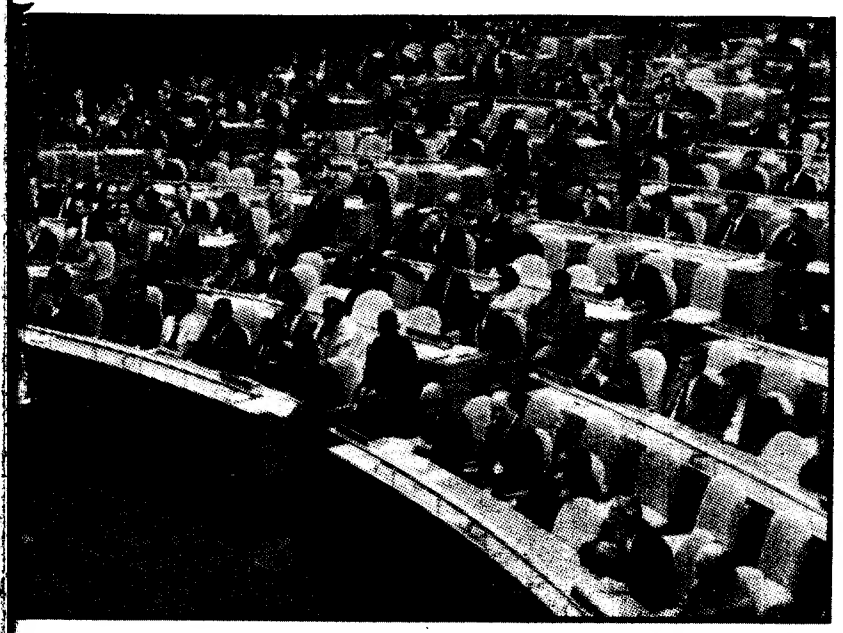
Não é de estranhar que as Nações Unidas tenham surgido na altura em que terminou a guerra mais devastadora de todos os tempos e que o seu nascimento tenha coincidido com o aparecimento das armas atómicas. Desde a invenção do fogo, da gadanha e da lança, os homens não pararam de acumular conhecimentos para construir e para destruir, para curar ou para matar. A época em que vivemos caracteriza-se por um avanço sem precedentes nas descobertas da ciência e da tecnologia. Com as armas já acumuladas, a vida à superfície do planeta pode tornar-se impossível. Por outro lado, também é possível, com os conhecimentos e recursos que agora possuímos, acabar com a miséria, a fome e a ignorância no mundo.

Para isso, é necessário resolver o problema central da nossa era: o das grandes desigualdades criadas pelas relações injustas entre as nações.

Além de acabar com a violência e fazer com que prevaleçam o direito e a tolerância nas relações internacionais, devemos dar prioridade à construção de uma nova ordem económica internacional, mais justa e eficiente do que a actual.

Com as somas imensas que diariamente são gastas para preparar a guerra, promovamos o desenvolvimento, que é sinónimo de paz. Utilizemos a imaginação dos cientistas e o trabalho dos técnicos para vencer a doença, purificar o ambiente, construir casas e escolas, assegurar a abundância de alimentos e proporcionar a todos a possibilidade de viver dignamente. É com base no desenvolvimento económico e social que se garante e aumenta o gozo dos direitos humanos.

Este mundo, sem as discriminações nem as desigualdades criadas por instituições e práticas impostas pelos poderosos do momento, é o mundo consagrado pela Carta das Nações Unidas. É o mundo que se procura construir nos debates, nas negociações, ao longo da marcha desta grande Organização. Para que as Nações Unidas tenham êxito e os seus ideais prevaleçam, é vital o papel da opinião pública mundial. O Dia das Nações Unidas é uma ocasião propícia para solicitar o apoio dos povos a uma Organização consagrada a eliminar a injustiça no seio das relações entre os Estados e a assegurar a paz. ■



rmamento

tos dos povos de determinarem livremente os seus sistemas de desenvolvimento social e económico e dificulta a luta pela autodeterminação e pela eliminação da dominação colonial, racial e estrangeira. A Assembleia adverte que a enorme acumulação de armamento por parte de regimes racistas e a sua possibilidade de aquisição de armas nucleares constitui um obstáculo cada vez mais perigoso ao desenvolvimento.

A Assembleia chama a atenção para a relação estreita, num mundo de recursos limitados, entre o que se despende em armamento e o desenvolvimento social e económico, declarando que «as centenas de biliões de dólares gastos anualmente no fabrico ou no aperfeiçoamento de armas, constrastam, sombria e dramaticamente, com as carências e a probreza em que vivem dois terços da população mundial». Ainda mais grave é o desvio, para fins militares, de recursos técnicos e humanos, cuja necessidade é urgente para o desenvolvimento em todos os países em geral, e particularmente nas nações em vias de desenvolvimento.

Até agora, não se alcançou nenhum progresso real no que respeita à redução de armamento, assinala a Assembleia, embora «algumas modificações positivas nas relações internacionais nalgumas partes do mundo constituam um estímulo» e se tenham concretizado alguns acordos para limitar ou eliminar certas armas e excluir áreas específicas da corrida aos armamentos. Mas estes acordos dizem respeito, apenas, a medidas de restrição limitadas, enquanto que a corrida aos armamentos continua. «A necessidade premente, agora, é traduzir em termos práticos as cláusulas deste Documento Final e prosseguir com os acordos internacionais efectivos no campo do desarmamento.»

Ao estabelecer os «princípios fundamentais» para orientar as negociações e medidas a adoptar para o desarmamento, a Declaração sublinha a importância de fazer cessar as ameaças contra a soberania e a integridade territorial de qualquer Estado ou contra povos sob dominação colonial ou estrangeira. Foram também acentuadas a não-intervenção em assuntos internos, a inviolabilidade das fronteiras e a decisão pacífica de disputas.

Outros princípios são os seguintes: todas as nações têm o direito de participar nas negociações sobre desarmamento; enquanto que o desarmamento é da responsabilidade de todos os Etados, as potências nucleares têm a responsabilidade primordial do desarmamento nuclear e de deter e inverter a corrida aos armamentos; as medidas tendentes ao desarmamento devem assegurar o direito de cada Estado à segurança e também garantir que nenhum Estado ou grupo de Estados obtenha vantagens sobre os outros; e os acordos devem conter medidas adequadas de controlo.

O **Programa de Acção** estabelece objectivos e prioridades, assim como medidas imediatas e a curto prazo para deter e inverter a corrida aos armamentos. As prioridades nas negociações são as seguintes: armas nucleares; outras armas de destruição maciça, incluindo armas químicas, armas convencionais, incluindo qualquer arma considerada excessivamente prejudicial ou tendo efeitos indiscriminados; e redução das forças armadas. Alem disso, o Programa afirma que nada deverá impedir que os Estados possam, simultaneamente, conduzir negociações sobre todos os objectivos prioritários.

O Programa alude ao facto de a maneira de se atingir o desarmamento nuclear ser através de negociações prementes de acordos, tendo em vista: o cessar do aperfeiçoamento qualitativo e do desenvolvimento dos sistemas de armas nucleares; o cessar da produção de todo e qualquer tipo de armas nucleares e sistemas de lançamento e envio e o fim da produção de material capaz de desintegração, para fins militares; e um amplo programa a realizar por etapas, para a redução progressiva e equilibrada do armazenamento de armas nucleares e sistemas de lançamento e envio, que conduza à sua total eliminação o mais cedo possível

O Programa apela para a conclusão urgente das negociações em curso sobre um tratado de proscrição de experiências nucleares, acompanhado dum protocolo relativo às explosões nucleares para fins pacíficos. O cessar de todas as experiências com armas nucleares, afirma, seria uma contribuição significativa para pôr fim ao aperfeiçoamento qualitativo de tais armas.

Solicita-se com insistência à União Soviética e aos Estados Unidos que concluam um acordo na segunda série de conversações para a limitação de armas estraté-

6

O DESARMAMENTO

A questão do desarmamento geral e completo foi colocada na ordem de trabalhos da Assembleia Geral das Nações Unidas e tem sido objecto de discussão e resoluções desta organização mundial, a partir de 1959. Os Estados membros da ONU debruçaram-se particularmente sobre a corrida às armas de destruição massiva, armas que, em relação às armas tradicionais, têm efeitos incomensuráveis e indeterminados. Entre as armas de destruição massiva até hoje conhecidas, contam-se as armas nucleares (bombas atómicas, de hidrogéneo e de neutrões), as armas químicas e as armas bacteriológicas.

As convenções internacionais que mais adiante mencionaremos foram aprovadas pela maioria esmagadora dos Estados membros das Nações Unidas e especialmente impulsionadas pelos Estados socialistas.

Estas convenções constituíram um importante ponto de partida e, ao mesmo tempo, um encorajamento à luta pela realização de outras iniciativas que têm por fim a completa cessação da corrida aos armamentos e que se concretizaram em passos importantes em direcção ao desarmamento.

Devem ser referidas, neste contexto, as negociações de Viena sobre a redução mútua das forças armadas e dos armamentos na Europa Central; as conversações entre os Estados Unidos e União Soviética sobre a limitação das armas estratégicas (acordos SALT) e a acção do Comité de Genebra sobre o desarmamento, que ultimamente se tem debruçado particularmente sobre a interdição das armas químicas.

As negociações entre a URSS e os EUA sobre a limitação das armas estratégicas têm por objecto conseguir um acordo sobre a limitação qualitativa e quantitativa da corrida aos armamentos nucleares.

No Outono de 1977, a XXXII Assembleia Geral da ONU examinou atentamente todos os problemas ligados ao desanuviamento militar e tomou decisões concretas para a realização de uma sessão especial da ONU consagrada ao desarmamento, sessão essa que há muito vinha a ser exigida pela opinião pública mundial e pelo Conselho Mundial da Paz: a 10.ª sessão extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o desarmamento, realizada de 23 de Maio a 1 de Julho deste ano.

Convenções internacionais até hoje assinadas sobre a cessação da corrida aos armamentos e sobre o desarmamento:

Tratado sobre o Antártico – Assinado em Washington, no dia 1 de Dezembro de 1959, ratificado por 19 Estados. Declara este território destinado apenas a fins pacíficos, sendo interditos nele quaisquer apoios ou bases militares, realização de manobras militares e experiências de qualquer arma, seja qual for.

Tratado sobre a interdição de ensaios militares na atmosfera, no expaço extra-atmosférico e sob a água – Assinado em Moscovo em Agosto de 1963, ratificado por 106 Estados. A França e a China ainda não o ratificaram. Proibe a realização de experiências nucleares na atmosfera, no espaço extra-atmosférico e sob a água (compreendendo as águas territoriais e o alto mar).

Tratado sobre os princípios que devem reger as actividades dos Estados em matéria de exploração e de utilização do espaço extra-atmosférico, compreendendo a Lua e os outros corpos celestes – Assinado em Moscovo, Londres e Washington, no dia 27 de Janeiro de 1967. Ratificado por 71 Estados. Este tratado proíbe a colocação de suportes de armas nucleares e de outras armas de destruição massiva nó espaço à volta da Terra; o armazenamento de tais armas noutros corpos celestes; o estacionamento, seja sob que forma, de qualquer daquelas armas no espaço extra-atmosférico e de nele instalar bases ou instalações militares, fazer experiências de tipos de armas ou proceder a manobras militares.

Tratado sobre a interdição de armas nucleares na América Latina (Tratado de Tlatelolco) – Assinado em 14 de Fevereiro de 1967, ratificado por 20 Estados. Potências nucleares potenciais como são o Brasil e a Argentina não fazem parte deste tratado. Proíbe a experiência, a utilização, a fabricação e o acesso às armas nucleares a todos os países da América Latina, assim como o recebimento, o armazenamento, a instalação ou qualquer outra forma de posse de tais armas.

Tratado sobre a não disseminação de armas nucleares – Assinado em Moscovo, no dia 1 de Julho de 1968, ratificado por 98 Estados, não tendo aderido a este tratado, entre outros, a China, a França, Israel e Brasil. Proibe a transferência de armas ou de explosivos nucleares, a produção ou qualquer outra forma de acesso a estas armas por parte dos Estados que não se contam entre as grandes potências nucleares. Este tratado contém os princípios para o controlo pela Agência Internacional de Energia Atómica e para a utilização da energia nuclear para fins pacíficos.

Tratado sobre a interdição do estacionamento de armas nucleares e de outras armas de destruição massiva sobre o fundo dos mares e dos oceanos assim como nos seus subsolos – Assinado em Moscovo, a 11 de Fevereiro de 1971, ratificado por 58 Estados, mas ainda não aderiram a este tratado a China, a França, o Brasil, o Chile, a Argentina... Proibe o estacionamento de armas nucleares ou outros tipos de armas de destruição massiva, de rampas de lançamento ou outras instalações destinadas especialmente para o armazenamento, a preparação de ensaios ou utilização de tais armas, sobre o fundo dos mares e dos oceanos e nos seus subsolos.

Convenção sobre a interdição da preparação para a produção e armazenamento de armas bactriológicas-biológicas e tóxicas e sobre a sua destruição – Assinada em Moscovo, Londres e Washington no dia 10 de Abril de 1972, ratificada por 64 Estados, assinada por mais de 100 Estados, não aderiram a esta convenção, entre outros, a China e a França. Conseguiu-se, através desta Convenção, proibir inteiramente, pela primeira vez, um determinado tipo de armas de destruição massiva.

Convenção sobre a proibição de utilizar técnicas de modificação do ambiente com fins militares ou quaisquer outros fins hostis – Assinada em 1976.

A necessidade do desenvolvimento de relações entre a União Soviética e os Estados Unidos sobre a base de uma política de coexistência pacífica é já, actualmente, um facto que não suscita dúvidas entre as forças progressistas e amantes da paz. Vários esforços têm sido feitos nesse sentido e, assim, após longos preparativos diplomáticos, as conversações sovieto-americanas sobre a limitação de armas estratégicas foram iniciadas em 17 de Novembro de 1969, em Helsínquia.

As conversações bilaterais entre os Estados Unidos e a União Soviética são marcos da maior importância na luta pela cessação da corrida aos armamentos e pelo desarmamento.

São os seguintes os tratados até hoje assinados entre os EUA e a URSS:

Acordo provisório sobre algumas medidas a tomar no domínio da limitação das armas estratégicas ofensivas – Assinado em Moscovo, no dia 26 de Maio de 1972. Este acordo limita as forças equipadas de mísseis estratégicos dos dois Estados pelo período de cinco anos.

Tratado sobre a limitação dos sistemas de defesa antifoguetões – Assinado em Moscovo no dia 26 de Maio de 1972.

Acordo sobre a prevenção de uma guerra nuclear – Assinado em Washington em 1973 e entrado em vigor no mesmo ano. Este acordo não tem limite de data e prevê que as duas partes façam tudo o que esteja ao seu alcance para evitar confrontações militares e impedir o desencadeamento de um conflito nuclear entre elas e entre cada um destes países e outros.

Tratado sobre a limitação de ensaios nucleares subterrâneos – Assinado em Moscovo em 3 de Julho de 1974. Proibe os ensaios nucleares subterrâneos, que ultrapassam uma potência de 150 kt. Uma convenção complementar que regula a questão das explosões nucleares subterrâneas para fins pacíficos, foi assinada em Maio de 1976 entre os dois Estados.

Laura Lopes

UM PAPA POLACO: COMO E PORQUÊ?

Não é fácil tentar explicar racionalmente a eleição de um Papa e muito menos quando o escolhido é um polaco. Primeiro, pelo sigilo quase impenetrável que rodeia a assembleia mais secreta do mundo. Depois, convenhamos: votar num cardeal vindo de um país da Europa de leste pode ser considerado quase como uma revolução.

Entretanto, dois factores importantes podem ajudar a ser encontrada uma explicação para o facto: a internacionalização do Sacro Colégio, que passou de 83 eleitores na eleição de Paulo VI para 111 na eleição de João Paulo I, havendo no primeiro caso 16 representantes do Terceiro Mundo e, no segundo, 42, e a personalidade do cardeal Karol Wojtyla, muitas vezes classificado como «um cidadão de Roma por adopção».

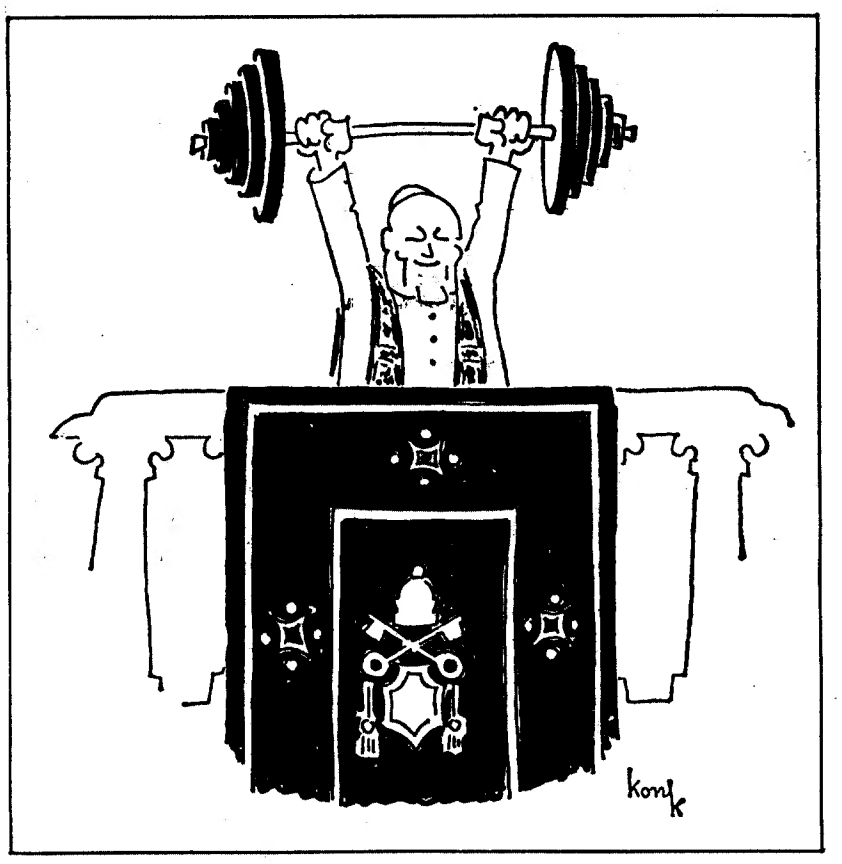
Não se pode afirmar categoricamente que foi a acção conjugada dos cardeais do Terceiro Mundo que inflectiu e escrutínio para o resultado conhecido (o primeiro Papa estrangeiro desde 1522), mas é possível escrever que este factor teve um papel determinante na escolha de Wojtyla.

As especulações de quem acompanhou o assunto de perto, como Jean-Anne Chalet, da France Presse, apontam para a seguinte e perfeitamente viável evoluções: nas primeiras quatro voltas do escrutínio, ainda no domingo, os votos dispersaram-se entre os vários «papabili» italianos que representavam tendências diferentes. Os partidários de um papa «forte e autoritário» que «segurasse a Igreja nas mãos» esbarraram com os defensores de um pontífice pastoral e conciliador. Não se estabeleceu uma maioria mas em cada votação há um cardeal estrangeiro que reúne um número apreciável de votos. O seu nome era Karol Wojtyla. A partir da quinta volta o seu número de votos aumenta, mas ainda de maneira insuficiente, com alguns cardeais vacilantes quanto ao passo histórico que está para ser (e foi) dado. A partir deste momento, o observador atento é forçado a acreditar que a maioria foi estabelecida na oitava volta, com o arcebispo de Cracóvia a obter plo menos, 75 dos 111 votos em disputa.

Quem votou a seu favor? Nunca se saberá. Contudo, ficou claramente provado que a Igreja contemporânea tem correntes opostas, senão contraditórias, no seu seio.

Entretanto, há quem diga que o cardeal Karol Wojtyla é agora João Paulo II devido à desunião dos cardeais italianos. Aliás, esta opinião pode encontrar certa confirmação nos comentários da Imprensa que foram resumidos assim por um diplomata da península: «Os italianos não conseguiram entender-se. Pior para eles». Ao mesmo tempo, o «ex-papabile número 1», cardeal Giovanni Bannelli, reconheceu à «Gazzetta del Popolo» que «eles não conseguiram fazer convergir para um italiano os votos necessários à sua eleição». O arcebispo de Florença recusou-se a responder se o nome do cardeal Wojtyla tinha suscitado uma quase unanimidade dos votos e não se esqueceu de lançar uma piada ao «ex-papabile número 2», cardeal Siri, que deixou o Conclave com um visível mau humor e dizendo que «não se lembra do discurso do Papa», pronunciando apenas meia hora antes. As divergências entre os italianos foram também confirmadas pelo brasileiro Brandão Vilela e os cardeais Sidarouss (Egipto), Roy (Canadá) e Rossi (Brasil) revelaram que o nome de Karol Wojtyla tinha aparecido bruscamente, registando avanços à medida que as votações prosseguiam.

Pelo seu lado, a Imprensa italiana não vacilou em atribuir o principal mérito da eleição de João Paulo II aos cardeais da Alemanha e da América Latina, esses, em conjunto. ■



O DIA DAS NAÇÕES UNIDAS

5

gicas (SALT II) e que prossigam as negociações para a limitação e a redução considerável de armas estratégicas.

Deve ser estimulado o estabelecimento de áreas livres de armas nucleares, continua o texto. Entre as medidas denominadas como «especialmente desejáveis» neste campo, estão a aplicação integral do Tratado de 1967 para a Proscrição de Armas Nucleares na América Latina; a intervenção do Conselho de Segurança, sempre que necessária, para impedir que o objectivo de uma África desnuclearizada seja frustrado; e a tomada em consideração de medidas que tenham como meta a criação de uma zona desnuclearizada no Médio Oriente.

Exigem-se medidas que impeçam a proliferação de armas nucleares. Neste caso, a finalidade é evitar o aparecimento de qualquer novo Estado com armas nucleares, e ao mesmo tempo reduzir e eventualmente eliminar as armas nucleares. Mas tais medidas não devem prejudicar o desenvolvimento da energia atómica para fins pacíficos.

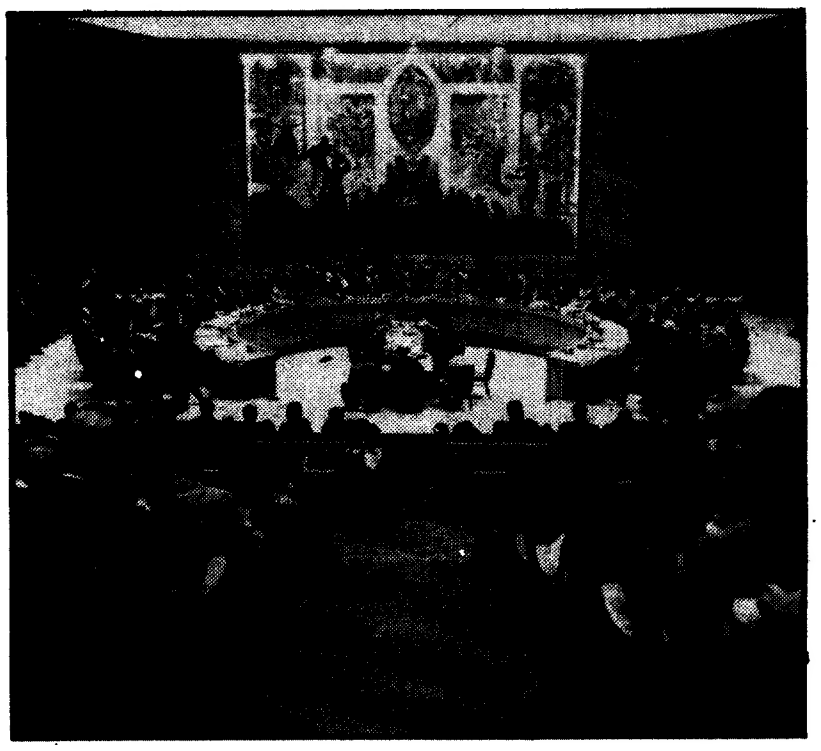
Outras medidas propostas incluem a conclusão de tratados que proíbam o desenvolvimento, produção e armazenamento de armas químicas e radiológicas; esforços para impedir o aparecimento de novos tipos de armas de destruição maciça com base em novos princípios e descobertas científicas; a limitação e a redução gradual das forças armadas e de armas convencionais, particularmente na Europa; conferências entre os grandes fornecedores de armamento e os países importadores, tendentes a limitar todos os tipos de transferências internacionais de armas convencionais; redução gradual dos orçamentos militares numa base aceite mutuamente; e novos estudos sobre o problema do controlo.

Tabém se requer um estudo técnico sobre a relação entre desarmemento e desenvolvimento, e que seja dada continuação ao estudo da inter-relação entre desarmamento e segurança internacional.

A secção sobre **Mecanismo** declara que não se obtiveram resultados adequados com o mecanismo em vigor. «Há, portanto, necessidade urgente de revitalizar o actual mecanismo do desarmamento e de instituir foros adequados para as deliberações e negociações sobre desarmamento, com um carácter mais representativo –, declara. Para obter a máxima eficácia, são necessárias duas espécies de organismos no campo do desarmamento; o deliberativo e o de negociações. Todos os Estados Membros devem estar representados no primeiro, enquanto que o segundo, por razões de eficácia, deve ter um número limitado de membros.»

Consequentemente, a Assembleia:

Estabeleceu, como órgão deliberativo, uma Comissão de Desarmemento composta por todos os membros das Nações Unidas;



Acolheu de bom grado as novas disposições para ampliar a participação no órgão de negociações existentes – o Comité de Desarmamento – e para lhe dar uma presidência rotativa, assim como uma relação mais estreita com as Nações Unidas.

A Comissão de Desarmamento substitui um organismo com o mesmo nome estabelecido pela Assembleia Geral em 1952. A actual Comissão, que se reunirá pela primeira vez em 1979, irá dar o seu parecer sobre vários problemas de desarmamento e levar avante o trabalho da sessão extraordinária. Cabe-lhe também a tarefa de recomendar um programa amplo sobre o desarmamento, a ser submetido, através da Assembleia Geral, ao Comité de Desarmamento.

As novas disposições referentes ao Comité de Desarmamento, o qual se tem vindo a reunir em Genebra desde 1962, tiveram origem num acordo celebrado pela União Soviética, os Estados Unidos, Reino Unido e França. A França tinha anteriormente declinado o convite para tomar parte nas negociações do Comité.

Actualmente, fazem parte do Comité de Desarmamento 31 Estados. O Comité funciona sob a presidência conjunta da União Soviética e dos Estados Unidos. De acordo com a nova reorganização, o Comité está aberto à participação de todos os Estados detentores de armas nucleares e a 32-35 outros Estados, a serem escolhidos em consulta com o Presidente da Assembleia, Mojsov. Os seus membros devem ser revistos a intervalos regulares, e a presidência deve rodar mensalmente entre todos os seus membros. A ligação entre o Comité reconstituído e as Nações Unidas faz-se através de um processo no qual o Secretário-Geral, após consultar o Comité, designa o seu Secretário qual actuará também como representante pessoal do Secretário-Geral.

A sessão sobre Mecanismo também pede: uma segunda sessão extraordinária da Assembleia Geral sobre desarmamento, a ser convocada numa data a decidir posteriormente em 1978; a convocação, em data mais próxima e conveniente, de uma conferência mundial sobre desarmamento com participação universal; e a nomeação, pelo Secretário-Geral, de uma junta consultiva constituída por pessoas eminentes, para o assessorar nos estudos a serem realizados no campo do desarmamento e da limitação de armamentos, incluindo a elaboração de um programa dos referidos estudos. ■

OS SHERPAS HERÓIS DA MONTANHA

■ Bthatt «Shailesh»

CORREIO DA ÍNDIA

Sem os Sherpas, a saga do Evereste ficaria imcompleta. Não há expedição importante aos grandes cumes do Himalaia que possa ser empreendida sem eles. Alpinistas indianos e estrangeiros são unânimes em reconhecer o papel essencial dos Sherpas. «Se Deus não tivesse criado os Sherpas o monte Evereste nunca teria sido conquistado» - diz M.S. Kholi, o chefe da expedição indiana que atingiu aquele cume.

Os Sherpas vivem na fronteira nepalp-tibetana. São de raça mongol. A sua língua, a sua cultura e a sua religião não diferem das dos tibetanos. Pertencem ao clã dos Bhorias e viveram sempre na parte norte do Nepal, em Solo-Khumbu e Farak. No Tibete, Sherpa pronuncia-se «shar-pa» e significa «aquele que vem do Leste», porque o território sherpa fica a leste do Tibete.

Os Sherpas são budistas. Os seus templos, denominados **boche,** ressoam com o canto de **Om mani-padme hum.** Aqueles que velam pelos amplos respondem pelo nome de **choukumba** ou **chorpain** .Crêem na filosofia da virtude **(sonam)** e do vício **(digva)** e são muitos respeitadores da lei. O chefe da aldeia é respeitado por todos e a base da administração comunitária repousa no costume.

FILHOS DA NEVE

Os Sherpas amam ardentemente a dança e a música, fundamentos da sua vida social. Homens, mulheres e crianças todos participam nas danças da comunidade. As suas três maiores festas são associadas às estações do ano. A festa da Primavera, **solaha,** celebra-se em Junho. Como o seu território fica situado a altíssimas altitudes (de 3000 a 6000 metros) a Primavera chega tarde. Toda a população enverga trajes e a comunidade organiza uma festa. As aldeias, os vales e os campos de pastagem tudo desperta em uníssono com a força vital que de novo vibra. Uma bebida tradicional, de fabrico caseiro, **chaang,** é oferecida gratuitamente a todos quantos aparecem. A alegria e a despreocupação são o tom desta festa.

A festa do Outono ocorre daí a quatro meses. Também nesta festa **(yard-jang)** são a música e a dança que estão no centro das comemorações. Depois vem a **tanlaha,** que corresponde à **diwali** indiana, ou festa da luz. É a terceira grande festa do ano.

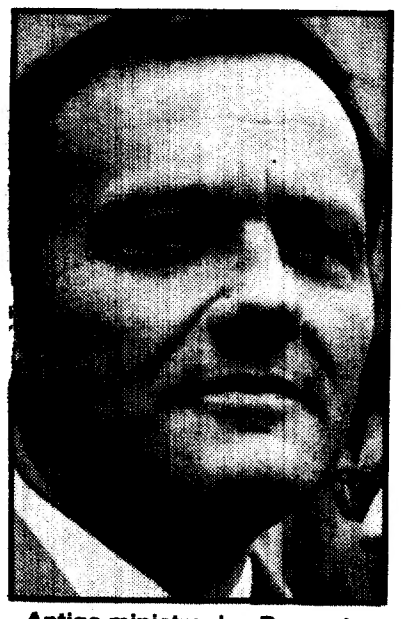
Os Sherpas são verdadeiros filhos da neve. As crianças nascem ante o cenário imponente dos altos cumes cobertos de neve, os quais lhes provocam uma irresístivel fascinação. Aspiram assim a explorar os mistérios da neve, e a sua imaginação é alimentada por histórias sobre a **Chomolungma,** palavra com que os Sherpas designam o Evereste (deusa da terra).

O território dos Sherpas, que abrange três distritos do Nepal chama-se Solo-Khumbu. Entre as aldeias importantes citemos Pangboche, Thyangboche, Nauje (Namche Bazar), Khoomjung e Thami Chowk. De todas as localidades citadas, Namche Bazar é a mais imponente, não só pela sua opulência mas também pela importância do seu comércio. É um grande centro de atracção para todos os Sherpas, que completam os lucros da agricultura com pequenas trocas comerciais. Cultivam milho e batatas nos campos em anfiteatro das suas aldeias.

As aldeias encontram-se cerca de 4 mil metros de altitude.

No Verão os Sherpas emigram para pontos ainda mais altos, chegando aos 6 mil metros ou ainda mais acima. Ali pastoreiam os iaques. As suas habitações de Verão chamam-se **yarsas,** e as de Inverno, **gunsiya.** Estas são situadas na encosta das montanhas.

A população não observa nenhum rito matrinomial rígido. As relações sexuais pré-maritais não são tabu e ninguém se lembra de censurar os encontros amorosos. Pelo contrário os jovens têm toda a liberdade de se encontrarem nos campos.



Antigo ministro dos Desportos dum governo francês, Pierre Mazeaud, acaba de realizar uma proeza: escalar o Monte Evereste, inscrevendo, pela primeira vez, o nome dum cidadão francês na lita dos conquistadores do Tecto do Mundo.

O divórcio é coisa fácil. O amante leva ao marido uma soma de dinheiro que é uma espécie de dota e fica com a mulher. As crianças recebem muitas vezes os nomes dos dias da semana em que nascem: **Dawa, Mingma, Lhakpa, Phurba, Pasang, Pemba e Nima** (segunda-feira, etc.) . Há outros dois nomes próprios muito comuns: **Ang,** que significa meu querido, e **Lhamo,** que significa deusa.

Há muito, um certo número de Sherpas emigrou para Darjeeling em busca de ganha-pão. Hoje essa zona tornou-se uma segunda pátria para os Sherpas. Foi exactamente ali que eles entraram em contacto com os alpinistas, os quais se mostraram impressionados com o seu conhecimento das montanhas e o seu sentido de responsabilidade.

Em 1907 o dr. Kellas levou com ele alguns Sherpas na sua expedição ao Himalaia. Ficou estupefacto com a notável eficácia que eles demonstravam mesmo a grandes altitudes. Não se poupou a elogios e foi assim que os Sherpas se tornaram o centro de todas as conversações dos alpinistas.

CORAJOSOS E AMÁVEIS

Mas o capítulo glorioso dos alpinistas Sherpas começou em 1922. Gem Bruce, que nesse ano dirigiu a segunda expedição inglesa ao Evereste, fez o panegírico da coragem inigualável e da modéstia do Sherpa Chetan. Quando Norton, o famoso alpinista inglês, cegou devido à reverberação da neve, e ficou incapaz de continuar a ascensão, foi Chetan que o desceu pelo colo norte e lhe salvou a vida. Em 1930, Chetan ficou soterrado por uma avalancha, quando participava na expedição internacional do Kanchenjunga.

É impossível dar a lista completa dos Sherpas que sacrificaram a vida nesses cumes de neve perpétua, vizinhos do céu. Em 1922 sete dos Sherpas que acompanhavam a expedição do Evereste foram engolidos por uma avalancha. E em 1934, por altura da expedição do Naga Parvat, 15 deles morreram debaixo da neve. Um deles foi o sherpa Gayley que, sabendo embora a morte certa, se recusou a abandonar o chefe da expedição, Willy Merkl e ali ficou para sempre.

Quando a expedição internacional das mulheres se preparava para atacar o pico Cho-oyu em 1959 (pico esse que fica a cerca de oito mil metros de altitude) a chefe da expedição, senhora Clande Kagen, e o sherpa Wangdi ficaram esmagados por uma avalancha. Depois de lutar duramente contra a neve, o sherpa conseguiu libertar-se do túmulo de neve, e, durante três horas, fez esforços desesperados para salvar os outros, mas não o conseguiu.

Em 1954 uma expedição austríaca atacou o pico Cho-oyu, sob a direcção de Herbert Tichy. Na mesma autura uma expedição suíça, dirigida por Raymond Lambert, partia em direcção a Gaurishankar mas, no último minuto, desistiu dessa ideia e decidiu atacar também o pico Cho-oyu.

O sherpa Pasang Dawa Lama acompanhava a expedição austríaca. Quando soube que os suíços tinham a intenção de escalar o Cho-oyu prometeu a Herbert Tichy que, se não chegasse primeiro que os suiços ao cume cortaria a cabeça. Fiel à sua palavra, Pasang Dawa Lama partiu de Marlung, a quatro mil metros de altitude e atingiu o cume (a cerca de 8000 metros) daí a três dias. Isto parece um verdadeiro milagre. Quando soube da mudança de planos da expedição suíça encontrava-se em Marlung, perto de Namche Bazar, aonde se dirigira para reunir os víveres necessários. No primeiro dia atingiu o campo de base a 6000 metros; no segundo, atingiu o campo 4, a 7 mil metros, e, no terceiro, alcançou o cume na companhia de Herbert Tichy.

A proeza de Pasang Dawa Lama é um feito único na história da montanha. Todos os diários dos alpinistas estão recheados de feitos valorosos dos Sherpas. Abriram novos caminhos de abordagem, conquistaram cumes vertiginosos, e, em muitas ocasiões, arriscaram a vida (ou deram-na mesmo) para salvar outros alpinistas. A sua eficácia, a sua coragem inigualável, o seu espírito desacrificio merecem que a história do alpinismo lhes preste uma brilhante homenagem.

Os nomes de Tensing Norgay, Tharkay, Pasang Kikuli, Pasang Dawa Lama, Ang Tharkay. Norbu Tsiring, Nawang Gombu, Fou Dorji e Ang Tshering nunca serão esquecidos por aqueles que se rendem ao apelo emocionante do Himalaia. ■

SEMANA INTERNACIONAL

O PROJECTO

Dez dias de negociações na Blair House, em Washington, entre delegações do Egipto e de Israel, poderão levar o Médio Oriente para um novo impasse: um tratado de paz unilateral entre dois dos principais países da região, sem que problemas de fundo tenham sido resolvidos e com o Mundo Árabe ainda mais dividido. Depois de um início incerto, em que o fracasso era dado como inevitável, e de uma suspensão das conversações entre representantes dos dois governos, a segunda-feira trouxe uma surpresa. A agência MENA, do Médio Oriente, anunciava que tanto o Egipto como Israel estavam aparentemente prontos a assinar um acordo de paz e mais: a data da assinatura seria o próximo dia 19 de Novembro, quando se completar um ano da controvertida viagem de Anwar Sadat a Jerusalém. Este, pelo seu lado, já anunciou que recusará a sua assinatura se o texto do acordo permanecer tal como está. Entretanto, é de prever que mais do que uma posição esta declaração expressa outro arrufo do temperamental presidente egípcio e que não será por uma questão de forma que o acordo voltará para as gavetas norte-americanas, de onde saiu para ser ratificado com objectivos muito precisos que não se compadecem com tonitroantes manifestações de «independência».

O massacre

Novamente as tropas de Ian Smith reforçadas por largas centenas de mercenários voltam a atacar e massacrar vilas e aldeias além das suas fronteiras. Desta vez foi a vez da Zâmbia ser bombardeada e invadida pelas tropas racistas, poucos dias depois do seu presidente, Kenneth Kaunda, numa atitude mal recebida pelos países da Linha da Frente, ter aberto as fronteiras com a Rodésia. Os ataques à Zâmbia, onde estão os campos dos guerrilheiros da ZAPU (N'Komo) foram acompanhados por outros, de menor intensidade, a Moçambique, que obriga as tropas da ZANU (Mugabe), na mesma altura em que Ian Smith andava pelos Estados Unidos, onde funcionários norte-americanos e britânicos tentavam sentá-lo à mesa de negociações inclusive com representantes da Frente Patriótica. É claro que, se este encontro antes dos massacres já era difícil, agora tornou-se praticamente impossível. Pela sua parte, Josuha N'Komo já foi categórico: «Vamos atacar de uma forma como nunca fizemos antes».

As armas

Outra discrepância: enquanto em Moscovo, Cyrus Vance e Andrei Gromyko preparavam-se para iniciar mais um encontro em busca do acordo SALT II, o presidente norte-americano, James Carter, tomou uma decisão considerada «intermédia» e autorizou a produção de «elementos essenciais» para a fabricação da tão falada e contestada bomba de neutrões, deixando a produção desta arma ficar na dependência das «atitudes que a URSS tomar na Europa». Os tais «elementos essenciais» deverão, em princípio, ficar armazenados somente nos Estados Unidos. Entretanto, na NATO, a Holanda não foi nisso e já manifestou a sua «preocupação» sobre o facto.

Paralelamente, em Moscovo, Vance e Gromyko faziam constar aos quatro ventos o marcado optimismo com que encaravam os progressos alcançados na fase actual para a negociação do SALT II e as agências internacionais iam mais longe ao prever para dentro de três semanas uma cimeira Carter-Brejnev para a assinatura do tratado, em Washington.

O «Mau Filho»

Há anos atrás, quem não tinha muito que fazer passou dias a fio a acompanhar o «drama» de Soraia, a «imperatriz dos olhos tristes» abandonada pelo Xá do Irão por não lhe ter «dado» um filho homem que o sucedesse no trono. Agora, Soraia deve estar gozando imenso com a situação. O tal «filho homem», o príncipe herdeiro Reza Cyrus, «dado» ao Xá pela sucessora da primeira mulher, Farah Diba, pediu ao pai que abdicasse antes que os distúrbios que a cada dia que passa causam mais mortes no Irão se transformem numa guerra civil de difíceis previsões. Reza Cyrus, assustado com as tropelias do regime do outro Reza, o Pahlevi, seu pai e Xá, disse, em lágrimas, segundo o jornal alemão «Bild Zeitung»: «Abdica senão as desordens não cessarão. Eu sozinho poderei salvar a monarquia». É claro que o Xá disse que não. Quando nem o filho confia mais nele, Reza Pahlevi não pára e as mortes se sucedem. No fim-de-semana foram mais 15 e um grande número de feridos.

PELO MUNDO

FESTIVAL EM MANHEIM

Decorreu na cidade oeste-alemã de Manheim a 27.ª semana internacional do filme. Estiveram presentes filmes e documentários de 54 países da Europa, Ásia, e América Latina.

A cinematografia dos países socialistas europeus esteve amplamente representada. Além disso, houve uma rectrospectiva dos filmes realizados por jovens cineastae africanos e árabes.

OS SINDICATOS NOS ESTADOS UNIDOS

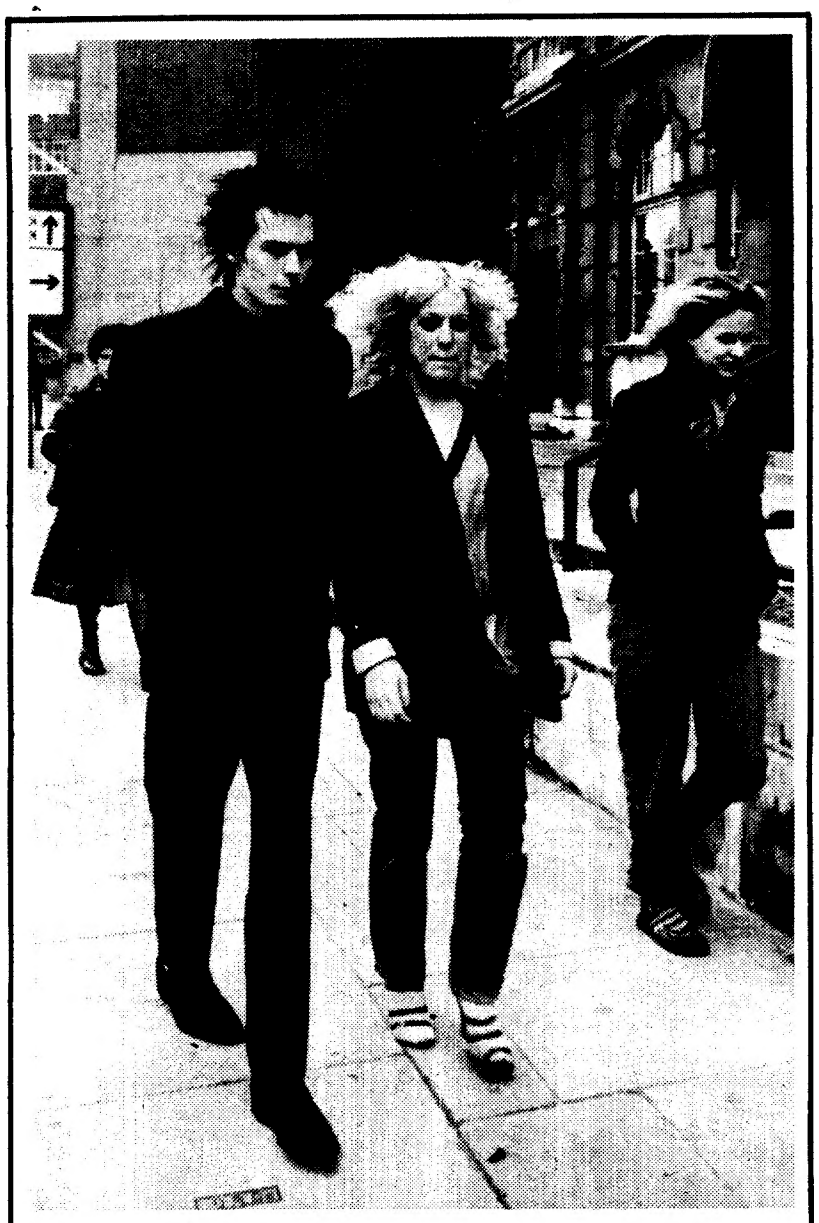
3

nimo esforço para ajudar este, apesar das tantas palavras proferidas desde o fim da Segunda Guerra em defesa da «sindicalização» do Sul. Um sindicato do mesmo ramo, o ILGWU (vestuário feminino) tem – uma política conservadora e está a perder muitos aderentes.

Luta de classes ou defesa da lei?

Aqueles que participam activamente no boicote, apoiando uma ou outra táctica, fazem-no em geral movidos por uma visão «legalista» das relações patrão-operário, entendendo que Stevens é condenável por não respeitar as leis vigentes. O Conselho Nacional das Igrejas, num opúsculo dedicado a esta questão (o qual é, sob certos aspectos, excelente) escreve que a controvérsia «saiu da esfera de uma simples disputa trabalhadores-entidade patronal para se colocar no campo das questões mais vastas de justiça social nas quais todos os americanos honestos têm a sua quota-parte de responsabilidade». E prossegue: «J. P. Stevens transformou esta disputa numa questão primária de justiça social para a sociedade americana, porque se recusou a seguir os normais processos legais que a nossa nação tem desenvolvido com vista à instauração da justiça nas relações entre trabalhadores e entidade patronal. Procedendo assim, o grupo pos em causa todo o equilíbrio de interesses e de poder que tem sido desenvolvido para garantir os direitos de todas as pessoas, numa economia industrial de iniciativa privada.»

Aqueles que têm uma visão classista da questão, por sua vez não perdem de vista certas tristes realidades do mundo do trabalho americano. Este caso, na verdade, evidencia, muito claramente, a fraqueza dos trabalhadores frente às prepotências dos grandes grupos, que no Sul do país se permitem um comportamento de gangsters, como há muitos anos deixou de se ver na Europa. Mostra também à evidência que iniciar negociações não significa construir um sindicato, que está tudo ainda por fazer no Sul, e que, uma vez firmado um contrato, será impossível não só alargá-lo a outras fábricas mas aplicá-lo mesmo na firma onde foi assinado, se não existirem (e de momento não existe no Sul) uma perfeita consciência e uma clara solidariedade sindicais. Por agora, sindicalistas ACTWU operam em 24 das fábricas Stevens com resultados encorajantes.

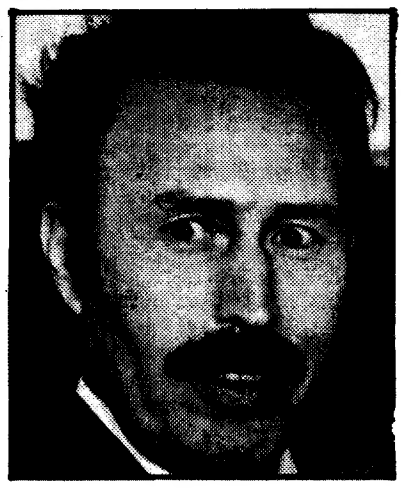


VIOLÊNCIA "PUNK"

Sid Vicious, uma estrela do «punk rock», resolveu passar para a vida prática a violência subjacente a esta corrente musical e que se traduz nos ornamentos nazis com que os elementos «punk» se deliciam. Num hotel de Manhattan apunhalou mortalmente a namorada, Nandy Spungen. Vicious, de 21 anos, ex-guitarrista do Sex Pistols, readquiriu no tribunal o seu verdadeiro nome – John Ritchie. A foto da Feriaque mostra-nos Sid Vicious passeando por Londres em Fevereiro passado.

BOATOS À VOLTA DE BUMEDIENNE

O presidente argelino, Huari Bumedienne (na foto da Keystone), esteve esta semana em foco: as agências noticiosas descobriram de repente que ele não aparecia desde o dia 24 de Setembro passado e desataram a fazer mil e uma conjecturas: teria sido destituído por um golpe de Estado? Estaria muito doente? Estava, afinal, de visita a Moscovo, onde foi recebido por Brejnev e onde discutiu o problema do Médio Oriente e questões de interesse para os dois países.

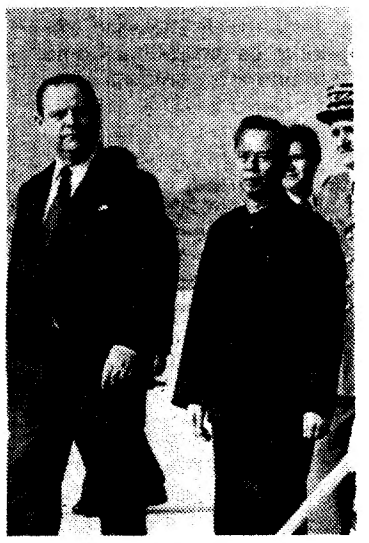


NOVA GALERIA DE ARTE EM PARIS

O industrial franco-saudista, Akram Ojjeh, presidente da sociedade TAG (Técnica de Vanguarda) e a quem a França está muito grata, porque lhe conseguiu vender o paquete «Brance», inaugurou agora uma galeria de arte em Paris: a «Tag Art's Gallery». A nova galeria apresenta uma colecção original de pinturas reproduzida por meio da «pictografia», um processo original e exclusivo do fotografo Gerard Delorme. Na foto Keystone: um aspecto da inauguração-Paul Guth, presidente do Comité Internacional das Artes, rodeado pelo filho de Ojjeh, Akram Mansour (à esquerda) e pelo fotografo Gerard Delorme.

NEGÓCIOS DE ARMAS ENTRE PARIS E PEQUIM

Os sucessores de Mao preparam-se para a guerra, que consideram inevitável, e para a modernização da economia chinesa, que consideram necessária. A fim de alcançarem esses dois objectivos, lançam-se numa grande ofensiva diplomática junto dos países ocidentais e alargam a sua cooperação até ao Chile de Pinochet. Um grande negócio de armas foi agora anunciado entre Paris e Pequim: os chineses comprarão cinco mil mísseis terra-ar aos franceses e batem-se pela aquisição de 50 caças «Mirage F-1». Uma importante e volumosa delegação militar chinesa andou no ano passado percorrendo as fábricas de armamento francesas. Múltiplas visitas oficiais têm sido trocadas entre Paris e Pequim, esperando-se para breve a visita do próprio presidente Hua Kuo-feng. Este mês, os franceses receberam um dos vice-primeiros-ministros, Fang Yi, que vemos nesta foto AFP,



quando, acompanhado pelo primeiro-ministro, Raymond Barre, recebia as honras militares da praxe.

EXCLUSIVO

N.º 43/78